



**INSTITUTO
FEDERAL**
Rio Grande
do Sul

\\ Revista da Pró-reitoria de Extensão do IFRS

\\ Ano 5 | N° 5 | novembro 2017

Viver IFRS

ISSN 2318-9665
e-ISSN 2318-9665



REPORTAGEM

Diferentes olhares
para o meio ambiente
Carine Simas e Fabiana Donida

09



RELATOS DE EXPERIÊNCIA

21



Meio Ambiente
&
Sustentabilidade

ISSN 2318-9665
e-ISSN 2318-9665

Viver IFRS

Revista da Pró-reitoria de Extensão do IFRS

Meio Ambiente & *Sustentabilidade*

\\ Ano 5 | n° 5 | novembro 2017

Expediente

ViverIFRS

**Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia
do Rio Grande do Sul – IFRS**

\\Reitor

Oswaldo Casares Pinto

\\Editora

Silvia Schiedeck

\\Pró-reitora de Extensão

Viviane Silva Ramos

\\Fotos capa e entrada de capítulos

Arquivo IFRS

\\Comissão Editorial

Viviane Silva Ramos

Cibele Schwanke

Getulio Jorge Stefanello Júnior

Josiane Roberta Krebs

Silvia Schiedec

Maurício Polidoro

Nícolás Fonseca

David Matos Milhomens

\\Projeto Gráfico e Diagramação

Oberti Ruschel

\\Revisão

Lisiane Delai

Ivair Nilton Pigozzo

Simone Weide Luiz

Diziane de Aguiar Raupp

\\Comissão Técnica

Carine Simas da Silva

Caroline Cataneo

Fabiana Carvalho Donida

Lisiane Delai

Mariângela Barichello Baratto

Melina da Silveira Leite

Oberti Ruschel

Rosângela Ferreira

\\Impressão

Eletrônica

\\Endereço

Rua General Osório, 348 - Sala 601 - Centro

CEP: 95700-000 - Bento Gonçalves/RS

Telefone: (54) 3449-3315

proex@ifrs.edu.br

<https://periodicos.ifrs.edu.br/index.php/ViverIFRS>



Ficha catalográfica elaborada pelo bibliotecário David Matos Milhomens CRB 14/1268

Viver IFRS / Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul. Pró-Reitoria de Extensão. - V. 5, n. 5 (jan./dez. 2017) – Bento Gonçalves: IFRS, 2013-.

Anual.

Disponível: <https://periodicos.ifrs.edu.br/>

ISSN 2318-9665

eISSN 2318-9665

1. Extensão universitária - periódicos. I. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul. Pró-Reitoria de Extensão.

Editorial

A Pró-reitoria de Extensão (Proex) do Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS) e colaboradores neste projeto desafiador e gratificante sentem-se, mais uma vez, entusiasmados e contentes em poder compartilhar com a comunidade acadêmica e com a sociedade o quinto número da revista “Viver IFRS”.

A publicação está “de cara nova”. A proposta que lhes é apresentada decorreu da necessidade de darmos a um dos produtos do nosso fazer extensionista um caráter mais leve, moderno e atraente, motivando o leitor a querer apreciá-lo com mais gosto. Para isso, contamos com o trabalho sensacional e abnegado do setor de criação do Departamento de Comunicação da Reitoria do IFRS, especialmente do programador visual Oberti Do Amaral Ruschel e da publicitária Mariângela Barichello Baratto.

O tema “Meio Ambiente e Sustentabilidade” foi eleito pela Comissão Editorial como o mais adequado para esta edição. “Meio Ambiente” é uma das áreas temáticas da extensão na Política de Extensão Universitária da Rede Nacional de Extensão (Renex). Recentemente, foi reconhecido como área temática da extensão no IFRS, a partir da aprovação da nossa Política de Extensão pelo Conselho Superior.

Portanto, muitas ações (programas, projetos, cursos e eventos) de extensão estão sendo desenvolvidas nos campi da instituição, todas elas extremamente qualificadas, tendo como área temática principal ou secundária o meio ambiente. Outras ações institucionais igualmente dialogam com o assunto central desta edição, como a campanha “Mundo Melhor”, do Departamento de Comunicação da Reitoria, que propõe à comunidade acadêmica a difusão de boas práticas voltadas à preservação do meio ambiente e à sustentabilidade.

Assim, por entendermos o tema relevante para a formação integral dos nossos estudantes e pertinente com o que fazemos cotidianamente, seja na extensão, no ensino, na pesquisa ou na gestão, o elegemos para este número da revista. A partir dele, as jornalistas Carine Simas da Silva e Fabiana Carvalho Donida produziram, com muita competência, a reportagem “Diferentes olhares para o meio ambiente”, complementada com relatos de experiências de ações extensionistas alinhadas a essa temática.

Entretanto, como nas edições anteriores, a revista contempla, também, relatos de experiências que evidenciam nossas ações em outras áreas temáticas da extensão. São o produto do trabalho realizado por estudantes e servidores no fundamental e permanente diálogo com suas comunidades de abrangência, obedecendo, assim, às diretrizes da extensão, sem perder de vista as finalidades e características do IFRS como instituição de educação profissional, científica e tecnológica, pública e gratuita. Damos mais um passo rumo à ampliação e à consolidação da divulgação interna e externa das experiências extensionistas aqui produzidas.

A outra importante inovação deste número é que a submissão dos relatos de experiências foi realizada, exclusivamente, pelo Portal de Periódicos do IFRS. Dessa forma, inauguramos uma nova sistemática de gestão dos textos apresentados pelos extensionistas, o que impactou nos processos de avaliação e de revisão. Como consequência, esta nova versão, em seu formato digital, passa a ser acessada e visualizada pelos leitores no endereço eletrônico <https://periodicos.ifrs.edu.br/index.php/ViverIFRS>.

Enfim, esta edição da “Viver IFRS” está totalmente repaginada em vários aspectos, que passam por seu layout e por novos processos para a sua elaboração e leitura. Infelizmente, devido à redução no orçamento da Extensão em 56% (cinquenta e seis por cento) neste ano, se comparado ao anterior, fruto de uma macropolítica de desvalorização da educação profissional e tecnológica, a revista impressa não tem previsão de circulação.

Ao encerrar, ressalto que, se este projeto se mantém, é porque várias pessoas se dedicam a ele para além de suas atividades profissionais diárias. Por isso, como forma de reconhecimento, nosso agradecimento especial a todos: equipe da Proex, do Departamento de Comunicação, do Setor de Publicações Científicas da Reitoria do IFRS e da Comissão Editorial. Os estudantes e servidores que acreditam neste projeto e, por isso, alimentam a revista com seus relatos, também são merecedores do nosso muito obrigada!

Uma agradável e prazerosa leitura a você que valoriza nosso trabalho com sua atenção e curiosidade!

Viviane Silva Ramos
Pró-reitora de Extensão



Sumário

REPORTAGEM

09 Diferentes olhares para o meio ambiente

Carine Simas e Fabiana Donida

RELATOS DE EXPERIÊNCIA

21 Arena ambiental: fórum de discussões sobre o meio ambiente e questões socioambientais

Cibele Schwanke e Caetano Flores de Moura

27 E-Lixo: da conscientização ao descarte ambientalmente correto

Ana Paula Brandalise, Henrique Montemezzo e Lis Ângela De Bortoli



32 Revitalização de ambientes em unidades escolar e de saúde: reproduzindo e expandindo conhecimentos em comunidades

Cibele Schwanke e Aline K. Nogueira de Souza

38 Extensão articulada com ensino e pesquisa: ações do "Plantas Medicinais – educando para a saúde"

Alexandre da Silva, Andressa Cattani e Raquel Margarete Franzen de Ávila

43



Alimentação escolar saudável: desenvolvimento regional

Marlova Elizabete Balke, Alexandra Balke Cavassola, Juliana C. Giroto e Caroline Samojeden

49 Práticas para melhorias da higiene e qualidade do leite

Janaína Sauthier, Gean Bussolaro e Carla Verônica Vasconcellos Diefenbach

53 Compartilhando saberes e fazeres com turmas da APAE-Osório através da panificação

Flávia Santos Twardowski Pinto, Ana Paula Wagner Steinmetz e Mariana Ribas Sá

57 Pet Terapia com os assistidos da APAE-Getúlio Vargas

Maríndia Zeni e Juliano Hideo Hashimoto

62 Inclusão matemática para crianças com deficiência visual

Rubia Ness

65



Oficina de Libras: uma ação de extensão necessária à sociedade nos diferentes contextos; histórico, político e social · Aline Dubal Machado

70



Relato de experiência do Projeto Compaixão

Kelen Rigo, Onorato Jonas Fagherazzi, Cláudia Soave, Tatiani Secretti, Giovana De Lucca e Sandra Palmeiras

75 Educação, gênero e direitos humanos - Lugar de Mulher é onde ela quiser: protagonismo feminino como fortalecimento da cidadania

Luciane Senna Ferreira e Natália A. de Jesus

80 Programa Despertar: incentivando o empreendedorismo na Restinga com ações de ensino, extensão e pesquisa

Dhienifer Drieli O. da Silva, Shana S. Flores, Renato K. Colomby e Carine Ivone Popiolek

85 ARETÊ: Programa de Lazer na Restinga

Cristina Rörig Goulart, Hernanda Tonini, Felipe Lima, Patrícia Georgina Colvara Paiva, Evandro Santos da Costa e Paulo Ricardo Corrêa Bernardes



89

O reconhecimento da interculturalidade na abordagem estético-pedagógica da cerâmica
Viviane Diehl

95 A indissociabilidade entre Pesquisa, Extensão e Ensino no Programa de Música do IFRS Campus Osório

Agnes Schmeling, João Miguel Erig Bohn, Larissa Dalla Corte Euzebio, Larissa Leffa Fernandes e Yimi Walter Premazzi Junior

101 O olhar do professor no processo de aprendizagem musical

Fernanda Krüger Garcia

105 XXV Encontro Cultural e Tradicionalista dos IF's da Região Sul do Brasil: cultura que promove integração e aprendizagem

Giácomo G. Soares, Danieli Mutzenberg, Márcio Luvison, Cláudia Medianeira Ziegler, Vanda Cristina Basso e Graciele R. da Costa Soares



110

Venha conhecer o nosso *Campus!*

Magali Inês Pessini, Vitor Schilickmann, Daiane Toigo Trentin, Francielli Rossa Mostardeiro, Natalia Mignoni Panisson e Eduardo Benfatto Berna

115 Desenvolvendo percepções por meio da fotografia: o mundo de adolescentes com necessidades especiais visto através das lentes

Walter Karwatzki



121

De viajante a escritor: a extensão impulsionando o registro de experiências de viagem

Sheila Katiane Staudt

128 A transformação social por meio do digital: projeto de extensão na comunidade da Restinga, em Porto Alegre

Bianca Oliveira, Carine Popiolek, Renato Koch Colomby e Shana Flores



132

Clube dos Saberes: um relato de experiência acerca do compartilhamento de saberes formais e informais no *Campus* Porto Alegre - Marla Barbosa Assumpção, Juliana Prediger, Aline Martins Disconsi e Eloisa Solyszko Gomes

138 O Coletivo Autônomo de Sociologia do *Campus* Restinga do IFRS

Graziele Ramos Schweig e Freddy Cuzco

143 Formação Docente: Desafios e Reflexões

Aline Silva de Bona

146 Iniciação a Docência: um primeiro passo para o futuro Professor de Matemática

Aline Silva de Bona

152 Uma atividade de extensão em educação continuada: um foco experimental no ensino de óptica no Ano Internacional da Luz

Luci Fortunata Motter Braun e Thomas Braun



156

Curso de extensão em Visual Merchandising
Regiane Dalarosa

160 Minicurso de extensão: gerenciamento de projetos em multissegmentos

Victor Meireles Alves e Antônio Carlos da Costa Valente

\\ Reportagem

*“Abrace
essa ideia o
Meio Ambiente
agradece”*

Diferentes olhares para o meio ambiente

Reportagem:

Carine Simas e Fabiana Donida

A preocupação em valorizar, preservar e recuperar o meio ambiente é multidisciplinar e pode estar presente em iniciativas tão variadas quanto a criatividade humana. As ações de extensão do Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS) representam essas inúmeras possibilidades. Projetos, programas, cursos e eventos envolvem as questões ambientais nas artes, na agricultura, na literatura, na moda... Cada uma a sua maneira, contribuindo para despertar um olhar mais atento à natureza por parte de estudantes, servidores e da comunidade externa.

A pró-reitora de Extensão do IFRS, Viviane Silva Ramos, salienta que meio ambiente é uma das oito áreas temáticas da extensão (juntamente com Comunicação; Cultura; Direitos Humanos e Justiça; Educação; Saúde; Tecnologia e Produção; e Trabalho) destacadas na Política de Extensão do Instituto. Lembra que o tema é central também na campanha Mundo Melhor IFRS, criada para estimular reflexões sobre como as atitudes de cada um impactam no presente e no futuro. No site <http://comunica.ifrs.edu.br/mundomelhor/>, são incentivadas e divulgadas boas práticas das unidades do Instituto. Um exemplo são os cartazes e e-mails chamando a atenção para o consumo consciente de materiais como impressos, copos descartáveis e sacolas plásticas. Divulgados aos servidores da Reitoria, obtiveram bons resultados, entre eles a redução no número de cópias monocromáticas, de

quase 25%, no primeiro semestre de 2017, em comparação com igual período do ano anterior.

“Ações de extensão envolvem questões ambientais e artes, agricultura, literatura, moda...”

E como a extensão é indissociável do ensino e da pesquisa no IFRS, as ações de conscientização ambiental se dão também na sala de aula e na ciência. Das finalidades expressas na missão do IFRS, consta: “promover a produção, o desenvolvimento e a transferência de tecnologias sociais, notadamente as voltadas à preservação do meio ambiente”. Essa consideração serve como balizadora das análises dos projetos pedagógicos dos cursos e está presente no Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI). A educação ambiental ainda é prevista como conteúdo de componentes curriculares ou trabalhada de forma transversal nas disciplinas, além dos cursos específicos na área.

Você sabia?

A Lei 9.795, de 1999, dispõe sobre a educação ambiental e enfatiza que deve estar presente em todos os níveis e modalidades do processo educativo, em caráter formal e não-formal. A legislação determina às instituições educativas a promoção da educação ambiental de maneira integrada aos programas educacionais que desenvolvem. Em relação aos cursos de formação e especialização técnico-profissional, por exemplo, diz que necessitam ter incorporados conteúdos sobre a ética ambiental das atividades profissionais a serem desenvolvidas.

Conhecimentos para o Enem e para a vida

Uma oportunidade para complementar os conhecimentos sobre questões ambientais e assim reforçar a preparação em relação aos conteúdos previstos na matriz de referência do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem). Esse foi um dos objetivos do projeto de extensão “Oficinas ambientais para ensino médio: uma ferramenta preparatória para o Enem e para a conscientização ambiental de estudantes”, desenvolvido no ano de 2016 no *Campus Sertão*, sob coordenação da professora Naiara Miotto. Ao mesmo tempo, os alunos dos cursos de Tecnologia em Gestão Ambiental e Licenciatura

em Ciências Biológicas do *campus* reforçaram os conhecimentos, atuando como bolsistas.

Participaram alunos do 3º ano da Escola Estadual de Ensino Médio Ponche Verde do município, e estudantes do curso Técnico em Agropecuária - Integrado ao Ensino Médio, estes por meio de um projeto do ensino coordenado pela professora Jeonice Techio.

As oficinas contaram com experimentos práticos, resoluções de questões de vestibular e dinâmicas para a exposição do conteúdo. Ao final do projeto, foi aplicado um simulado com questões do Enem envolvendo as temáticas abordadas. Naiara avalia que as oficinas contribuíram na construção do conhecimento sobre aspectos ambientais, pois os estudantes obtiveram um bom desempenho no simulado, mas os benefícios vão além: “O projeto tem uma grande importância por ser um mecanismo promotor da educação ambiental, despertando a sensibilidade para questões ambientais e, assim, contribuindo na formação de cidadãos responsáveis e conscientes das problemáticas e perspectivas ambientais atuais”, declara Naiara.



← **Figura 1.** Bolsista Thaine: oportunidade para exercitar futura profissão e ampliar a conscientização ambiental.
Fonte: Acervo IFRS - Campus Sertão.

A experiência foi positiva também para os estudantes do IFRS bolsistas. Thaine Bozzetti dos Santos, licencianda em Ciências Biológicas, conta que teve certeza de que está no curso certo: “Foi minha primeira experiência como bolsista. O projeto nos exigiu muito estudo e pesquisa, até porque todo o conhecimento que adquirimos em nossas pesquisas passamos para outros alunos. Como futura professora, ajudou-me a ter certeza de que estou no curso certo, pois tive oportunidade de estar em uma sala de aula e falar sobre um dos assuntos que mais gosto, que é o meio ambiente”, conta. Thaine cita também comprometimento, paciência e maior conscientização ambiental como aprendizados.

Clube estimula a ler e refletir

Reunidos, estudantes do *Campus* Porto Alegre pensam e debatem sobre questões ambientais a partir da leitura comparativa de artigos científicos e textos publicados na mídia. Assim são os encontros do “Clube de Leitura: Ambiente e Sociedade”, evento de extensão coordenado pela docente Cibele Schwanke e concretizado pelos bolsistas do Programa de Educação Tutorial (PET). As atividades são abertas à comunidade externa.

O objetivo geral é incentivar práticas de leituras, debates, trocas de saberes e reflexões sobre o ambiente e a sociedade, instigando o grupo a observar o quanto as pessoas interferem no meio ambiente e como isso afeta a sociedade.

O Clube de Leitura teve início em 2016 e continua a ocorrer no ano de 2017. Cibele explica que as datas de encontro e as temáticas foram definidas a partir de questionários disponibilizados para a comunidade do *campus* e externa. “Nas atividades, é estimulada uma leitura crítica e o grupo busca perceber as diferenças na abordagem do artigo científico e do texto midiático”, conta. Ela diz que os participantes avaliam positivamente os eventos.

📍 **Figura 2.** Estudantes e comunidade debatem sobre meio ambiente e sociedade. **Fonte:** Acervo Pet-conexões Gestão Ambiental.



A estudante de Tecnologia em Gestão Ambiental Daniela Forgiarini da Silva participa desde o início e destaca o aprendizado de debater sobre diversos assuntos, de forma não violenta e através da leitura. “Construímos a ideia de ser um mediador de conflitos, um dos principais atributos na área da gestão ambiental. Aprendemos a conversar com pessoas de diversas áreas e conseguir defender nossas ideias com uma comunicação não violenta.” E isso tem a acrescentar no crescimento pessoal e profissional.

Impactos ambientais e a moda

Moda e meio ambiente: no *Campus* Erechim, esses dois assuntos estão frequentemente relacionados, tanto em ações que buscam envolver a comunidade externa quanto nas aulas dos cursos de Tecnologia em Design de Moda, Técnico em Produção de Moda e Técnico em Modelagem do Vestuário. A coordenadora do curso de Design de Moda, Fernanda Caumo Theisen, explica que os impactos ambientais e sociais oriundos da cadeia produtiva de moda são expressivos e por isso há a preocupação em promover um olhar sustentável dos estudantes e dos consumidores.

A edição 2016 do Erechim Moda Show é um dos exemplos desta atuação do *campus*. O evento teve como temática “moda, consumo e consciência”, abordada nas palestras e nos concursos realizados, dos quais os alunos participaram. O Erechim Moda Show é promovido pelo Sindicato das Indústrias do Vestuário do Alto Uruguai, com a parceria do *campus* – como uma ação de extensão – e da prefeitura do município.



➔ **Figura 3.** Vestido feito pela aluna Patrícia Sorgatto com conceitos de sustentabilidade venceu o concurso “Novos designers da moda” no Erechim Moda Show 2015.
Fonte: Acervo do IFRS - Campus Erechim.

A professora Priscila Gil Wagner, coordenadora da ação pelo *campus*, explica que se trata de uma oportunidade de aproximar empresas e estudantes, sempre tendo uma temática relevante como abordagem principal. “O assunto sustentabilidade foi uma solicitação das próprias empresas do vestuário. Elas reconhecem uma demanda crescente dos consumidores pela preocupação com o meio ambiente”, afirma. As atividades ressaltaram às empresas que, além de tecidos e máquinas menos agressoras do meio ambiente, é possível adotar práticas ambientalmente corretas. Entre elas, Priscila cita o foco nas vendas locais, reduzindo o gasto de combustíveis e a poluição, fatores enfatizados também à comunidade.

No evento de 2016, os alunos ainda puderam expor produtos desenvolvidos utilizando tecidos descartados pelas empresas de confecções da região do Alto Uruguai, por meio do projeto de ensino Sustentabilidade na Moda. “As indústrias da região foram mobilizadas para a reflexão acerca da sustentabilidade e da moda, como os designers de moda podem oferecer soluções inovadoras e criativas e contribuir para a mudança do cenário atual por meio de práticas ambientais corretas e processos para o desenvolvimento de produtos sustentáveis”, avalia Fernanda Theisen.

Neste ano de 2017, houve a participação do *campus* no *Fashion Revolution Week*, um movimento global de conscientização, o qual incentiva os consumidores a questionarem quem fez as roupas que eles usam. “Em parceria com o *Fashion Revolution*, os cursos da área da moda integraram o Projeto Bandeira de Retalhos, fazendo a co-criação de uma bandeira a partir de resíduos têxteis”, conta a coordenadora do curso de Design de Moda. A bandeira esteve exposta no *campus* e no centro da cidade, juntamente com informações da cadeia produtiva do setor e um bazar de trocas enfatizando o consumo consciente.

📌 **Figura 3.1.** Bandeira estimula consumidores a refletir sobre processos da produção de moda.
Fonte: Acervo do IFRS - Campus Erechim.



Além dessas iniciativas, há disciplinas específicas que trabalham a educação ambiental abordando diferentes questões e estimulando muitas reflexões.

Sustentabilidade e agroecologia

O tema “Sustentabilidade e Agroecologia” foi abordado em um curso de extensão no *Campus* Ibirubá em novembro de 2016. O interesse superou as expectativas e houve 40 inscritos para as 20 vagas ofertadas. Aulas teóricas e práticas trataram sobre desenvolvimento sustentável, modelos de agricultura de base ecológica, educação ambiental, entre outros assuntos, e estimularam os participantes a atuarem como multiplicadores junto à comunidade. Na turma estavam professores das redes estadual e municipais da região, estudantes, agricultores, profissionais das áreas ambiental e de educação, representantes de sindicatos rurais e organizações não-governamentais.

O coordenador do curso, professor Eduardo Montezano, destaca a aproximação do *campus* com a comunidade como um dos benefícios da iniciativa: “Conseguimos atender um público que normalmente não faria parte do dia-a-dia da instituição”. E os alunos levaram os aprendizados para o seu cotidiano. Saionara da Costa Meinen, uma das estudantes, cita o conhecimento dos professores e a troca de experiências com os colegas como aspectos marcantes.

📍 **Figura 4.** Oficina de compostagem foi uma das atividades práticas do curso. **Fonte:** Eduardo Montezano.



Segundo Eduardo, o curso fortaleceu os trabalhos já desenvolvidos no *campus* relacionados à temática. Desde abril de 2015, servidores interessados formavam o Grupo de Estudos em Agroecologia e a iniciativa foi institucionalizada em 2017 no projeto de extensão Núcleo de Estudos em Agroecologia do IFRS - *Campus* Ibirubá (NEA). “Alguns membros externos que participam efetivamente dos encontros quinzenais do NEA são egressos do curso de extensão”, observa Eduardo. É o caso da estudante Saionara.

Foi concretizada ainda a relação entre ensino, pesquisa e extensão, já que as aulas práticas envolveram projetos institucionais, a exemplo da coleção didática de sementes crioulas (projeto de ensino), do horto da biodiversidade e plantas medicinais (projeto de extensão), das plantas de cobertura e adubos verdes no manejo de pomares (projeto de pesquisa).

Interações entre arte e meio ambiente no *Campus* Sertão

Reivindicar um olhar mais apurado e sensível para a natureza do *Campus* Sertão e propor mudanças sutis em elementos que a compõem, explorando possibilidades expressivas de materiais orgânicos nela encontrados. Esse estudo foi desenvolvido com os alunos do primeiro ano do curso técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio, durante as aulas de artes, no projeto de extensão “Interação entre arte e meio ambiente no *Campus* Sertão”. As atividades ocorreram no ano de 2016, sob a coordenação da professora Elisa Iop.



📌 **Figura 5.** Experimentações artísticas com materiais orgânicos na natureza. **Fonte:** Elisa Iop.



As experimentações artísticas se deram com folhas, flores, frutos, terra, pedras, entre outros materiais, na paisagem natural do *campus*. O objetivo foi compreender as relações entre arte e meio ambiente a partir de uma interação harmônica realizada na natureza com ela mesma. Os resultados foram apresentados através de registros fotográficos em exposições e na Mostra Cultural do IFRS.

Segundo a coordenadora, esses trabalhos propõem mudanças sutis em elementos que compõem a natureza do *campus* mediante a exploração das possibilidades expressivas dos próprios materiais orgânicos nela encontrados. Para a professora, o projeto contribuiu para que os estudantes percebessem que a arte é uma ferramenta importante para o ativismo ambiental, pois desenvolveram um processo criativo construído de mãos dadas com a própria natureza. “Os registros fotográficos resultantes dos trabalhos desenvolvidos pelos estudantes configuram-se como uma celebração à beleza da natureza, nos alertando para a importância da sua preservação”, afirma Elisa.

Outro desdobramento do projeto foi a intervenção artística realizada durante a Semana da Cultura Indígena pelo aluno do curso de Zootecnia, Alex de Conto Zampiron, com a colaboração do indígena Marlon de Freitas Pandolfo, acadêmico do curso de Agronomia, que compartilhou suas vivências e conhecimentos com relação ao povo Kaingang. “A intervenção foi realizada com tintas naturais (carvão, corallal e açafraão) nos troncos das árvores em frente ao prédio central do *campus* e buscou dar visibilidade à forma de organização social kaingang”, relata Elisa.

☞ **Figura 5.1.** Experimentações artísticas com materiais orgânicos na natureza.
Fonte: Elisa Iop.



☝ **Figura 5.2.** Intervenção destacou cultura indígena.
Fonte: Elisa Iop.



📍 **Figura 6.** Totem permite carregar dispositivos móveis. *Fonte:* Nícolhas Fonseca.

Energia solar presente no *Campus Farroupilha*

Texto: Nícolhas Fonseca

Sabe aqueles momentos em que a bateria do seu celular está em 2% e você precisa do *mobile* urgentemente? No IFRS - *Campus Farroupilha*, foi instalado, em maio de 2017, um totem abastecido por energia solar, com seis saídas USB, pelas quais o usuário pode plugar seu dispositivo móvel e recarregá-lo. A iniciativa é do Grupo de Pesquisas Aplicadas em Energias Renováveis (GPAER) do *campus*, capitaneado pelos professores Fernando Hoefling do Santos e Ivan Jorge Gabe.

O totem é constituído por uma placa solar fotovoltaica ligada a um regulador de carga, que tem as funções de obter a máxima energia disponível, controlar a carga das baterias de armazenagem e alimentar o circuito eletrônico que disponibiliza as condições ideais para a utilização das saídas USB.

O projeto da estrutura metálica foi concebido e construído durante o estágio curricular da aluna Ana Souza, do curso Técnico em Metalurgia, sob orientação do professor João Carlos Brancher Bertinello. O módulo fotovoltaico foi doado pela empresa Silvestrin Frutas; as madeiras de acabamento são provenientes de paletes usados pela empresa Bigfer e os demais equipamentos e materiais são de reaproveitamento de projetos de pesquisa do GPAER.

Está em fase de planejamento a colocação de murais interativos, com *tablets*, no totem, com informações diversas sobre a instituição, também alimentados pelo sistema fotovoltaico. Essa ideia faz parte do TCC do discente Aurélio Grisson, do curso de Engenharia de Controle e Automação, sob orientação do professor Gabe.

Outros projetos no *campus*

Na área de energias renováveis, ocorre no *campus* Farroupilha, entre os diversos projetos com o tema, a ação de extensão Tempestade Solar. Indissociada com a pesquisa, a iniciativa busca aproximar professores da rede municipal para capacitação e fomentar o assunto nas escolas da cidade. O projeto conta com os bolsistas alunos da Engenharia de Controle e Automação Fabiano Frosi e Júlio De Bona.

Um sistema de aquisição de dados sobre módulos fotovoltaicos fixos está sendo desenvolvido para o público em geral, por meio de uma plataforma web criada pelos alunos do curso Técnico em Informática Integrado ao Ensino Médio, resultando em um recurso didático importante para o uso em aulas e oficinas sobre o assunto.

Diversas ações são desenvolvidas pela GPAER no *campus* e com parcerias externas. Algumas delas foram de estudo de viabilidade para implementação de sistemas fotovoltaicos, assim como a instalação de sistema piloto no estacionamento do *campus* proveniente de energia solar e lâmpadas LED. Os projetos envolvem alunos e, muitas vezes, trabalhos de conclusão de curso. ■

Meio ambiente

“O meio ambiente é o conjunto de componentes físicos, químicos, biológicos e sociais capazes de causar efeitos diretos ou indiretos, em um prazo curto ou longo, sobre os seres vivos e as atividades humanas”.

Fonte: Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente celebrada em Estocolmo, em 1972.

Sustentabilidade

“O termo sustentabilidade busca suprir as necessidades presentes sem comprometer a capacidade das gerações futuras de atender suas próprias necessidades. A sustentabilidade está associada à manutenção do capital natural dos ecossistemas”.

Fonte: Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (Rio-92).

Seja mais sustentável! Dicas de ações simples:

- Leve sua caneca/copo para o trabalho, escola ou evento.
- Prefira comprar produtos com embalagens recicláveis.
- Prefira consumir produtos locais, pois além de contribuir para fortalecer a economia local, economiza-se o custo com o transporte.
- Faça a separação dos resíduos corretamente ao descartá-los.
- Verifique na sua cidade onde existem pontos de coleta para resíduos especiais tais como óleo de cozinha, resíduos eletrônicos, medicamentos, pilhas e baterias, lâmpadas.
- Existem muitas alternativas para reaproveitamento das embalagens: artesanato, utensílios para o dia a dia. Exercite a criatividade e ainda economize!
- Faça pequenos trajetos a pé ou de bicicleta.
- Utilize o transporte público.
- Se precisar ir de carro, ofereça ou vá de carona.
- Economize água e energia.
- Economize nas impressões. Antes de imprimir, veja se realmente é necessário.
- Plante seu alimento. Existem temperos/hortaliças que se adaptam mesmo em pequenos espaços. Invista em sua saúde!
- Reaproveite, customize as suas roupas ou então doe a quem precisa.

Fontes: professores do Curso Técnico em Meio Ambiente do IFRS *Campus* Porto Alegre Cassiano Pamplona Lisboa, Elisabeth Ibi Frimm Krieger, Luiz Felipe Velho, Magali da Silva Rodrigues, Renata Dias Silveira, Simone Caterina Kapusta, Telmo Francisco Manfron Ojeda.

\\ Relatos de Experiência



Arena ambiental: fórum de discussões sobre o meio ambiente e questões socioambientais¹

Cibele Schwanke², Caetano Flores de Moura³

RESUMO

O presente relato apresenta uma reflexão sobre uma ação extensionista, realizada sob a forma de evento, desenvolvida junto à comunidade Vila Nossa Senhora das Graças, localizada no Bairro Cristal, no município de Porto Alegre (RS), que vive em situação de risco e vulnerabilidade socioambiental. O evento “Arena Ambiental: fórum de discussões sobre o meio ambiente” foi realizado em 2015 e teve como objetivo criar ambientes de aprendizagem em educação ambiental, tendo como base a indissociabilidade pesquisa – ensino – extensão, a relação dialógica com a comunidade, a formação cidadã e a formação integral dos discentes envolvidos. A partir da educação ambiental, como campo de estudo, pesquisa e ações coletivas, promoveu-se uma série de encontros com temáticas ambientais específicas, estimulando o senso crítico da comunidade, oportunizando momentos de reflexões, trocas de vivências, fortalecimento de vínculos e reconhecimento de atores sociais fundamentais para o desenvolvimento dos projetos de extensão e de pesquisa vinculados.

Palavras-chave: Educação ambiental. Sustentabilidade. Proext. Educação tutorial.

¹ Pet-Conexões Gestão Ambiental (MEC/SESu/Secad), AGITA na Juventude (MEC/Proext/2015; Edital Proex/IFRS 444/2014), Desenvolvendo estratégias para a criação de espaços sustentáveis em comunidades atendidas pelo PISA (Edital Proex/IFRS 444/2014; Edital Proppi 001/2015).

² Doutora em Ciências pela UFRGS. Docente dos Cursos de Licenciatura em Ciências da Natureza, Curso Superior de Tecnologia em Gestão Ambiental e dos Cursos Técnicos em Meio Ambiente e em Biotecnologia no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) - Campus Porto Alegre. cibele.schwanke@poa.ifrs.edu.br

³ Estudante do Curso de Tecnologia em Gestão Ambiental no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) - Campus Porto Alegre e bolsista do Grupo Pet-Conexões Gestão Ambiental. caetanofdm90@gmail.com

A crise do meio ambiente, a educação ambiental e a educação tutorial

Observando as problemáticas ambientais que atingem grande parte das metrópoles na atualidade, é visível e urgente a necessidade de mudanças diante das questões socioambientais, no sentido de permitir uma relação mais harmônica entre as pessoas e o ambiente onde vivem. Tais mudanças exigem esforços coletivos da sociedade, de órgãos públicos e do campo educacional, seja formal ou não-formal.

O processo de urbanização das cidades acabou por segregar o espaço urbano, no qual é possível visualizar as desigualdades sociais, onde os mais ricos ocupam os espaços regulares e com infraestrutura satisfatória e os mais pobres ocupam os espaços irregulares e sem a infraestrutura adequada. Essa ocupação irregular sujeita as populações mais carentes a se instalarem em áreas que apresentam sérios riscos ambientais, tais como enchentes, escorregamentos de encostas, contaminação do solo e das águas pela disposição incorreta de resíduos e, por fim, riscos à saúde. Somando-se a isso, a falta de segurança e de acesso a serviços essenciais e regularização do direito à moradia, amplificam a vulnerabilidade, gerando bolsões de miséria em centros urbanos.

Como destacado por Jacobi (2010, pg. 171): “observa-se um crescente agravamento dos problemas ambientais nas metrópoles, já que o modelo de apropriação do espaço reflete as desigualdades socioeconômicas imperantes, sendo o período marcado pela ineficácia ou mesmo ausência total de políticas públicas para o enfrentamento destes problemas...”. É possível observar esse cenário na comunidade onde a atividade foi realizada, Vila Nossa Senhora das Graças, no Bairro Cristal, em Porto Alegre (Rio Grande do Sul), onde moradores que habitam as margens do Arroio Cavalhada convivem diariamente com os resíduos descartados de forma irregular, lançamento de esgoto doméstico in natura no arroio, suscetibilidade a doenças e exposição a acidentes ambientais. Além disso, a comunidade encontra-se em processo de remodelação urbana, decorrente das obras de saneamento da Prefeitura Municipal de Porto Alegre e seus moradores estão em processo de remoção fundiária. Assim, inserem-se em um espaço em transformação e com todas as inquietudes em relação ao futuro.

Nesse contexto, como podemos colaborar para minimizar as dificuldades de tal comunidade, garantindo a participação efetiva dos discentes? A *Conferência Intergovernamental sobre Educação Ambiental*, em Tbilisi/1977, nos orienta, ao destacar que “a educação ambiental deve ser dirigida à comunidade despertando o interesse do indivíduo em participar de um processo ativo no sentido de resolver os problemas dentro de um contexto de realidades específicas, estimulando a iniciativa, o senso de responsabilidade e o esforço para construir um futuro melhor” (BRASIL, 2017). Já a Educação Tutorial estimula a postura pró-ativa dos alunos, discentes dos cursos de Licenciatura em Ciências da Natureza e de Tecnologia em Gestão Ambiental do IFRS - *Campus* Porto Alegre, apoiando seu protagonismo na resolução de problemas e identificação de potencialidades sociais.

Assim, através da prática da educação ambiental busca-se uma mudança na percepção e postura da comunidade ante as questões socioambientais, visto que os moradores em geral veem a natureza como intocável, sendo o ser humano algo à parte. Nossas ações baseiam-se em uma visão socioambiental que se orienta por uma racionalidade complexa, interdisciplinar e que considera o meio ambiente um campo de interações entre cultura, a sociedade e a base física e biológica dos processos vitais (Carvalho, 2011) e que entende que o gestor ambiental e educadores em ciências podem contribuir para o desenvolvimento de condutas sustentáveis em comunidades vulneráveis.

O evento Arena Ambiental: fórum de discussões sobre o meio ambiente

O evento foi pensado para permitir a integração de ações de ensino, pesquisa e extensão, realizadas em parceria pelo Grupo Pet-Conexões Gestão Ambiental, Programa Agita na Juventude, Programa Integrado Socioambiental (PISA/Prefeitura Municipal de Porto Alegre) e a ONG Casa de Nazaré no âmbito dos projetos de extensão e de pesquisa “Desenvolvendo estratégias para a criação de espaços sustentáveis em comunidades atendidas pelo Programa Integrado Socioambiental”, que propõem a realização de ações que estimulem a redução de consumo de água, de luz e a adoção de práticas de consumo mais sustentável, incluindo o reaproveitamento de alimentos e a utilização dos materiais recicláveis, como papel, plásticos e demais materiais.

Através da organização de um ciclo de palestras, debates, rodas de discussão e atividades práticas, a arena ambiental dividiu-se em quatro eixos básicos: água, energia, resíduos e revitalização, criando contextos de aprendizagem onde os sujeitos eram convidados a interagirem com a temática e também debaterem sobre suas realidades e vivências.

Cada eixo temático representou um grupo de ação que, mediante a pesquisa-ação, apurou, através de um questionário e debates com a comunidade, quais eram as suas necessidades e anseios emergentes. A partir do diagnóstico e identificação das demandas, foram desenvolvidas as seguintes estratégias e formas de abordagem:

- **Eixo temático Água:** com o objetivo de colaborar na percepção individual e coletiva do público, propor uma reflexão crítica das atitudes diárias tomadas pelos participantes (não só no ambiente residencial, como também no âmbito do trabalho) e identificar quais são principais dificuldades individuais para a mudança de hábitos e, a partir disso, conseguir desenvolver uma visão mais sistêmica do ambiente que nos cerca, foi realizada a palestra “A importância da água”, seguida de uma dinâmica educativa sobre o tema.
- **Energia:** visando reduzir o consumo de energia da Casa de Nazaré, sensibilizar o público quanto ao desperdício, estimular práticas de consumo consciente e formar grupos que queriam estimular projetos na comunidade sobre o assunto, realizou-se a palestra “Energia Elétrica”.
- **Resíduos (Figuras 1 e 2):** a palestra “Mídia, consumo e geração de resíduos” teve como objetivos criar espaços para pensar sobre a influência da mídia no que diz respeito aos hábitos de consumo; refletir sobre os hábitos de consumo; compreender a relação existente entre mídia, consumo e geração de resíduos; desenvolver pensamento crítico e possibilitar momentos de trocas de experiências. A palestra “A importância do uso de cascas na alimentação, valores nutricionais e técnicas de aproveitamento” procurou sensibilizar os funcionários da Casa de Nazaré sobre a importância nutricional contida em cascas rejeitadas, despertando o interesse e a criatividade quanto ao assunto e, conseqüentemente, demonstrar técnicas de aproveitamento integral desses materiais a fim de que sejam inseridos no dia a dia da instituição e que os participantes sejam multiplicadores destas ações.



📍 **Figura 1.** Palestra com funcionários da Casa de Nazaré, destacando a importância do aproveitamento integral dos alimentos. Fonte: acervo Grupo Pet-Conexões Gestão Ambiental.



📍 **Figura 2.** Ação prática de aproveitamento integral dos alimentos. Fonte: acervo Grupo Pet-Conexões Gestão Ambiental.

- **Revitalização (Figura 3):** através da palestra “Revitalização de Ambientes” procurou-se levar a comunidade a meditar sobre a importância de cultivar em casa, com baixo custo, plantas medicinais com alto aproveitamento para saúde da família, informando os benefícios de um jardim suspenso, do “relógio do corpo humano” e de um jardim medicinal.
- **Por fim, a palestra ‘Quanto custa o seu lixo?’ levou à comunidade a importância do descarte correto dos resíduos na comunidade.**



📌 **Figura 3.** Atividade demonstrando a possibilidade de construção de um jardim medicinal. **Fonte:** acervo Grupo Pet-Conexões Gestão Ambiental.

Considerações finais

É importante destacar que a ação foi desenvolvida tendo como metodologia investigativa a pesquisa-ação-participante com enfoque na Educação Ambiental que preconiza o processo vivencial, que inclui simultaneamente educação de adultos, pesquisa científica e ação social ou política, e no qual se consideram como fontes de conhecimento a análise crítica, o diagnóstico de situações e a prática cotidiana (BORDA, 1983 *apud* VIEZZER, 2005).

Como resultado, o evento “Arena Ambiental” identificou a iniciativa de moradores preocupados com as questões ambientais, sociais, políticas e econômicas que envolvem o cotidiano da comunidade.

Com isso, foram elencados locais e sujeitos que poderiam colaborar para o desenvolvimento das etapas seguintes do projeto “Desenvolvendo estratégias para a criação de espaços sustentáveis em comunidades atendidas pelo Programa Integrado Socioambiental”.

Tendo em vista os objetivos e resultados obtidos é possível reforçar a importância do diálogo para aproximação de diferentes atores sociais e estudantes, oportunizando uma troca de informações e saberes permanentes, onde o conhecimento tem papel de emancipar o sujeito diante das questões socioambientais.

Através da realização da Arena Ambiental destaca-se a importância da participação de todos os envolvidos no processo, desde a escolha dos temas até a realização participativa nos fóruns de discussão, mostrando assim a importância do protagonismo social e da interação entre os bolsistas e a comunidade. Tal fato reforça o caráter participativo do Grupo PET-Conexões Gestão Ambiental do *Campus* Porto Alegre, onde as atividades são pensadas junto ao público-alvo e o sujeito é convidado a pensar e refletir sobre as atividades propostas, desde a concepção até a sua execução, fazendo com que desta forma sejam respeitadas as diferenças e individualidades de cada grupo. ■

Referências

JACOBI, P. Impactos socioambientais urbanos – do risco à busca de sustentabilidade. *In*: MENDONÇA, F. (Org.). **Impactos Ambientais Socioambientais**. Curitiba: editora UFPR, 2004. p. 169 a 184.

BRASIL. **Declaração de Tbilisi**. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/port/sdi/ea/deds/pdfs/decl-tbilisi.pdf>>. Acesso em: 20/março/2017.

CARVALHO, I. C. de M. **Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico**. São Paulo: Cortez 2011.

VIEZZER, M. L. Pesquisa – Ação- Participante (PAP): Origens e avanços. *In*: FERRARO JÚNIOR, L. A. (Coord.). **Encontros e Caminhos: formação de educadoras (es) ambientais e coletivos educadores**. Brasília: MMA, Diretoria de Educação Ambiental, 2005. p. 279 a 294.

E-Lixo: da conscientização ao descarte ambientalmente correto

Ana Paula Brandalise¹, Henrique Montemezzo², Lis Ângela De Bortoli³

RESUMO

Este artigo apresenta a problemática do lixo eletrônico e duas ações do projeto E-Lixo, conduzido no *Campus Sertão* do IFRS: os jogos educacionais feitos com lixo eletrônico e o E-Museu, museu itinerante de eletrônicos. As ações do projeto visam conscientizar as pessoas sobre o tema e reduzir os impactos ambientais causados pelo descarte inadequado de materiais eletroeletrônicos no meio ambiente. O consumismo desenfreado e a obsolescência programada são os fatores que mais influenciam na quantidade de lixo eletrônico descartado no Brasil e no Mundo. Os jogos ensinam as crianças, o principal público-alvo sobre a problemática do e-lixo. O E-Museu é um museu itinerante que tem como objetivo contar a história e a evolução dos eletrônicos.

Palavras-chave: Lixo eletrônico. Jogos educativos. Museu itinerante. E-lixo. Meio ambiente.

A evolução tecnológica vem crescendo muito nas últimas décadas, e com ela vem uma questão preocupante: o lixo eletrônico. Este, quando descartado inadequadamente pode causar danos ao meio ambiente e à saúde da população. Você pode pensar: “Eu não produzo tanto e-lixo assim!”. E é aí que você se engana. O lixo eletrônico é composto por materiais de pequeno porte como pilhas, celulares, brinquedos com placas e fios eletrônicos, até materiais de maior porte como computadores, máquinas de lavar, televisores, micro-ondas e geladeiras. Esses equipamentos devem ser descartados, reciclados ou reaproveitados com muito cuidado, pois, em sua composição, podem conter metais pesados e elementos químicos altamente tóxicos, como chumbo e cádmio, que podem causar danos à saúde humana, podendo corroer a pele, paralisar órgãos vitais, intoxicar e até levar à morte.

¹ Estudante do curso de Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas do IFRS - *Campus Sertão* e voluntária de extensão. desativadoanapaula@gmail.com

² Estudante do curso de Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas do IFRS - *Campus Sertão* e bolsista de extensão. riquemontemezzo99@gmail.com

³ Mestre em Computação, docente EBTT da área de Informática do IFRS - *Campus Sertão* e coordenadora do projeto de extensão. lis.debortoli@sertao.ifrs.edu.br

O consumismo exagerado, aliado a obsolescência programada, que impõe ao consumidor um curto tempo de uso do produto, são fatores que contribuem expressivamente para o aumento de-
senfreado do lixo eletrônico em todo o mundo.

Preocupados com o problema e cientes da necessidade de conscientizar a população, um grupo de professores e estudantes dos cursos técnicos e superiores das áreas de informática e do meio ambiente do *Campus Sertão*, criou um projeto de extensão para trabalhar a temática. Assim, há mais de cinco anos o assunto vem sendo discutido e várias ações vêm sendo desenvolvidas na comunidade de Sertão. As parcerias com a Prefeitura Municipal de Sertão e com a empresa Recycle de Passo Fundo viabilizam a realização das ações. Por um lado, a prefeitura, por meio das secretarias de meio ambiente e educação, abre espaço nas escolas e na comunidade para que as ações aconteçam. Por outro lado, a empresa Recycle busca, sem custos, o material arrecadado nos mutirões e lhes dá o destino ambientalmente adequado, fechando assim o ciclo de vida útil dos equipamentos. Os mutirões são ações coletivas de auxílio mútuo e caráter gratuito, promovidos todos os anos, normalmente no mês de junho, com pontos de coleta no *campus* e nas escolas do município.

No ano de 2016, várias pessoas da comunidade nos procuraram em busca de equipamentos descartados no mutirão, que ainda pudessem ser utilizados. Assim, vários deles, que ainda estavam em funcionamento, foram doados para pessoas interessadas, enfatizando o lado social do projeto. Os equipamentos, ao invés de serem descartados, tiveram um novo destino, a casa ou o ambiente de trabalho de pessoas sem condições de comprar um novo aparelho. Foram doados televisores, torradeira, estufa, secador de cabelos, cabos USB, receptor de TV, cabos de rede, entre outros.

As ações do projeto visam reduzir os impactos ambientais causados pelo descarte inadequado de materiais eletroeletrônicos no meio ambiente. Além dos mutirões, várias outras ações já foram realizadas no projeto: oficinas de meta-arte (arte com sucata eletrônica), exposições do museu itinerante, educação ambiental com jogos educacionais, apresentação de vídeos e palestras com exposição de artefatos.

Cabe ressaltar que este artigo dará ênfase a duas ações do projeto: os jogos educacionais feitos com e-lixo e o museu itinerante de eletrônicos.

Dinâmica com jogos educacionais

Após a criação do mutirão de coleta em 2013 e o surgimento de um ponto de coleta fixo em 2015, tornou-se necessária uma nova forma de utilização dos materiais arrecadados, visto que o espaço disponível para armazenagem era pequeno e não existia demanda suficiente para que a empresa parceira do projeto fizesse o recolhimento. Dentre tantas ideias surgidas, escolheu-se a confecção de jogos educacionais que ensinassem as crianças, o público-alvo, sobre a problemática do e-lixo. Utilizando, principalmente, pedaços e peças não tóxicos e que não oferecessem perigo às crianças, foram criados três jogos (Figura 1) observando a metodologia proposta pela Resolução CONAMA nº 275/2001 (2001), que estabelece o código de cores para os diferentes tipos de resíduos. Os jogos são:

- **Coleta Maluca:** jogo com característica de competição para crianças a partir dos 6 anos; os estudantes são divididos em grupos com o objetivo de encontrar, em determinado tempo e espaço, o maior número possível de resíduos espalhados, e descartá-los nos coletores corretos de acordo com a cor/tipo; a equipe com maior número de resíduos descartados corretamente será a vencedora.

- **Memória Seletiva:** semelhante ao tradicional “Jogo da Memória”, aplicado para crianças a partir dos 5 anos de idade, é um jogo de cartas onde a criança deve encontrar a combinação correta do resíduo e a cor da lixeira onde ele deve ser descartado; podem participar de dois a quatro alunos.
- **Coleta Radical:** a partir de 6 anos a criança já pode participar desse jogo, que é de tabuleiro, no qual os participantes precisam separar os resíduos por tipo em seus coletores. Cada coletor tem um espaço para os diferentes tipos de resíduos, identificados pelas cores correspondentes. No percurso, além dos diferentes tipos de lixo, aparecerão situações que poderão atrapalhar e outras que irão contribuir para que o jogador alcance o objetivo do jogo, através de cartelas de sorte/azar. Aquele que completar seu coletor primeiro é o vencedor.



📌 **Figura 1.** Jogos educacionais. **Fonte:** Lis Ângela De Bortoli, Ana Paula Brandalise e Henrique Montemezz.

Busca-se a partir dos jogos atingir de maneira mais efetiva o público infantil, pois, segundo Brandalise (2016), as crianças, que ainda estão criando seus conceitos e em pleno processo de aprendizagem, são o público mais importante a ser alcançado. Os jogos são também uma forma de fazer com que as crianças aprendam brincando vários dos conceitos de educação ambiental já abordados no âmbito escolar.

Aplicados em diferentes grupos de crianças, o projeto foi realizado nas escolas do município de Sertão, e também com um grupo de Escoteiros Guaranis e portadores de TEA (Transtorno do Espectro Autista). Em geral, as ações ocorrem em junho, mês do meio ambiente,

quando outras atividades sobre o tema já estão sendo realizadas nas instituições. As turmas são divididas de acordo com o ano em que estudam, ou de acordo com a idade de cada criança. Ao início de cada atividade é realizada uma conversa introdutória sobre o tema, com o objetivo de situar as crianças no principal tópico que será abordado durante a atividade: o e-lixo.

Além da grande receptividade das crianças, que participaram ativamente e quando questionadas sobre os temas abordados demonstraram entendimento, os jogos foram muito bem avaliados pelos professores, pedagogos e orientadores que acompanharam as dinâmicas. Como relatado por uma das psicopedagogas que acompanhou a prática com os portadores de TEA na oficina de aprendizagem a qual eles frequentam em horário inverso ao da escola regular, “durante as atividades eles ficaram atentos, interessados e que esse tipo de material, que envolve o jogo e a aprendizagem, deixa as crianças bastante ligadas. Ver cores, fazer leitura e movimentos com as mãos para manusear a roleta e o dado é muito estimulador, facilitando a aprendizagem”.

Apesar da grande diversidade de crianças com as quais o projeto trabalhou, nenhuma diferença significativa foi encontrada. Através da integração entre teoria e prática, é notável a satisfação tanto de professores como das crianças, pois estes participam intensamente e aprendem de forma muito mais fácil o que lhes foi mostrado.

E-Museu

No ano de 2016 foi criado o E-Museu, museu itinerante de equipamentos eletrônicos. Diferente dos jogos, é apresentado principalmente a adultos, jovens do ensino médio e superior e crianças a partir do 5º ano do ensino fundamental. O E-Museu é formado por equipamentos antigos, coletados nos mutirões do lixo eletrônico promovidos pelo projeto e/ou doados diretamente no ponto de coleta fixo. Atualmente, o museu possui mais de 70 itens, cada um deles catalogado em uma ficha descritiva que contém as características do equipamento, como: modelo, ano de lançamento, fabricante, suas características e o preço de lançamento.

O museu, que é itinerante, pode ser montado, desmontado e levado a qualquer lugar. Já foram realizadas três exposições do E-Museu: no



↑ **Figura 2.** Equipamento do E-Museu e sua ficha descritiva.
Fonte: Lis Ângela De Bortoli, Ana Paula Brandalise e Henrique Montemezz.

↓ **Figura 3.** Visitação ao E-Museu. Fonte: Lis Ângela De Bortoli, Ana Paula Brandalise e Henrique Montemezz.



ginásio de esportes do *Campus* durante o campeonato de futsal promovido pelo DAADS (diretório acadêmico do curso de análise e desenvolvimento de sistemas), na Escola Estadual Ponche Verde de Sertão (para jovens do ensino médio politécnico) e durante a Semana Acadêmica do Curso de Análise e Desenvolvimento de Sistemas, que foi aberta para o público em geral. A Figura 3 mostra uma visita ao E-Museu.

O E-Museu conduz as pessoas que passam por ele a fazer uma visita ao passado, apresentando a evolução tecnológica e a história da computação. Permite também que os visitantes percebam como os equipamentos lançados há pouco tempo se tornam obsoletos rapidamente. O museu se tornou também uma ferramenta de aprendizagem. Além das exposições, professores o usam para aulas das disciplinas de Hardware e de Introdução à Computação.

Considerações finais

Este projeto de extensão apresenta uma forte ligação com o ensino e com a pesquisa. Os equipamentos arrecadados no mutirão são utilizados nas aulas de hardware dos cursos de informática, como objeto de estudo para os estudantes, e o museu itinerante é utilizado como forma de contar a história e evolução da informática, tópico abordado nas disciplinas. As aulas de educação ambiental do curso técnico em manutenção e suporte em informática são voltadas para o tema do lixo eletrônico, tendo como exemplo as ações do projeto. Além disso, dois trabalhos de conclusão do curso de Análise e Desenvolvimento de Sistemas estão sendo desenvolvidos com base no projeto: um site para administrar e divulgar as ações e um jogo educacional eletrônico.

No ano de 2016, foram doados diversos equipamentos arrecadados no mutirão para que os alunos do ensino médio integrado do *Campus* viabilizassem a elaboração de experimentos para a feira de ciências, atividade de ensino do *Campus*. A pesquisa sempre esteve no projeto. Inicialmente foi elaborado um questionário com intuito de diagnosticar o conhecimento da comunidade sobre lixo eletrônico. Os dados obtidos foram analisados estatisticamente e os resultados norteiam as ações. Periodicamente estão sendo buscadas informações atualizadas sobre o tema no Brasil e no mundo, a fim de obter embasamento para as atividades do projeto.

No ano de 2016, visitaram o E-Museu aproximadamente quatrocentas pessoas da comunidade de Sertão. Nas dinâmicas com jogos educacionais, estima-se que a participação foi de cerca de quatrocentos e dez estudantes.

Os principais eventos e atividades do projeto são divulgados através de uma página na rede social *Facebook* (<https://www.facebook.com/lixeletronicoifrs>). Com mais de 1100 curtidas, a página apresenta fotos e notícias sobre o lixo eletrônico e sobre as ações do grupo. ■

Referências

Brandalise, A. P.; De Bortoli, L. Â.; Moraes, T. G. **Educação Ambiental através de jogos educacionais feitos de e-lixo**, 2016. Disponível em: <<http://www.ibeas.org.br/congresso/Trabalhos2016/VII-027.pdf>>. Acesso em: janeiro de 2017.

RESOLUÇÃO CONAMA nº 275, de 25 de abril de 2001. Publicada no DOU no 117-E de 19 de junho de 2001, Seção 1, página 80. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/port/conama/legiabre.cfm?codlegi=273>>. Acesso em: outubro de 2016.

Revitalização de ambientes em unidades escolar e de saúde: reproduzindo e expandindo conhecimentos em comunidades¹

Cibele Schwanke², Aline Keli Nogueira de Souza³

RESUMO

Este relato de experiência apresenta ações realizadas pelos bolsistas dos programas Agita na Juventude e Grupo PET-Conexões Gestão Ambiental do *Campus* Porto Alegre do IFRS, formado por discentes dos cursos superiores de Tecnologia em Gestão Ambiental e Licenciatura em Ciências da Natureza, tutorado pelo princípio da indissociabilidade, pesquisa, ensino e extensão, fazendo assim considerações quanto à importância dessas ações no meio socioambiental. Foram realizadas em parceria com o Programa Integrado Socioambiental (PISA), da Prefeitura Municipal de Porto Alegre e desenvolvidas no âmbito dos projetos de pesquisa e extensão “Desenvolvendo Estratégias para Criação de Espaços Sustentáveis”, iniciado em 2015 no Núcleo São Francisco da ONG Casa de Nazaré, tendo sua continuidade em 2016, na Unidade de Saúde Nossa Senhora das Graças, da comunidade Vila Nossa Senhora das Graças (Porto Alegre/RS), que têm como meta ampliar a percepção dos moradores com relação ao consumo consciente, utilização e descarte de resíduos.

Palavras-chave: Educação ambiental. Revitalização. Meio ambiente. Saúde.

¹ AGITA na Juventude (MEC/Proext/2015; Edital Proex/IFRS 444/2014), Desenvolvendo estratégias para a criação de espaços sustentáveis em comunidades atendidas pelo PISA (Edital Proex/IFRS 444/2014; Edital Proppi 001/2015).

² Doutora em Ciências pela UFRGS. Docente dos Cursos de Licenciatura em Ciências da Natureza, Curso Superior de Tecnologia em Gestão Ambiental e dos Cursos Técnicos em Meio Ambiente e em Biotecnologia no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) - *Campus* Porto Alegre. cibele.schwanke@poa.ifrs.edu.br

³ Estudante do Curso Superior de Tecnologia em Gestão Ambiental e bolsista de extensão do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) - *Campus* Porto Alegre.



Programa Agita – Ações em Gênero, Inclusão, Território e Ambiente na Juventude tem por objetivo desenvolver atividades, visando colaborar para a redução das desigualdades sociais, mediante o desenvolvimento da pesquisa-ação participante no campo ambiental e utilizando a Educação Ambiental (EA) como estratégia de ação. Considerando que o direito a um meio ambiente equilibrado é para todo o cidadão, o presente relato tem como objetivo demonstrar as atividades de revitalização realizadas em uma comunidade em situação de vulnerabilidade ambiental, a partir de demandas identificadas com lideranças comunitárias, integrantes do Projeto Integrado Socioambiental (PISA) da Prefeitura Municipal de Porto Alegre, da ONG Casa de Nazaré e funcionários da Unidade de Saúde da comunidade.

O Programa Agita na Juventude conta com financiamento contemplado por meio do Edital Proext/2015 (MEC/SESu) e é desenvolvido pelo Grupo PET-Conexões Gestão Ambiental do *Campus* Porto Alegre do IFRS. É constituído pelos preceitos da Educação Tutorial (MEC/SESu, Secad) e formado por bolsistas dos cursos superiores de Tecnologia em Gestão Ambiental e Licenciatura em Ciências da Natureza, tutorado pelo princípio da indissociabilidade ensino, pesquisa e extensão. A modalidade PET-Conexões prevê a inserção dos bolsistas em ações voltadas às comunidades em situação de vulnerabilidade social, aproximando suas atividades fortemente à extensão. Seu forte caráter acadêmico e extensionista é fortalecido pela parceria com o Programa Integrado Socioambiental (PISA) da Prefeitura Municipal de Porto Alegre. O PISA trabalha com o reassentamento de aproximadamente 1.680 famílias que residem nas margens do Arroio Cavalhada na zona sul de Porto Alegre, mediante financiamento do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID). A remoção de famílias e atividades econômicas, existentes na localidade, abrangem sete comunidades que vivem em situação de informalidade de ocupação e é necessária para realização de obras de drenagem e revitalização do Arroio Cavalhada. Em decorrência do trabalho social de acompanhamento das famílias atendidas pelo programa habitacional, a equipe de trabalho busca a realização de atividades em quatro frentes específicas: acompanhamento do processo de remoção, mobilização e organização da comunidade, desenvolvimento socioeconômico e educação ambiental.

Considerando que a Política Nacional de Educação Ambiental - PNEA, (BRASIL, 1999) destaca como um dos objetivos fundamentais da Educação Ambiental “o desenvolvimento de uma compreensão integrada do meio ambiente em suas múltiplas e complexas relações, envolvendo aspectos ecológicos, psicológicos, legais, políticos, sociais, econômicos, científicos, culturais e éticos”, bolsistas de extensão, petianos, profissionais do PISA e representantes da comunidade vêm desenvolvendo ações de Educação Ambiental, em espaços formais e não formais no Núcleo São Francisco (unidade da Casa de Nazaré) e com as comunidades em situação de vulnerabilidade socioambiental localizadas no entorno do Arroio Cavalhada, Bairro Cristal, na Zona Sul de Porto Alegre.

A ação “Revitalização de ambientes em unidades escolar e de saúde: reproduzindo e expandindo conhecimentos em comunidades” foi desenvolvido no âmbito do Projeto “Desenvolvendo Estratégias para Criação de Espaços Sustentáveis”, tendo início em 2015 no Núcleo São Francisco e continuidade, em 2016, na Unidade de Saúde Nossa Senhora das Graças. Integrando ações previstas no Programa Agita na Juventude, teve-se como meta a criação de espaços sustentáveis na comunidade, a partir de uma proposta interdisciplinar que contemplasse a indissociabilidade pesquisa, ensino e extensão.

O termo revitalização remete à renovação, recuperação, energia, vigor e foi com essa visão que espaços na comunidade sofreram mudanças visando, sobretudo, acolher, estreitar vínculos e proporcionar a criação de espaços de aprendizagem sobre cidadania, saúde e ambiente. O intuito foi ressaltar a importância de interação das crianças, jovens e adultos da comunidade com o ambiente, e a valorização e respeito do mesmo, além de entenderem que também cumprem um papel essencial

na manutenção desse espaço, aliando gestão ambiental e educação. Nesse sentido, a metodologia utilizada, segue as premissas da pesquisa-ação-participante e de projetos escolares em educação ambiental, enquanto iniciativa que possibilita vivências, reflexões e aprendizagens sobre uma situação socioambiental (ROSA, 2007).

As atividades de revitalização no Núcleo São Francisco

No Núcleo São Francisco as atividades foram direcionadas aos educandos da creche, com idades entre 05 e 07 anos, com apoio de educadores. Iniciou-se com a contação da história “Sementinha que não queria nascer” e com a criação de um diário onde as crianças puderam registrar as atividades do projeto através de desenhos feitos por elas (Figura 1). Uma saída de campo no jardim interno da creche foi realizada e verificou-se que havia um local com muitos resíduos de construção, caracóis e mato, sem aparente cuidado. A partir desta saída, os alunos relataram o desejo de um jardim com plantas e borboletas e, dessa forma, foi identificado o local propício a ser revitalizado.

Nos encontros semanais a seguir, efetuou-se palestras, dinâmicas e oficinas de jardinagem (Figura 2). Foram plantadas mudas de pimentas, temperos, flores, ensinou-se a fazer um canteiro e a reutilizar materiais, como garrafas *pet* e caixas de leite para transplante dessas mudas e, também, confecção de adornos, como borboletas e flores, a reutilização de pneus, para confecção de *puffs*. Foi observado o interesse em aprender e como as crianças ficaram admiradas com a revitalização do jardim, um local que antes não poderia ser frequentado e que se transformou em motivo de satisfação e orgulho por parte de cada um daqueles pequenos aprendizes (Figura 3).

📌 **Figura 1.** Atividades com educandos. **Fonte:** Aline Keli N. de Souza.





📍 **Figura 2.** Oficinas de jardinagem. Fonte: Aline Keli N. de Souza.

📍 **Figura 3.** Ações de revitalização. Fonte: Aline Keli N. de Souza.





As ações de revitalização na unidade de saúde Nossa Senhora das Graças

As ações junto à Unidade de Saúde Nossa Senhora das Graças tiveram início no primeiro semestre de 2016, a partir da demanda da equipe profissional que atuava na unidade e que relatava preocupação com a falta de cuidado com o ambiente no entorno da unidade de saúde, principalmente com o descarte incorreto de lixo em frente à unidade de saúde.

Dessa forma, estabeleceu-se as seguintes metas de ação: revitalizar o jardim interno e entorno da Unidade de Saúde (US), abordar o tema do uso de ervas medicinais como tratamento alternativo, e a construção de um Relógio do Corpo Humano, no qual a comunidade fizesse o cultivo, manutenção, e pudesse se beneficiar do uso dessas plantas (Figura 4).

Após traçar as metas de ação, começou-se à limpeza no entorno da US. No local onde havia um depósito de lixo, iniciou-se um plantio de mudas em pneus reciclados e com essa medida, inibiu-se a comunidade quanto ao descarte de resíduos em local incorreto. Com essa medida inicial, a atenção dos moradores voltou-se para a Unidade de Saúde. Na parte interna, houve a reutilização de pneus velhos, garrafas plásticas, tintas, tijolos recolhidos nas demolições, relacionados ao reassentamento da comunidade. Foi feito o plantio de mudas em pneus, restaurou-se canteiros que estavam abandonados e com os tijolos, foi construído o Relógio do Corpo Humano, uma espécie de jardim com plantas medicinais que devem ser administradas em horários específicos para melhor absorção do organismo (Figura 5). Confeccionou-se um banner e uma cartilha explicativa com as receitas dos chás que ficou exposta na recepção da US para consulta dos usuários locais.

Finalizando o projeto, foi organizado um evento intitulado Feira de Saúde, convidando todos os moradores locais para conhecer o Relógio Biológico do Corpo Humano e participar de palestras de Educação Ambiental, que abordaram os seguintes temas: Como fazer uma composteira caseira; Lar mais Natural (reaproveitamento de talos e folhas de verduras no preparo de alimentos, reutilização de sobras de sabonetes para fazer amaciante, repelente natural para corpo e ambiente etc.); Exposição de fotos do entorno e espaço interno da Unidade de Saúde, fazendo uma

← **Figura 5.** Relógio do Corpo Humano. **Fonte:** Aline Keli N. de Souza.



comparação entre o antes e depois da Revitalização; Vídeo-aulas sobre saúde e meio ambiente e doação de mudas para os participantes da feira. As ações tiveram participação tanto da equipe da Unidade de Saúde, quanto de moradores locais que ficaram instigados com o projeto de Revitalização.

← **Figura 5.** Espaço revitalizado.
Fonte: Aline Keli N. de Souza.

Considerações finais

Os dois projetos de revitalização, com públicos diferentes - um caracterizado por crianças e, outro, com adultos, mostrou que quando há pessoas envolvidas e determinadas em darem início a uma ação coletiva, organizada, com metas estabelecidas, os outros acabam sentindo-se convidados a participar, tornando-se também autores/executores ativos das atividades. Percebeu-se que a transformação positiva do meio ambiente suscitou uma mudança de consciência, mais clara e aberta a um ambiente mais limpo, saudável e, porque não, atrativo também. A resposta de participação não é imediata, e nem todos correspondem, de forma contínua. Verificou-se que, no caso do descarte dos resíduos domésticos, apesar da redução, ainda há situações a serem adequadas. Tal fato nos certifica que existem questões mais profundas que só com o tempo serão sanadas, reforçando o processo contínuo e permanente de sensibilização através da Educação Ambiental, que deve ser estimulado nas escolas e em espaços não formais, tanto para crianças, quanto para toda a comunidade. Aos bolsistas envolvidos na ação, ficou claro que a formação integral de gestores ambientais e educadores ultrapassa muros de escolas e instituições e que a luta pela implementação de políticas ambientais ainda é um longo caminho a ser trilhado, na esfera pública, privada, educacional e social. ■

Referências

- BRASIL. Lei Nº 9.795, DE 27 DE ABRIL DE 1999. **Política Nacional de Educação Ambiental**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9795.htm>. Acesso em: 11/maio/2017.
- ROSA, A. V. Projetos em Educação Ambiental. In: **Encontros e Caminhos: formação de educadores ambientais e coletivos educadores**. Vol. 2, p. 274-287, Brasília, 2007.

Extensão articulada com ensino e pesquisa: ações do “Plantas Medicinais – educando para a saúde”

Alexandre da Silva¹, Andressa Cattani², Raquel Margarete Franzen de Ávila³

RESUMO

Atualmente, dado o ritmo de vida das sociedades e as necessidades das pessoas em atingirem seus objetivos em um sistema capitalista, a busca por seus anseios se dão da forma mais veloz possível. Isso reflete diretamente na saúde da população em virtude de seus hábitos – buscando meios sintéticos para o tratamento de doenças e se alimentando de produtos processados e industrializados. Nesse contexto, é de extrema importância reverter o quadro e inserir novamente o cultivo e consumo de plantas medicinais, frutas e hortaliças no cotidiano da população. Por isso, o presente relato de experiências visa demonstrar as ações ligadas a educação, saúde e bem-estar, promovidas pelo Programa de Extensão “Plantas Medicinais: educando para a saúde”. Para tanto, se dará foco para as atividades desenvolvidas com o público interno, após, àquelas voltadas para o público externo e suas respectivas articulações com o ensino e a pesquisa.

Palavras-chave: Plantas medicinais. Educação. Saúde. Extensão.

Introdução

O aumento do consumo de produtos industrializados, em detrimento de frutas, hortaliças e outros produtos *in natura*, tem provocado o aumento da ocorrência de doenças cardiovasculares, câncer e outras ligadas à obesidade. De acordo com dados do IBGE/POF os brasileiros gastam 110% a mais em biscoitos, salgadinhos, refrigerantes e cervejas do que em frutas e hortaliças. Considerando as recomendações feitas pela Organização Mundial da Saúde (OMS), os brasileiros deveriam triplicar o consumo de frutas e hortaliças.

¹ Mestre em Extensão Rural. Engenheiro Agrônomo e docente efetivo do IFRS - Campus Bento Gonçalves na área de agronegócio. alexandre.silva@bento.ifrs.edu.br

² Técnica em Viticultura e Enologia pelo IFRS - Campus Bento Gonçalves. Acadêmica do Curso Superior de Tecnologia em Viticultura e Enologia do IFRS - Bento Gonçalves. dessa.cattani@gmail.com

³ Técnica em Enfermagem do IFRS - Campus Bento Gonçalves. Licenciada em Biologia e mestranda em Ciências Neuropáticas. raquel.avila@bento.ifrs.edu.br



↑ **Figura 1.** Identificação visual do Programa Plantas Medicinais: educando para a saúde.

Fonte: Setor de comunicação do IFRS Bento Gonçalves.

Inserido nesse contexto, e preocupado com essa realidade, o Programa “Plantas medicinais: educando para a saúde” tem seu intento seminal em 2009, quando foi financiado pelo Programa Nacional de Extensão Universitária, sendo denominado na época como “Utilização de plantas medicinais, ornamentais e hortaliças no paisagismo: uma proposta para a promoção da saúde e inclusão de PNEs”, e coordenado pelos professores do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – *Campus* Bento Gonçalves – Soeni Bellé e Miguel Angelo Sandri. Mesmo com mudanças em sua nomenclatura, nesses quase 10 anos de atividades, o Programa sempre manteve seu foco na extensão, articulada com práticas de ensino e pesquisa, em prol da promoção de saúde e bem-estar promovidos especialmente pelo uso de plantas medicinais e seus frutos.

No ano de 2016, sob a coordenação do professor Alexandre da Silva, no *campus* já citado, o Programa se articulou com o objetivo de estimular o uso seguro e o cultivo de plantas medicinais, frutas e hortaliças, promovendo uma alimentação saudável e melhoria na qualidade de vida dos envolvidos. Para tanto o Programa atuou em diversas frentes de orientação, capacitação e acompanhamento em ações articuladas, a partir do *Campus* Bento Gonçalves do IFRS, com a sua comunidade interna e para a sua comunidade interna, bem como com a sua comunidade externa e para a sua comunidade externa. Nesse contexto é que esse relato de experiência se constrói; demonstrando, nos tópicos seguintes, o que se realizou no ano de 2016 – culminando com o trabalho intitulado “Extensão articulada com ensino e pesquisa: ações do ‘Plantas medicinais: educando para a saúde’”, - apresentado pela acadêmica Andressa Cattani e co-orientado pela Técnica em Enfermagem Raquel Margarete Franzen de Avila - sendo destaque na área temática de Educação, durante o 4º Seminário de Extensão, do 1º Salão de Pesquisa, Extensão e Ensino do IFRS.

Detalhando as ações

Durante o ano de 2016, o Programa “Plantas medicinais: educando para a saúde” atuou tanto em nível de comunidade interna ao *Campus* Bento Gonçalves do IFRS, quanto em nível de comunidade externa. Esse arranjo foi fundamental na articulação entre ensino, pesquisa e extensão – fator característico da trajetória do Programa.

Em conjunto com a comunidade interna ao *campus*, destacam-se algumas atividades: a primeira, realizada junto com o setor de enfermagem e que consiste em um tratamento alternativo em saúde – incidindo em estudos e atualizações sobre práticas e usos das plantas medicinais. A aplicação desses feitos se dá no atendimento aos alunos que buscam tratamento junto ao setor e têm na terapia alternativa, suas curas. Uma segunda atividade de destaque - denominada Semana das Plantas Medicinais -, ocorre anualmente no mês de maio. Consiste em alinhar uma agenda de palestras envolvendo assuntos relacionados ao Programa, que tem como público-alvo os alunos do *campus* e visitantes. Além de palestras e oficinas, a Semana das Plantas Medicinais promove um cardápio alternativo junto ao refeitório do IFRS e em parceria com nutricionistas. Esse cardápio envolve a utilização de plantas medicinais em sucos, plantas alimentícias não convencionais em saladas, dentre outros usos.



↑ **Figura 2.** Oficina de confecção de pudim de flores comestíveis realizada no IFRS Bento Gonçalves. Fonte: Programa Plantas Medicinais: educando para a saúde.

Ainda internamente ao *Campus* Bento Gonçalves do IFRS, o Programa se articulou e fomentou ações de pesquisa em parceria com o projeto denominado “Uso de extratos vegetais como alternativa orgânica aos desinfetantes químicos utilizados na produção animal”. O referido projeto, sob a coordenação do professor Luiz Ângelo Damian Pizzuti, apresentou resultados significativos quanto ao uso dos extratos de alho (*Allium sativum* L.) e alecrim (*Rosmarinus officinalis* L.) como agentes antimicrobianos, especialmente contra os patógenos *Staphylococcus* sp. e *Salmonella* sp.

Esses intentos também propiciam ações de inovação em termos de ensino, haja vista que os resultados obtidos pelas parcerias entre pesquisa e extensão acabam por subsidiar novos materiais e formas de apresentação de conteúdos a serem trabalhados no processo de ensino e aprendizagem, tanto nos níveis técnico quanto no superior. Dentro desse contexto, cabe o destaque do envolvimento dos acadêmicos especialmente em aulas de cunho prático.

Externamente, em convênio com a Secretaria Municipal de Educação de Bento Gonçalves, hortas escolares são implantadas em escolas municipais – permitindo ações desde oficinas com professores sobre usos e frutos das plantas medicinais, além de envolver alunos do ensino fundamental em práticas de cultivo e de conhecimento sobre essas plantas em consonância com os conteúdos de ciências que os mesmos estão em aprendizagem. Também é trabalhado, em conjunto com as hortas escolares, o reaproveitamento de resíduos através de compostagem e o uso dessa como substrato para a produção de hortaliças, plantas medicinais, aromáticas e condimentares.

Além das hortas tradicionais, o Programa auxilia e incentiva na implantação do “Relógio do Corpo Humano” que é uma forma de organizar as plantas medicinais em um arranjo paisagístico, estabelecendo uma relação entre os efeitos dessas plantas sobre os órgãos do corpo humano. Esta metodologia está baseada nos conhecimentos da medicina tradicional chinesa e na Teoria do Relógio Cósmico, em que a energia vital percorre os doze meridianos principais em um período de 24 horas, iniciando às 3 horas da manhã pelo pulmão e perfazendo o seguinte percurso: intestino



📌 **Figura 3.** Horta escolar desenvolvida na EMEF Professora Liette Tesser Pozza em Bento Gonçalves. **Fonte:** Programa Plantas Medicinais: educando para a saúde.

grosso, estômago, baço/pâncreas, coração, intestino delgado, bexiga, rins, circulação/sexo, sistema digestivo/respiratório/excretor, vesícula biliar e fígado (BELLÉ, 2012).

Cabe destacar que, no biênio 2015-2016, resultaram 10 escolas atendidas com capacitação de seus professores através de oficinas, cursos e palestras. Além disso, mais de 2000 alunos da comunidade externa – especialmente da rede municipal de ensino – foram envolvidos com a implantação das hortas, cultivo de plantas medicinais, condimentares e hortaliças, além do consumo por parte das próprias escolas.

Por fim, cabe ressaltar que, no ano de 2016, em parceria com a Unidade de Saúde da Família Santa Marta de Bento Gonçalves, o Programa capacitou agentes de saúde, técnicos em enfermagem, enfermeiros, médicos e dentistas sobre cultivo e usos das plantas medicinais, visando, também, a construção de saberes em tratamentos alternativos de saúde, o que vem a atender à exigência das políticas públicas nacionais voltadas as questões de saúde, as PNPICs (Políticas Nacionais de Práticas Integrativas e Complementares) - Art. 3º da Lei nº 8.080/90 e Portaria nº 971 de 03/05/06 – (BRASIL, 2006). Nesse contexto, essas ações trazem à tona mais uma potencialidade do Programa e amplia o público beneficiário das ações desenvolvidas e nos intentos futuros.

À guisa de conclusão: reflexões sobre o hoje e o amanhã

O relato aqui demonstrado explicita que através de um Programa, que tem seu viés principal na extensão, com os agentes devidamente articulados, também consegue fomentar práticas que constroem processos educacionais e de pesquisa voltados para além dos muros do *Campus* Bento Gonçalves do IFRS. Ao longo de sua trajetória o “Plantas medicinais” – como é popularmente conhecido no *campus* – já envolveu vários pesquisadores e bolsistas preocupados com a prática acadêmica em prol do bem-estar e da qualidade de vida dos beneficiários, salientando seu caráter transdisciplinar e executor do tripé ensino-pesquisa-extensão.



📌 **Figura 4.** Relógio do Corpo Humano desenvolvido na EMEF Professor Félix Faccenda. **Fonte:** Programa Plantas Medicinais: educando para a saúde.

Seu histórico de feitos e de agenda intensa ao longo dos anos e, especialmente em 2016, não esgota o tema que envolve as plantas medicinais, condimentares, aromáticas, alimentícias não convencionais, ou hortaliças. Em termos de perspectivas, o Programa pretende fomentar projetos que sejam abarcados individualmente como ações e que estão focados para além dos feitos tradicionalmente consolidados, como a parceria com a Secretaria Municipal de Educação e Atenção Básica em Saúde.

Sendo assim, e por fim, o foco está também em ações que integrem a comunidade externa, virtualmente, através de um herbário de plantas medicinais on-line, com acessibilidade aos portadores de deficiência visual. Uma expansão de práticas alternativas no cuidado da saúde e um plano específico de monitoramento e avaliação do Programa formam os desafios e uma agenda promissora para o “Plantas medicinais: educando para a saúde”. ■

Referências

BELLÉ, Soeni. O uso das plantas medicinais, condimentares e hortaliças no paisagismo. *In*: BELLÉ, Soeni. (Org.) **Plantas medicinais** – caracterização, cultivo e uso paisagístico na Serra Gaúcha. IFRS Bento Gonçalves, 2012.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Política nacional de práticas integrativas e complementares no SUS - PNPI-C-SUS: atitude de ampliação de acesso**. Brasília: Ministério da Saúde, 2006. (Série B. Textos Básicos de Saúde).

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo estatístico 2000**. Disponível em: www.ibge.gov.br/censo. Acesso em: 07 mar, 2008.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Informe sobre saúde no mundo: reduzir os riscos e promover uma vida saudável**. Genebra. OMS, 2002.

Alimentação escolar saudável: desenvolvimento regional

Marlova Elizabete Balke¹, Alexandra Balke Cavassola², Juliana Carla Giroto³, Caroline Samojeden⁴

RESUMO

A escola é um ambiente ideal para se desenvolver ações além da educação formal e curricular, entre elas a promoção à saúde, na perspectiva de uma alimentação saudável. Portanto, relacionando as ações de ensino do IFRS - Campus Erechim, as quais envolvem temas transversais, o projeto de extensão desenvolvido agregou conhecimento tanto a discentes da instituição, como à comunidade externa. O objetivo principal foi de procurar implementar hábitos alimentares condizentes com um bom estado nutricional, dentro do Programa Nacional de Alimentação Escolar, aos estudantes, professores e comunidade escolar de Escolas Estaduais de Ensino Básico, procurando a melhora da qualidade de vida dos envolvidos, direta e indiretamente, nas atividades realizadas. Desta forma, com as ações desenvolvidas foi possível articular a educação para uma alimentação saudável com perspectiva frente ao desenvolvimento local através da aquisição de produtos da merenda escolar da agricultura familiar.

Palavras-chave: Merenda escolar. Agricultura familiar. Extensão. Alimentos.

Introdução

Acreditando que a escola é o local onde a criança tem o primeiro contato efetivo com a sociedade e hábitos que serão levados ao longo da vida, o projeto de extensão procurou trazer para alunos, professores e comunidade escolar o tema alimentação saudável, aliado ao desenvolvimento local, levando em conta a Lei nº 26, de 17 de junho de 2013, que dispõe sobre o Programa Nacional de Alimentação Escolar – PNAE. O principal objetivo do projeto foi implementar hábitos alimentares condizentes com um bom estado nutricional aos estudantes e comunidade envolvida das Escolas Érico Veríssimo – Erechim, e Escola Bandeirantes – Sertão. Tendo em vista que as duas escolas são da rede pública de ensino e que parte desses alunos se encontram em vulnerabilidade social, a

¹ Doutora em Engenharia de Alimentos. Técnica em Assuntos Educacionais do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) - Campus Erechim. marlova.balke@erechim.ifrs.edu.br

² Voluntária da ação. xandalbalke@gmail.com

³ Técnica em Assuntos Educacionais do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) - Campus Erechim. juliana.giroto@erechim.ifrs.edu.br

⁴ Assistente em Administração do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) - Campus Erechim. caroline.samojeden@erechim.ifrs.edu.br

relevância do projeto se apresenta no intuito de evitar a evasão dessas crianças e despertar e manter hábitos de alimentação saudável.

Assim, realizou-se estudo bibliográfico para domínio do assunto, tanto pela bolsista selecionada como pela equipe do projeto, já que os alunos encontram-se em idade de muita curiosidade e questionamentos, além de atividades com professores e estudantes, aplicação de questionários e tabulação de dados sobre a aceitação dos mesmos, em relação à merenda disponibilizada pela escola.

Para registrar as ações houve a criação de um blog, o qual foi pensado para envolver os alunos e comunidade externa em todas as atividades realizadas pela equipe do projeto, com relatos das ações e resgates de receitas de alimentos saudáveis, o link para acesso: [<http://projetoalimentacaoifrs.blogspot.com.br/>](http://projetoalimentacaoifrs.blogspot.com.br/).

Os resultados do projeto começaram a aparecer já no primeiro encontro realizado nas escolas, quando apresentou-se para os professores e funcionários informações sobre o PNAE, influenciando na formação continuada destes profissionais e conseqüentemente nos saberes voltado aos estudantes com as quais convivem diariamente. O desenvolvimento local também abordado, visto que parte dos alimentos servidos na merenda é proveniente da agricultura familiar, de acordo com a legislação. Além disso, foram realizadas atividades sobre compulsão alimentar com alunos da faixa de 11 e 12 anos.

Cada etapa realizada agregou pontos positivos para a reeducação alimentar dos estudantes, no incentivo e conscientização da sua importância para os professores.

Sujeitos envolvidos

Ao desenvolver o projeto foi possível contribuir na formação de hábitos alimentares saudáveis aos estudantes e professores do ensino fundamental de escola pública: Escola Estadual de Ensino Fundamental Bandeirantes, figura 1 e Escola Estadual Érico Veríssimo, figura 2, tendo em vista a necessidade desses estudantes quanto ao tema, pois são oriundos em sua maioria de famílias de baixa renda.

📍 **Figura 1.** Professores da Escola Estadual Bandeirantes. **Fonte:** autoras do projeto.





↑ **Figura 2.** Professores da Escola Estadual Érico Veríssimo. **Fonte:** autoras do projeto.

Além de outras ações de extensão que foram desenvolvidas, procurou-se proporcionar uma prática acadêmica, interligada com o ensino e pesquisa, a discentes de cursos superiores das diversas áreas, oferecidas pelo *Campus* IFRS Erechim do IFRS, os quais além de atuarem como bolsistas no projeto puderam participar de palestra na semana da alimentação.

Na perspectiva de atender às demandas da comunidade, assim como às relevâncias sociais, econômicas e acadêmicas, e visando atingir, principalmente, estudantes de escola pública, oriundos de famílias de baixa renda, atendendo ao Art. 6º da Lei nº 11.892/2008, a qual afirma que “Os Institutos Federais têm por finalidades e características:[...] IV - orientar sua oferta formativa em benefício da consolidação e fortalecimento dos arranjos produtivos, sociais e culturais locais, identificados com base no mapeamento das potencialidades de desenvolvimento socioeconômico e cultural no âmbito de atuação do IF; [...] VII - desenvolver programas de extensão e de divulgação científica e tecnológica”. Para tanto, realizou-se pesquisa bibliográfica, palestra, oficinas, aplicação de questionário com posterior análise estatística.

Algumas ações desenvolvidas

Considerando que a alimentação adequada é um direito fundamental do ser humano, reconhecido internacionalmente pela Declaração Universal dos Direitos Humanos (art. 25) e pelo Pacto Internacional de Direitos Econômicos, Sociais e Culturais - PIDESC (art. 11), sendo inerente à dignidade do ser humano e indispensável à realização dos direitos consagrados na Constituição Federal, devendo o poder público adotar as políticas e ações que se façam necessárias para promover e garantir a segurança alimentar e nutricional da população, como disposto na Lei nº 11.346, de 15 de setembro de 2006, que cria o Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional;(RESOLUÇÃO Nº 26, DE 17 DE JUNHO DE 2013).

Então, procurou-se, através de palestras, abordar os conceitos básicos de alimentação saudável, primeiramente com os professores e funcionários da Escola Estadual Bandeirantes de Sertão e,

posteriormente, com a Escola Érico Veríssimo em Erechim, em que foi realizada uma apresentação sobre o assunto e roda de conversa sobre o tema.

Levando em conta que compulsão alimentar é uma doença séria, e ainda considerada um tabu entre adolescentes e adultos, foram realizadas atividades com os estudantes envolvidos, tratando das causas, sintomas, prevenção e cine conhecimento. Nessa atividade, houve a participação de uma psicóloga, o que enriqueceu ainda mais o momento, agregando conhecimento e experiência técnica. Na figura 3, observa-se a realização da atividade.

📌 **Figura 3.** Professores da Escola Estadual Érico Veríssimo. **Fonte:** autoras do projeto.



Como um dos objetivos do projeto era incentivar o consumo de alimentos saudáveis e provenientes da agricultura familiar, desenvolveu-se com os estudantes, uma oficina de suco com aproveitamento de frutas e folhas. Na oficina, os estudantes, divididos em grupos, tiveram a oportunidade de fazer combinações que julgaram adequadas. A atividade foi muito enriquecedora, pois despertou a criatividade e a curiosidade deles, e o resultado foi surpreendente. Além disso, os grupos elaboraram cartazes listando os ingredientes dos sucos feitos. Também, com as merendeiras da escola, realizou-se outra oficina com a técnica de secagem de frutas, podendo desta forma aproveitar os alimentos de forma saudável, valorizando a merenda oriunda da agricultura familiar, procurando implementar hábitos mais saudáveis. Na figura 4, visualiza-se os estudantes realizando a oficina de sucos.

📌 **Figura 4.** Oficina de sucos com aproveitamento de frutas e folhas. **Fonte:** autoras do projeto.

No início do projeto foi criado um blog, com o objetivo de ter mais uma ferramenta para trabalhar com os estudantes e dar acesso a todos que quisessem se informar mais sobre o assunto, bem como verificar as receitas que haviam compartilhado, em uma atividade de resgate das mesmas. Desta forma, durante todo desenvolvimento do projeto, o blog foi atualizado com o resumo das atividades realizadas e dicas para uma alimentação saudável.

Alguns resultados obtidos

A apresentação sobre o PNAE pode agregar mais conhecimento para o público, que não tinha muito acesso a essas informações, o que traz como grande resultado um maior entendimento e clareza para tratar desses assuntos com os estudantes, e poder estimulá-los de forma correta. No gráfico 1, observa-se a análise estatística dos dados obtidos, quando da aplicação do questionário juntamente aos estudantes, com relação a merenda escolar.

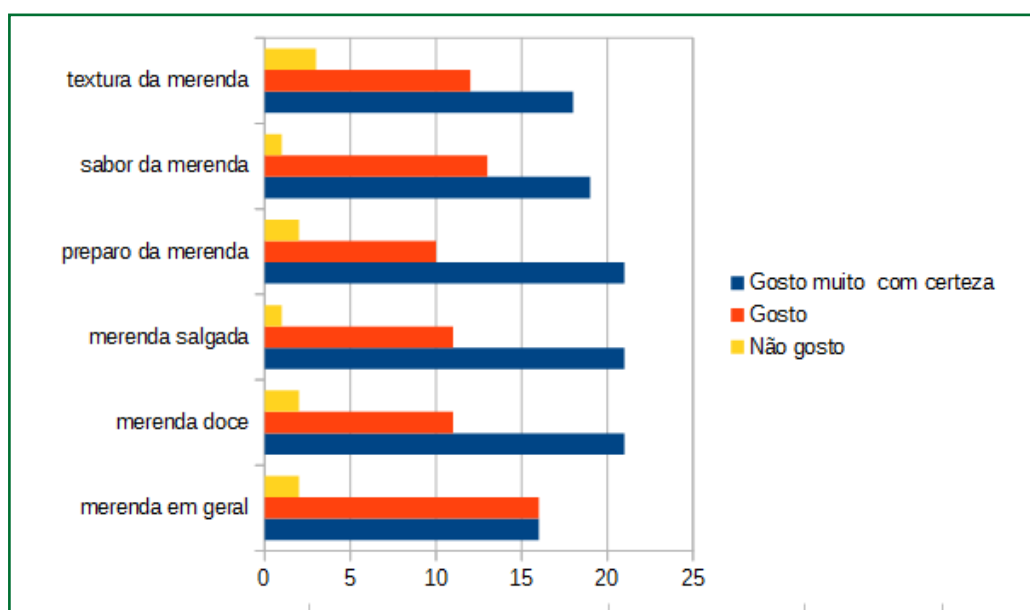


Gráfico 1. Ponto de vista dos estudantes quanto a merenda escolar. Fonte: autoras do projeto.

Assim, verificou-se o interesse e curiosidade mostrado pelos estudantes, o que nos motiva a sempre procurar saber e desenvolver novas atividades.

Considerações finais

O processo ensino-aprendizagem na extensão proporcionou a interação entre estudantes e professores da rede pública estadual com estudantes e técnicos administrativos em educação do IFRS *Campus* Erechim, construindo conhecimento e trocas de experiência, tendo em vista que houve diferentes momentos de socialização do projeto, tanto para comunidade interna como para a comunidade externa.

Nesse sentido, cabe destacar que com o desenvolvimento do projeto, observou-se o crescimento da bolsista, quanto ao hábito de pesquisa, estudo, desenvoltura, comunicação com o público externo, na construção de relações e comunicação com a comunidade, nas atividades de pesquisa de campo,

uso de novas tecnologias, desenvolvimento de escrita e análise estatística e representação gráfica, assim como exposição oral, o que evidenciou a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.

Portanto, com a realização do projeto e a construção do blog difundiu-se o conhecimento livremente para estudantes, professores e comunidade, pois ao acessá-lo, se pode conhecer a respeito da legislação do PNAE, as atividades efetivadas durante a realização do projeto, assim como o resgate de receitas, valorizando a cultura local. ■

Referências

BRASIL. Casa Civil. Decreto N° 591, de 6 de julho de 1992. **Pacto Internacional sobre Direitos Econômicos, Sociais e Culturais**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1990-1994/d0591.htm. Acesso em: mar. de 2015.

BRASIL. Casa Civil. Lei N° 11.346, de 15 de setembro de 2006. **Cria o Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional – SISAN com vistas em assegurar o direito humano à alimentação adequada e dá outras providências**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11346.htm. Acesso em: fev. de 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. **Manual de Orientação para a Alimentação Escolar na Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio e na Educação de Jovens e Adultos**. Organizadores Francisco de Assis Guedes de Vasconcelos et al. 2ª ed. Brasília: PNAE: CECANE-SC, 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Resolução N° 26 de 17 de junho de 2013. **Dispõe sobre o atendimento da alimentação escolar e aos alunos da educação básica no âmbito do Programa Nacional de Alimentação escolar - PNAE**. Disponível em: http://portal.seduc.go.gov.br/Paginas/Merenda/Documentos/Anexo1_Resolucao_n_26.pdf. Acesso em: jan. de 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. Lei N° 11.892/2008. **Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11892.htm. Acesso em: set. de 2017

ONU. 1948. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. Disponível em: <http://www.onu.org.br/img/2014/09/DUDH.pdf>. Acesso em: jan. de 2015.

Práticas para melhorias da higiene e qualidade do leite

Janáina Sauthier¹, Gean Bussolaro², Carla Verônica Vasconcellos Diefenbach³

RESUMO

A qualidade do leite é influenciada por fatores zootécnicos associados ao manejo, alimentação e armazenagem. Tal fato tem sido foco de preocupação entre pecuaristas e consumidores nos últimos anos. Sendo assim, o presente estudo teve como objetivo trazer conhecimentos a respeito das questões de higiene e qualidade do leite, promovendo melhorias da produção leiteira, em propriedades rurais do município de Chapada e Ronda Alta/RS. Desenvolvido questionário de diagnóstico e aplicação dos mesmos nas propriedades selecionadas, verificando assim, as condições que se encontravam quanto à higiene e qualidade do leite, auxiliando nas principais deficiências de higiene que estão ligadas a problemas de treinamento de mão de obra, dificuldades de infraestrutura e uso de produtos ou de procedimentos inadequados.

Palavras-chave: Higiene. Qualidade. Leite. Extensão.

Introdução

A qualidade do leite é influenciada por fatores zootécnicos associados ao manejo, alimentação e armazenagem. Tal fato tem sido foco de preocupação entre produtores e consumidores nos últimos anos. Sendo assim, o presente estudo teve como objetivo a realização de um planejamento estratégico para resolver problemas relacionados à higiene e qualidade do leite. Visto que a cadeia produtiva do leite relaciona-se principalmente na composição nutricional do sólidos, higiene e sanidade para que o produtor seja bonificado pela exigências da Instrução Normativa 62⁴ e também para proporcionar ao consumidor um alimento seguro e de ótimo valor nutritivo. O trabalho foi desenvolvido em propriedades leiteiras da região de Sertão/RS e municípios limítrofes durante o ano de 2016.

Para obtermos uma melhoria na produção devemos levar em consideração vários aspectos da produção leiteira, o conhecimento técnico de práticas que influenciam a composição e a qualidade

¹ Estudante do Curso de Bacharelado em Zootecnia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IFRS) - Campus Sertão. sauthierjana@gmail.com

² Estudante do Curso Técnico em Agropecuária do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IFRS) - Campus Sertão. geanbussolaro@gmail.com

³ Doutora em Educação. Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IFRS) - Campus Sertão. carla.diefenbach@sertao.ifrs.edu.br

⁴ Normativa 62 exige controle da qualidade do leite, impondo limites de 100 mil/ml para Contagem Total Bacteriana (CTB) e 400 mil/ml para Contagem de Células Somáticas no leite.

do leite, permite tomadas de ações preventivas de monitoramento e controle, desde o momento da ordenha e o rápido resfriamento, passando pelo transporte isotérmico, até a indústria e seu processamento adequado, para que chegue ao consumidor um produto de alta qualidade, de aceitação, tanto no mercado interno, quanto no externo.

O objetivo é trazer conhecimentos a respeito das questões de higiene e qualidade do leite, promovendo o desenvolvimento e a melhoria da produção leiteira em propriedades rurais de pequeno porte das localidades do município de Chapada e Ronda Alta, e assim, oportunizando o desenvolvimento regional.

Escolha das propriedades

Com o objetivo de promover o desenvolvimento e melhoria da qualidade do leite, foi realizada uma primeira visita em 7 propriedades de produção leiteira nos municípios de Chapada e Ronda Alta, onde assinaram um termo de consentimento, concordando na participação do projeto. Esses estabelecimentos produzem mais de 100L/dia, sendo a produção leiteira a principal atividade realizada pelos pecuaristas.

Visitas as propriedades e elaboração de dados

Após realizados estudos teóricos para desenvolver um questionário e identificar os principais problemas à higiene do leite, seguiu-se para o contato direto com os envolvidos. Na segunda visita, foi feita a aplicação dos mesmos, verificando assim as condições que se encontravam as propriedades quanto à higiene e qualidade do leite. Para entender a situação do leite das propriedades visitadas, buscou-se indicadores da qualidade do leite das grandes indústrias, no período de janeiro à agosto de 2016. E com isso entendeu-se as reais situações das propriedades.

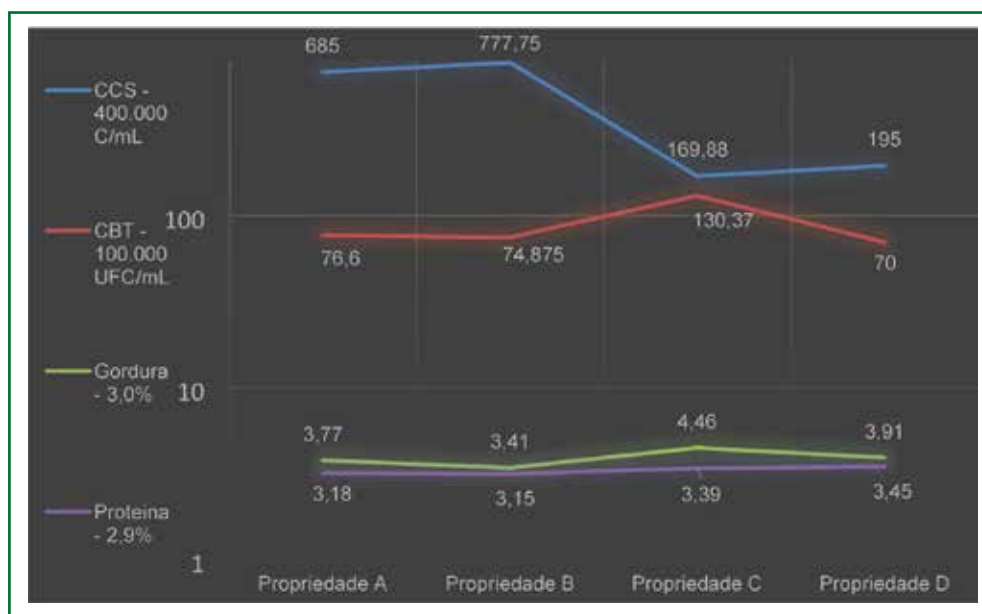


Gráfico 1. Extratos da qualidade do leite no período de (jan./ago.). Fonte: Janaina Sauthier.

Retorno as propriedades

Na terceira visita foi realizado acompanhamento das práticas de ordenha desenvolvida pelo pecuarista na sala de ordenha, e assim, registrando os principais problemas de execução, recomendando propostas de melhoria da qualidade do leite.

Diagnóstico e recomendações

Os Principais problemas encontrados, nas propriedades visitadas, relaciona-se ao manejo da ordenha, falta de preparação do úbere antes da ordenha, ausência da realização de procedimentos como a desinfecção dos tetos antes da ordenha com o produto *pré-dipping* (Figura 1), seguido da secagem com papel toalha descartável (Figura 2) e após a ordenha a desinfecção dos tetos com o produto pós-dipping (Figura 3). Utilização do uso de produtos ou procedimentos inadequados para realização da higiene dos equipamentos de ordenha. A inexistência da realização do Teste da caneca do fundo preto e Teste CMT (Califórnia Mastite Teste) para diagnosticar infecção no úbere ocasionada pela mastite clínica e subclínica (Figura 4). O diagnóstico correto da mastite clínica segundo Pereira (2010) será realizado pela sintomatologia e a mastite subclínica poderá levar a incapacidade funcional da mama, causando prejuízos econômicos. O processo de refrigeração do leite deve ser imediato após a coleta, a fim de evitar a rápida proliferação de microrganismos. Essas práticas não efetuadas ou realizadas De forma incorreta, podem afetar a qualidade do leite.

➔ **Figura 1.**
Utilização do
Pré-dipping.



⬇️ **Figura 2.** Utilização do papel toalha.



⬅️ **Figura 4.**
Realização do
Teste CMT.



⬆️ **Figura 3.** Utilização do Pós-dipping.

Fonte: Janaína Sauthier.

Constatou-se a ausência de práticas de melhoria da qualidade do leite, para reverter este processo recomendou-se a realização de procedimentos adequados, ressaltando a importância de adotar técnicas de manejo, que desta forma, minimizarão a Contagem de Células Somáticas (CCS) e a Contagem Bacteriana Total (CBT), já que estas, tem grande intervenção na qualidade do leite e na bonificação da indústria que valoriza o produto de melhor qualidade para o produtor (MAIA, 2014).

As propriedades visitadas acolheram nossas sugestões e apontamentos de melhoria, mediante a apresentação de justificativas teóricas, que foram testadas ao longo do projeto, todas as informações foram repassadas de forma clara, a fim de facilitar o entendimento dos pecuaristas, ressaltamos aqui, a importância do diálogo extencionista para a progressão da cadeia produtiva leiteira de boa qualidade.

Considerações finais

O trabalho desenvolvido ao longo desse projeto, desde a revisão bibliográfica para alcançar justificativas teóricas, medindo consignações técnicas nas propriedades leiteiras, proporcionou aos envolvidos muito aprendizado e experiências diante ao crescimento profissional. Além de proporcionar interação da extensão Universitária com a comunidade, podendo auxiliar em muitas propriedades, nas principais deficiências de higiene que estão ligadas a problemas de mão de obra treinada, dificuldades de infraestrutura e uso de produtos ou de procedimentos inadequados. Se os produtores superarem as dificuldades enfrentadas no dia a dia, poderão elevar, consideravelmente, a qualidade do leite, que conseqüentemente aumentará a geração de renda, pois o preço do litro do leite está diretamente ligado à qualidade apresentada pelo produto. ■

Referências

CARVALHO, M. **É possível termos uma nova relação entre produtores e indústrias?** In: Revista leite integral, número 59, ano 8, fevereiro 2014.

GONÇALVES, J. N. **Manual do produtor de leite.** Viçosa, MG: Aprenda Fácil, 2012. 864p.

MAIA, P. V. et al. **A Instrução normativa 62.** 2014. Médica Veterinária/Mestre, Universidade Federal de Minas Gerais. Disponível em: <<http://www.rehagro.com.br/plus/modulos/noticias/ler.php?cdnoticia=2665>>. Acesso em 17 maio de 2016.

PEREIRA, E. S. et al. **Novilhas leiteiras.** Fortaleza: Graphiti gráfica e editora ltda, 2010. 632 p. : il.

RODRIGUES, Eliane. **Qualidade do leite e derivados: processos, processamento tecnológico e índices.** Eliane Rodrigues... [et al.].-- Niterói: Programa Rio Rural, 2013.

Compartilhando saberes e fazeres com turmas da APAE-Osório através da panificação

Flávia Santos Twardowski Pinto¹, Ana Paula Wagner Steinmetz², Mariana Ribas Sá³

RESUMO

Os estudantes da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) possuem necessidades específicas relacionadas ao seu intelecto, as quais podem estar associadas a limitações adaptativas em, pelo menos, duas áreas de habilidades. Com base nisso, este projeto desenvolve com os estudantes da APAE- Osório a preparação para a introdução ao mercado de trabalho, associado ao desenvolvimento de habilidades motoras, através de oficinas práticas de panificação. A metodologia deste projeto é de cunho interativo. As formulações são apresentadas aos estudantes em forma de tabelas com desenhos que mostram os insumos e as medidas para realização das mesmas. Pode-se verificar no decorrer das oficinas que a panificação tem o poder de trabalhar a motricidade, a habilidade de cooperação e o desenvolvimento de interpretações sensoriais. Conclui-se que as ações do projeto estão sendo um elo de aprendizagem e socialização entre os estudantes do *campus* Osório e a APAE.

Palavras-chave: Educação profissional. Inclusão. Panificação.

Introdução

Os estudantes APAE possuem necessidades específicas relacionadas ao seu intelecto e, segundo Lima et al. (2012), pelo menos 10% da população mundial apresenta algum tipo de deficiência, sendo a deficiência mental a responsável pela maior parte desse percentual. Ter o foco nas pessoas com necessidades específicas e verificar como está sendo sua inclusão no mercado de trabalho é uma ação extremamente importante, uma vez que “o trabalho exerce um efeito reabilitador, na medida em que contribui para o aumento da autoestima e nível de ajustamento pessoal” (MATOS, 2009, pag. 8).

¹ Doutora em Engenharia de Produção e docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IFRS) - Campus Osório. flavia.pinto@osorio.ifrs.edu.br

² Estudante do curso Técnico em Administração do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IFRS) - Campus Osório, bolsista de extensão. anapaulawsteinmetz@gmail.com

³ Estudante do curso Técnico em Informática do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IFRS) - Campus Osório, bolsista de extensão. marianasa30@hotmail.com

A Lei 8.213/91, também conhecida como lei de cotas, ampara o emprego de pessoas deficientes no Brasil. Contudo, para que o mercado absorva esses trabalhadores, cabe um processo de escolarização inclusiva, que supra as necessidades de aprendizagens específicas. Em atendimento a essa demanda formativa, bem como em respostas às expectativas de socialização responsável e solidária do conhecimento produzido no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IFRS) *Campus Osório*, é que foi criado o projeto Panificação Inclusiva. Esta ação extensionista vem sendo desenvolvida, desde 2014, com o apoio do Núcleo de Atendimento a Pessoas com Necessidades Específicas (NAPNE), o qual tem como objetivo a inclusão social de pessoas com necessidades educacionais especiais (PNEEs), através da tecnologia, educação e profissionalização. Assim sendo, este projeto tem como objetivo promover, através de oficinas, o compartilhamento de saberes e fazeres das habilidades acerca da produção de alimentos de panificação com os alunos da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE-Osório), através da utilização de insumos saudáveis, a fim de desenvolver habilidades para integrá-los à comunidade e ao mercado de trabalho.

Oficinas

A construção desta ação acontece semanalmente, por meio de oficinas realizadas com três turmas da APAE-Osório, que ocorrem ora na sede da APAE-Osório, ora no IFRS *Campus-Osório*. As turmas que participam são compostas por estudantes com diferentes deficiências cognitivas, sendo uma minoria alfabetizada. Cada turma possui uma média de 15 estudantes, sendo duas turmas de jovens e adultos e uma turma de adolescentes. Com isso, foi necessário explorar diversas dinâmicas, como, por exemplo, a maneira como as formulações poderiam ser apresentadas para serem compreendidas pelos estudantes e a forma como as oficinas poderiam ser conduzidas. Portanto, o primeiro desafio do projeto consistiu na busca de formulações que iriam ser apresentadas nas oficinas, partindo da

própria demanda dos estudantes da APAE. O passo seguinte foi adaptar as formulações propostas utilizando-se de recursos visuais, a fim de atender todos os estudantes para que os mesmos pudessem reproduzir as formulações em suas casas e na própria oficina, fazendo a identificação do que deveriam produzir e de que forma.

Após a apresentação das formulações aos estudantes, os mesmos reproduzem a atividade proposta sempre sendo incentivados a participarem e reproduzirem as formulações junto a suas famílias. Ao final de cada oficina, os estudantes são instigados a trazerem novas formulações.

Nas oficinas ministradas no ano de 2016, verificou-se que os estudantes possuíam diversas necessidades específicas como, por exemplo, síndrome de Down, esquizofrenia, autismo, atrasos cognitivos e paralisia cerebral. Embora



← **Figura 1.** Formas que os alunos criaram com a massa de pão integral. **Fonte:** Autores, 2016

os estudantes tenham dificuldades, ao longo do processo, todos desenvolveram diferentes aprendizados. Isso pode estar relacionado ao fato das oficinas oportunizarem aos estudantes diferentes experiências das vivenciadas no seu dia a dia, fazendo com que os mesmos possam trabalhar sua motricidade na elaboração dos produtos; exercer a leitura; trabalhar com matemática na separação de insumos; identificar o local de onde veio determinado produto; e desenvolver conceitos de ciências na fermentação de pães. As professoras dos estudantes da APAE em entrevista para o projeto, relataram que a APAE não é uma escola de ensino comum. Deste modo, as disciplinas não são trabalhadas de forma separada e as oficinas de panificação possibilitaram um aprendizado associado, através da multidisciplinaridade. Esse retorno vem sendo fundamental em todas as oficinas, nas quais podemos perceber que os estudantes se sentem cada vez mais confiantes dentro do espaço de produção alimentícia, de modo a inovarem os formatos dos pães propostos, como pode ser observado nas Figuras 1 e 2.

📍 **Figura 3.** Integração entre os estudantes da APAE e do *Campus Osório*. Fonte: Autores, 2016



📍 **Figura 2.** Elaboração de uma trança. Fonte: Autores, 2016

Pode ser observada também, durante as oficinas, a cooperação, a colaboração e a integração entre os próprios estudantes da APAE e do *campus Osório* (Figura 3).

Os efeitos das ações se fazem visíveis também fora das oficinas. Os estudantes têm replicado as práticas aprendidas em suas casas, junto aos pais, e na própria APAE, junto aos seus professores. Outros estudantes foram incluídos no mundo do trabalho em padarias e supermercados da região. Desta forma, os resultados do projeto vêm sendo atingidos de forma gradual, sendo percebidos de maneira particular em cada estudante, que desenvolve e estimula suas habilidades motoras (ampla e fina), apresentando também maior foco e desempenho em sala de aula, conforme relatado pelas professoras. Nas oficinas, os estudantes estão mais receptivos, comprometidos com o projeto e criativos. É visível a mudança comportamental e atitudinal nas turmas como um todo e individualmente. Este fato pode ser observado a partir das trocas que ocorrem a cada

nova oficina, podendo ser verificado ainda que o projeto está despertando nos estudantes a vontade de trabalhar com panificação. Desse modo, ambas as instituições, APAE e IFRS, trabalham integradas, aprendendo e ensinando responsabilidade social, promovendo a sustentabilidade, que é um dos princípios da formação profissional inclusiva. ■

Referências

APAE. **O que é a APAE e em que consiste seu trabalho?**, 2009. Disponível em: <<http://www.cascavel.apaebrasil.org.br/noticia.phtml/24541>>. Acesso em: 18 abr. 2017.

LIMA, R. D.; ALVES, M. L. S.; SILVA, N. E. A.; PETRILLI, L. T. A pessoa com deficiência intelectual no mercado de trabalho em Gurupi-TO: Um estudo de caso. **Revista CEREUS**, n.2, v. 4, Gurupi, 2012.

MATOS, A. L. S. **O processo de inclusão das pessoas com deficiência no mercado de trabalho**. 2009. Especialização em Educação e Processos Inclusivos - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre: 2009. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/17903/000725954.pdf?...1>>. Acesso em: 22 mar. 2017.

Pet Terapia com os assistidos da APAE-Getúlio Vargas

Maríndia Zeni¹, Juliano Hideo Hashimoto²

RESUMO

A Terapia Assistida por Animais é uma técnica que utiliza animais como co-terapeutas na reabilitação de enfermidades e deve ser aplicada em conjunto com tratamentos específicos, conforme as necessidades do paciente. O Projeto de Extensão Pet Terapia³ no IFRS - *Campus Sertão* conta com quatro co-terapeutas: Bolinha, Bolota, Joly e Suri, cães sem raça definida e fruto de abandono. Às sextas-feiras, o projeto atende aos assistidos pela Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Getúlio Vargas (APAE – Getúlio Vargas). Cada participante possui a indicação de atividades a serem realizadas, sob a responsabilidade da Equipe da APAE – Getúlio Vargas, as quais são trabalhadas em conjunto com questões referentes aos cuidados com os animais domésticos. Pode-se dizer que o Pet Terapia no IFRS - *Campus Sertão* teve um bom desenvolvimento em 2016 e deve continuar progredindo, trabalhando em 2017 também na área da Atividade Assistida por Animais.

Palavras-chave: Co-terapeuta. Pessoas com necessidades especiais. Terapia assistida por animais.

Uso de animais como coadjuvantes no tratamento de doenças teve seus primeiros registros ainda em 1792, no Retiro York, um centro clínico para pessoas com problemas mentais, cujo lema para os tratamentos era “cristandade e senso comum”, existente até hoje na Inglaterra. Porém, investigações científicas quanto aos benefícios da convivência e interação terapêutica com os animais iniciaram-se apenas na década de 1960, com o psiquiatra infantil Boris Levinson (1908 – 1984) (ROCHA; MUÑOZ; ROMA, 2016).

Levinson (1972 *apud* ROCHA; MUÑOZ; ROMA, 2016) apontou que o cachorro responde ao contato afetivo da criança, proporcionando uma interação psicodinâmica e complexa, favorecendo o desenvolvimento da empatia, da autoestima, do autocontrole e da autonomia em crianças, bem como a diminuição da solidão em idosos.

¹ Mestre em Educação. Auditora no IFRS – *Campus Sertão*. marindia.zeni@sertao.ifrs.edu.br

² Doutor em Produção Animal. Docente no IFRS – *Campus Sertão*. juliano.hashimoto@sertao.ifrs.edu.br

³ E-mail do projeto: petterapia@sertao.ifrs.edu.br. Facebook: @PetTerapia.IFRS

Contudo, pesquisas científicas que comprovam os benefícios à saúde humana da interação com animais foram publicadas somente a partir de 1980, quando se verificou que: a pressão arterial diminuía ao acariciar um cão ou um gato, doentes do coração com animais de estimação recuperavam-se mais rápido que os doentes que não os tinham, a presença de animais de estimação apresentava efeitos positivos na diminuição da ansiedade, na socialização e na recuperação terapêutica (CAMPOS, 2009).

Ainda, estudos recentes indicam que o convívio de 30 minutos com um cão é capaz de aumentar os níveis de ocitocina (conhecida como hormônio do amor) e diminuir os níveis de catecolamina e cortisol (hormônios ligados ao estresse), conforme resultados obtidos em comparativos realizados antes e após a exposição ao cão, por meio de exames de urina (SAVALLI; ADES, 2016).

A utilização de animais na reabilitação de enfermidades é chamada de zooterapia ou Terapia Assistida por Animais (TAA) e deve ser aplicada em conjunto com tratamentos específicos, conforme as necessidades físicas, psicológicas e/ou sociais do paciente.

Para Follain (2014), a TAA pode ser benéfica, por exemplo, em fonoaudiologia (pessoas com problemas de dicção ou que possuem problemas de fala – pacientes chamam os animais pelos seus nomes), fisioterapia (recuperação da coordenação motora – os pacientes acariciam, jogam bolas para cães, escovam seus pelos, etc. e na prática de exercícios respiratórios), psicologia (pacientes teriam diminuição da ansiedade e da dor e também diminuição da depressão, pois há o aumento dos níveis de endorfina no contato com os bichos), neurologia (tratamento de crianças com paralisia cerebral), etc.

De acordo com Campos (2009), a TAA pode atuar em diferentes níveis:

- a. Físico – melhora dos movimentos, do equilíbrio, do manuseio da cadeira de rodas;
- b. Psicológico – melhora das interações em grupo, da concentração, da autoestima, diminui a solidão e a ansiedade;
- c. Educacional – melhora o vocabulário e a memória a curto e a longo prazo, ajuda a interiorizar determinados conceitos básicos, como cor, tamanho etc.;
- d. Motivacional – aumenta a vontade de realizar atividades em grupo e ajuda na interação.

Diversos animais, chamados de co-terapeutas ou assistentes, podem atuar na TAA. No Brasil, é comum projetos que trabalham com cavalos, pássaros, coelhos, tartarugas e, em especial, cães. Em geral, “Os cachorros constituem 80%. Mas [...] há cães, gatos, coelhos, galinhas, burros, lhamas, aves, porcos e cavalos (outras entidades trabalham também com répteis, jabutis, tartarugas e até escargots)” (FOLLAIN, 2014).

No Projeto de Extensão Pet Terapia no IFRS - *Campus Sertão*, os co-terapeutas são cães e há uma mescla de atuação dos níveis apresentados, segundo as necessidades dos atendidos pelo projeto. A identidade visual do Projeto (*figura*) foi criada pela Equipe do Setor de Comunicação do IFRS, sob a orientação da Equipe do Pet Terapia, e retrata o objetivo do mesmo, a interação entre pessoa e cão com amor e respeito.



↑ **Figura 1.** Identidade visual do Projeto de Extensão Pet Terapia no IFRS – *Campus Sertão*.
Fonte: Logo criada pela Equipe do Setor de Comunicação do IFRS, sob a orientação do Grupo do Pet Terapia.

◀ **Figura 2.** Co-terapeuta Bolota em atendimento.
Fonte: Foto de arquivo do Projeto de Extensão Pet Terapia no Campus Sertão



Atualmente, o Pet Terapia conta com quatro co-terapeutas: Bolinha, Bolota, Joly e Suri. Todas fêmeas, Sem Raça Definida (SRD) e fruto de abandono, sendo três no próprio *campus*. Bolota possui três patas (*foto*), pois sua pata direita traseira teve de ser amputada devido a um atropelamento. Tal fato causa curiosidade, até mesmo surpresa, aos participantes do Pet Terapia, uma vez que ela é uma cachorra venturosa, corre e pula como qualquer outra.

As co-terapeutas do projeto possuem adestramento básico de obediência e estão em constante treinamento para a execução de novos truques/tarefas para auxiliar nas atividades com os participantes do projeto. Elas possuem carteira de vacinação atualizada e perfeita saúde. Bolinha e Joly estão sob a guarda de Juliano Hideo Hashimoto e Bolota e Suri estão aos cuidados de Marindia Zeni, ambos servidores do IFRS - *Campus Sertão* e integrantes do Pet Terapia.

Nas sextas-feiras, são atendidos os participantes assistidos pela Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Getúlio Vargas (APAE – Getúlio Vargas) e cada um deles possui a indicação de atividades a serem

realizadas. Conforme Termo de Cooperação Técnica firmado, a Equipe da APAE – Getúlio Vargas é responsável, entre outras tarefas, por avaliar/decidir sobre quais de seus assistidos devem participar do Pet Terapia, bem como qual será o enfoque dado às atividades.

Além dos benefícios anteriormente elencados, as co-terapeutas auxiliam na interação entre profissional e assistido e estimulam a execução das atividades (*foto*).

Citam-se exemplos:

- a. o assistido D. deve ser incentivado a caminhar com todo o pé no chão (não apenas a ponta do pé) – a co-terapeuta o acompanha na caminhada;
- b. o assistido P. tem dificuldade com cores – ele deve escolher a cor em que jogará a bolinha para a co-terapeuta buscar;



↑ **Figura 3.** Caminhada, com a co-terapeuta Bolinha, por diferentes terrenos/locais – Nível Físico/Fisioterapia.
Fonte: Foto de arquivo do Projeto de Extensão Pet Terapia no Campus Sertão.

- c. o assistido C. precisa estimular sua coordenação motora – é proposto atividades como pentear a co-terapeuta, colocar e tirar guia;
- d. o assistido I. não interage com o grupo – são propostas dinâmicas de grupo de forma que a interação com o grupo ocorra por intermédio da co-terapeuta.

Também, as atividades podem ser combinadas, como realizar caminhadas por garrafas pet coloridas e/ou numeradas, incentivando o assistido a falar as cores/números (nível educacional/fonoaudiologia) ao mesmo tempo em que realiza a caminhada (nível físico/fisioterapia).

Em conjunto com as atividades específicas de cada assistido, são trabalhadas questões referentes aos cuidados com os animais domésticos, como alimentação, saúde e higiene. Sempre se procura associar os cuidados dos animais com os cuidados dos humanos. Como exemplo, escovam-se os dentes das co-terapeutas.

No início do projeto, em 2016, alguns assistidos mostravam-se receosos ou tímidos. Hoje, aguardam ansiosos pela chegada dos cães, cumprimentam primeiro as co-terapeutas e depois a equipe de apoio. A satisfação em participar das atividades é perceptível aos olhos do leigo e a evolução dos assistidos é satisfatória. Atendimentos, no início, custosos, que pareciam não terminar⁴, onde as crianças se recusavam a fazer algumas atividades ou abandonavam exercícios antes de seu término, agora são realizados com reciprocidade. Os assistidos realizam as atividades com entusiasmo, a comunicação (um pouco intrincada devido às limitações dos atendidos) ficou fluida e o tempo passa cada dia mais rápido.

Pode-se dizer que o Pet Terapia no IFRS - *Campus Sertão* teve um bom desenvolvimento neste primeiro ano de atuação e deve continuar a progredir, trabalhando, a partir de 2017, também na área da Atividade Assistida por Animais (AAA) com o Lar dos Idosos de Getúlio Vargas – tema a ser abordado em um próximo relato de experiências. ■

⁴ Os atendimentos, em geral, são de quarenta e cinco minutos. Aos cadeirantes as atividades variam de dez a vinte minutos.

Referências

CAMPOS, Pâmela Reis Costa. **O tratamento e ajuda através dos animais**. Disponível em: <<http://pt.sli-deshare.net/hospvetporto/o-tratamento-e-ajuda-atravs-dos-animais>>. Acesso em: 11 de abr. de 2017.

FOLLAIN, Martha. **Zooterapia ou TAA (Terapia Assistida com Animais)**. Disponível em: <<http://www.anda.jor.br/16/12/2014/zooterapia-taa-terapia-assistida-animais>>. Acesso em: 11 de abr. de 2017.

ROCHA, Carolina Faria Pires Gama; MUÑOZ, Patrícia de Oliveira Lima; ROMA, Renata Paula Silva. História do relacionamento entre animais humanos e não humanos e da TAA. *In*: CHELINI, Marie Odile Monir; OTTA, Emma [Org.]. **Terapia Assistida por Animais**. Barrueri, SP: Manole, 2016.

SAVALLI, Carine; ADES, César. Benefícios que o convívio com um animal de estimação pode promover para a saúde e o bem-estar do ser humano. *In*: CHELINI, Marie Odile Monir; OTTA, Emma [Org.]. **Terapia Assistida por Animais**. Barrueri, SP: Manole, 2016.

Inclusão matemática para crianças com deficiência visual

Rubia Ness¹

RESUMO

A estimulação cognitiva e psicomotora de uma criança é muito importante na primeira infância, principalmente se esta criança apresentar alguma deficiência. Para auxiliar neste estímulo, o projeto Inclusão Matemática do Instituto Federal – *Campus* Caxias do Sul, oferece monitorias de matemática para alunos da Educação Infantil e do Ensino Fundamental Anos Iniciais, em parceria com o Instituto de Audiovisão. Este projeto, além de auxiliar os alunos com deficiência visual, também ajuda o licenciando em Matemática, bolsista do projeto, a vivenciar diversas metodologias de ensino, utilizando materiais concretos e recursos para tornar o processo de aprendizagem mais acessível.

Palavras-chave: Matemática. Inclusão. Deficiência visual.

A infância é a fase mais marcante para um ser humano, é um momento de descobertas e desenvolvimentos e, para que essas descobertas possam ocorrer de forma natural, é importante que ocorra um plano de desenvolvimento psicomotor e cognitivo, já que “o desenvolvimento infantil consiste em um aspecto fundamental para a qualidade das experiências das crianças” (RAMOS e SALOMÃO, 2013). Por se tratar em especial de crianças, estas entram na escola cada vez mais cedo, devido à importância que as atividades ali realizadas impactam de forma positiva em suas vidas.

Crianças precisam ser estimuladas para que haja um bom desenvolvimento, tanto psicomotor quanto cognitivo, pois são fundamentais para a sua compreensão de mundo e também para a formação da sua personalidade. De acordo com o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, “é por meio dos primeiros cuidados que a criança percebe seu próprio corpo como separado do outro, organiza suas emoções e amplia seus conhecimentos sobre o mundo” (BRASIL, 1998, p.15).

Se para uma criança na tenra idade, os estímulos são essenciais para o seu desenvolvimento, para uma criança com deficiência visual esses estímulos se tornam ainda mais importantes, “o desenvolvimento da criança com deficiência visual começa a se estruturar desde o nascimento a partir das habilidades de exploração, bem como das influências do seu ambiente” (FRANÇA-FREITAS

¹ Estudante do curso superior de Licenciatura em Matemática do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) - Campus Caxias do Sul. rubia.ness@caxias.ifrs.edu.br

e GIL, 2012). A percepção de mundo para uma criança com deficiência visual é diferente de uma criança vidente, e, por esse motivo, os estímulos ao seu desenvolvimento se tornam tão importantes, “trabalhar com o lúdico, brincadeiras, jogos, atividades que contribuam para o desenvolvimento da coordenação motora fina e ampla, equilíbrio, aperfeiçoam habilidades manuais, privilegiando também a interação e troca de experiências” (ZANINI, 2017).

A deficiência visual pode ser distinguida por três tipos:

Os Cegos, têm somente a percepção da luz ou não têm nenhuma visão e precisam aprender através do método Braille e de meios de comunicação que não estejam relacionados com o uso da visão. As pessoas com Visão Parcial, têm limitações da visão a distância, mas são capazes de ver objetos e materiais quando estão a poucos centímetros ou no máximo a meio metro de distância. As pessoas com Visão Reduzida, indivíduos que podem ter seu problema corrigido por cirurgias ou pela utilização de lentes. (ZANINI, 2007).

Dessa forma, os estímulos devem se adaptar ao tipo de deficiência que a criança possui. Os estímulos devem partir dos mais básicos, relacionados a simples rotinas do dia a dia, e seguir com atividades mais complexas que desenvolvam a sua coordenação motora, percepção espacial, entre outros, destacando o desenvolvimento tátil, pois é a partir dele que a criança com deficiência visual vai conhecer e explorar o ambiente sua volta (FRANÇA-FREITAS e GIL, 2012).

É importante destacar que caso essas experiências e estímulos não ocorrem nos primeiros anos de vida da criança, pode ocorrer uma grande dificuldade da pessoa em viver o seu corpo no espaço e, conseqüentemente, havendo prejuízos no processo de aprendizagem (ZANINI, 2007).

Com o objetivo de promover a formação e a qualificação profissional do cidadão, o Instituto Federal do Rio Grande do Sul - *Campus* Caxias do Sul possui inúmeras atividades e projetos que envolvem a comunidade escolar e propõem uma formação de professores que tenha um compromisso com uma educação integradora. O curso de Licenciatura em Matemática visa formar cidadãos capazes de promover o conhecimento matemático, que é tão fundamental em nossas vidas. Ferronato (2002) afirma que todos têm capacidade de aprender a medir, contar e calcular, independente das suas dificuldades e deficiências.

Para que esses objetivos pudessem ser alcançados, criou-se, em 2013, o projeto de extensão Inclusão Matemática, tendo como principal finalidade a oferta de monitorias de matemática para alunos com deficiência visual. Para esse fim, acordou-se uma parceria com o Instituto de Audiovisão (INAV), instituição que atende pessoas surdocegas, cegas e com baixa visão, oferecendo habilitação e reabilitação, inclusão social e escolar.

Inicialmente, os bolsistas do projeto coletam informações sobre os alunos atendidos no INAV em relação a sua deficiência e às dificuldades de aprendizagem na área de matemática. A partir disso, é possível criar estratégias de ensino para auxiliar na compreensão dos alunos sobre essa disciplina. Os licenciandos bolsistas criam materiais didáticos e adaptam materiais para o acesso aos alunos deficientes.

As monitorias são realizadas nas dependências do INAV, tendo duração de 30 minutos a uma hora. São realizadas, em sua maioria, de forma individual, pois facilitam a compreensão do aluno quanto ao conteúdo e o licenciando, numa melhor aproximação com o aluno.

No ano de 2016, o projeto teve um diferencial, pois atendeu, em sua maioria, alunos com idades entre 4 e 9 anos, da Educação Infantil e Ensino Fundamental, anos iniciais, evidenciando a importância de estímulos, em especial a matemática, nesse começo da vida escolar.

As atividades realizadas com os alunos da Educação Infantil foram voltadas para o lúdico e brincadeiras que facilitassem o entrosamento entre o aluno e o licenciando, para que os alunos tivessem o primeiro contato com a matemática de forma espontânea. Os materiais utilizados variavam de acordo com a atividade proposta. Os blocos lógicos foram um dos materiais utilizados com o intuito de identificar e classificar as figuras geométricas quanto às características das peças, bem como peças de encaixe e seriação.

Para os alunos do Ensino Fundamental, anos iniciais, as atividades foram voltadas para os conteúdos aprendidos na escola através de reforço escolar. Foram usados, inicialmente, o material dourado, para reforçar a ideia de quantidade e agrupamentos, propondo pequenos cálculos com esse material, além do uso de materiais para inicializar a leitura em braille dos números, relacionando-os com as suas respectivas quantidades.

O projeto se destaca pela sua importância para o licenciando em matemática, bolsista deste projeto, já que permite o contato com a inclusão, vivenciando diversas formas de ensino e aprendizagem, tendo um olhar diferenciado para esse público, fazendo o uso de materiais e recursos para tornar o processo de aprendizagem mais acessível. Vale ressaltar que é possível perceber impactos positivos desse trabalho na sua vida acadêmica e profissional.

Aos alunos do INAV, o projeto impacta em suas vidas, tanto no contexto escolar como no social. Para muitos, as atividades de monitoria trouxeram mais confiança e autoestima, bem como uma melhor inserção na sociedade de uma forma mais ativa e participativa. Em outros casos, o desempenho escolar melhorou consideravelmente, aumentando suas notas e abrindo caminho para continuar os seus estudos. ■

Referências

BRASIL. Referencial curricular nacional para a educação infantil (RCNEI). Brasília, 1998. 2v.

FERRONATO, Rubens. **A Construção de Instrumentos de Inclusão no Ensino da Matemática**. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Florianópolis – SC. 2002.

FRANÇA-FREITAS, Maria Luiza Pontes de; GIL, Maria Stella Coutinho de Alcântara. O Desenvolvimento de Crianças Cegas e de Crianças Videntes. **Brasil Educação Especial**, v. 18, n. 3, p.507-526, Jul – Set. 2012.

RAMOS, Deborah Dornellas; SALOMÃO, Nádia Maria Ribeiro. Desenvolvimento infantil: concepções e práticas de educadoras em creches públicas. **Psicologia: Teoria e Prática**, São Paulo, p.200-2013, Set – Dez. 2013.

ZANINI, Bárbara; FORNO, Letícia dal. **A Importância da Estimulação Essencial do Deficiente Visual e o Papel da Família neste Processo**. 2007. Disponível em: <http://www.psiquiatriainfantil.com.br/congressos/uel2007/140.htm>. Acesso em: 21 abr. 2017.

Oficina de Libras: uma ação de extensão necessária à sociedade nos diferentes contextos; histórico, político e social

Aline Dubal Machado¹

RESUMO

O Projeto de Extensão Oficina de Libras, objetiva difundir a Língua Brasileira de Sinais - Libras, a fim de que todos possam se comunicar e interagir com a comunidade surda. Esta ação ocorre com turmas em diferentes níveis de aprendizagem da Libras, sendo o trabalho através da exposição prática e teórica da Libras e variadas atividades. A Oficina apresentou uma grande demanda no primeiro semestre de 2016, atingindo um público diversificado, oriundos de nove municípios do Litoral Norte do RS e, com base em avaliação aplicada aos participantes, verificou-se que 94% dos participantes concordaram plenamente que o Projeto forneceu conhecimento suficiente em Libras e mais de 96% acreditam que atende de forma satisfatória aquilo que esperavam quando se inscreveram e 100% indicariam a Oficina a outras pessoas. Assim, o Projeto oportuniza o acesso a Libras para a construção de uma sociedade mais igualitária com êxito.

Palavras-chave: Inclusão. Libras. Surdos. Ouvintes.

A pessoa surda é constituída através da experiência visual, cultural e linguística nos diferentes contextos - histórico, político e social - diante das relações com seus pares surdos. A sociedade como um todo deve ter informações e formação para compreender, acolher e incluir o surdo e, assim, saber conviver e comunicar-se com ele. A Oficina de Libras é um Projeto de Extensão criado para viabilizar a comunicação entre as pessoas surdas e ouvintes, através do acesso à Língua Brasileira de Sinais - Libras, segunda língua oficial do país conforme a Lei nº 10.436, de abril de 2002. Esta ação de Extensão é uma das propostas do Programa Vivenciando Educação

¹ Mestre em Distúrbios da Comunicação Humana, possui formação como intérprete de Libras com aprovação pelo ProLibras 2006 e 7º ProLibras em proficiência no ensino de Libras. Docente de Libras no IFRS - Campus Osório. aline.dubal@osorio.ifrs.edu.br

Inclusiva, vinculada ao Núcleo de Atendimento às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas – NAPNE do IFRS – *Campus* Osório.

O Projeto visa oportunizar o conhecimento da Língua Brasileira de Sinais - Libras, possibilitando a comunicação entre pessoas surdas e ouvintes, gerando competências comunicativas que valorizem a educação e a cultura do surdo no âmbito inclusivo, bem como garantindo o direito da comunidade surda comunicar-se em Libras, sua língua natural, ampliando a acessibilidade.

Outra finalidade dessa ação de extensão é a eliminação de barreiras de comunicação, proporcionando a inclusão das pessoas surdas no meio social e educacional, garantindo-lhes o direito à cidadania, atenção às suas necessidades básicas de comunicação e ao acesso à educação de qualidade.

O Decreto Federal nº. 5.626, de 22 de dezembro de 2005 estabelece que todas as escolas, instituições de ensino e universidades do País têm a obrigação legal de oferecer Língua Brasileira de Sinais - Libras aos profissionais da educação, familiares e interessados e a Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015 - Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência/ Estatuto da Pessoa com Deficiência - institui no art.28, XII a “oferta do ensino de Libras, do sistema Braille e de uso de recursos de tecnologia assistiva, de forma a ampliar habilidades funcionais dos estudantes, promovendo sua autonomia e participação”.

Observando-se a base legal, compreende-se a necessidade de ações como a Oficina de Libras para acompanhar as Políticas Públicas atuais e cumprir não somente a legislação em vigor, mas, sim, cumprir um papel social e dialógico: o de formar pessoas capazes de comunicarem-se, interagirem com a comunidade surda com respeito à sua diferença linguística e cultural.

Desde 2014 a Oficina de Libras oferta turmas em diferentes níveis de aprendizagem da Língua Brasileira de Sinais: Nível I, Nível II, Interação em Libras e Sinalizando. Os participantes dessas turmas são docentes, técnicos-administrativos, gestores, alunos, ex-alunos do IFRS - *Campus* Osório, professores da Rede Municipal e Estadual, familiares de surdos e comunidade local e regional do Litoral Norte do RS.

📍 **Figura 1.** Turma de Libras 2016/1. Fonte: Aline Dubal Machado.





A Oficina de Libras desenvolve-se numa relação entre a teoria e a prática da Língua Brasileira de Sinais, da cultura surda e dos aspectos linguísticos dessa língua. Deste modo, as atividades são realizadas com a utilização de vídeos, dicionários, aplicativos que contemplem o acesso e o aprendizado da língua gestual-visual. Também são praticados dinâmicas, exercícios de expressão corporal e facial e atividades teatrais, as quais levam os participantes ao aprendizado da língua natural da comunidade surda, a Libras.

← **Figura 2.** Atividade de expressão corporal e facial. **Fonte:** Aline Dubal Machado.

Outro recurso didático desenvolvido são as tarefas de tradução e interpretação da Libras/Língua Portuguesa e Língua Portuguesa/Libras através de diálogos, conversações, contação de histórias e músicas em Libras.

Em 2015, uma das turmas solicitou vídeos que demonstrassem os sinais do RS, pois se sabe da variedade linguística que existe em relação às línguas e seu léxico, ou seja, também em Libras há está variação. A partir dessa demanda, iniciou-se a produção de vídeos com os sinais específicos do RS e do Litoral Norte como ferramenta de estudo e apoio aos participantes da ação.

Atualmente esse material é disponibilizado após cada encontro do Projeto, através de aplicativo, onde primeiramente, apresentam-se os sinais do tema a ser estudado no encontro, sinaliza-se, faz-se frases, diálogos e dinâmicas com os novos sinais em Libras e, para dar continuidade ao estudo e aprendizado, envia-se um vídeo em Libras com o mesmo tema para o grupo de participantes que, assim, terão à sua disposição material didático para dar sequência a prática em Libras. Os vídeos produzidos pelo Projeto estão disponíveis em rede social e no canal do Youtube para conhecimento e estudo de todos os interessados em aprender os sinais mais específicos do RS.

A metodologia proposta contempla a formação cidadã, a geração de novos saberes e competência, bem como, articula o conhecimento teórico da Libras com a prática, uma vez que, os participantes são agentes atuantes do desenvolvimento das atividades e as ações realizadas e pensadas em Libras.

Os participantes da Oficina de Libras estão tendo a oportunidade de uma formação mais global e humanista, pois interagem com um público específico, uma comunidade minoritária que luta pelo direito e igualdade, a comunidade surda. Ainda, as ações desenvolvidas beneficiam a construção de um sujeito diferenciado para o mercado de trabalho, pois terão a competência linguística em Libras e poderão atuar no mundo do trabalho de forma singular, o que acarretará numa transformação social.

Além das atividades desenvolvidas semanalmente, no ano de 2016 foram realizadas duas ações diferenciadas com a comunidade local e regional, sendo essas: a Comemoração do Dia Nacional do Surdo (ação de extensão local) e o I Encontro de Libras do Litoral Norte (ação de extensão regional).

No Dia Nacional do Surdo, 26 de setembro, no turno da manhã, participantes das turmas da Oficina de Libras dos níveis I, II e Sinalizando estiveram na Escola Cônego Pedro Jacobs, em comemoração à referida data, realizando oficinas com os alunos ouvintes e com o auxílio de alunos da classe de surdos da instituição.



📌 **Figura 3.** Comemoração ao Dia Nacional do surdo. **Fonte:** Aline Dubal Machado.

O grupo organizado com ouvintes e surdos realizou atividades de ensino da Língua Brasileira de Sinais - Libras para alunos de 6º a 9º ano do Ensino Regular.

Os alunos ouvintes da escola visitada realizaram as atividades propostas com bastante entusiasmo, interagiram de forma satisfatória com os colegas surdos, demonstrando interesse e curiosidade ao receberem seus respectivos sinais de identificação, em Língua de Sinais. Um dos alunos surdos fez vários sinais para os colegas de escola – os sinais de cada pessoa equivale ao seu nome - os surdos não se referem às pessoas sinalizando as letras do alfabeto, mas sim, o sinal referente à mesma.

Outra ação realizada vinculada ao Projeto de Extensão foi o I Encontro de Libras do Litoral Norte, evento de cunho regional que objetivou a discussão e reflexão sobre Libras, cultura surda e comunidade surda. O encontro oportunizou a integração da comunidade surda e ouvinte com depoimentos e palestras sobre o tema surdez e Libras; foram pensadas e discutidas propostas educacionais voltadas para os surdos. O espaço possibilitou também a apresentação de ações desenvolvidas na região voltadas para a cultura surda, com base nos aspectos legais, sociais e educacionais.

No último encontro semestral de cada Oficina de Libras, é realizada uma avaliação para que os participantes tivessem a oportunidade de analisar as atividades desenvolvidas no projeto (se essas foram de fácil compreensão; se foram desenvolvidas no ritmo de aprendizagem dos participantes; se as atenderam de forma satisfatória aquilo que esperava quando se inscreveu para participar entre outros aspectos a serem avaliados).

➡ **Figura 4.** Atividade de ensino de Libras em comemoração ao Dia Nacional do surdo. **Fonte:** Aline Dubal Machado.



Na avaliação edição 2016/1 da Oficina que apresentou uma grande demanda, atingindo um público diversificado, oriundo de 9 municípios do Litoral Norte: Osório, Capão da Canoa, Xangri-lá, Maquiné, Balneário Pinhal, Tramandaí, Cidreira, Santo Antônio da Patrulha e Três Forquilhas. Obtiveram-se os seguintes resultados: 94% dos participantes concordaram plenamente que o Projeto forneceu conhecimento suficiente sobre a Libras, mas necessitam continuar a formação e sugerem novas turmas com níveis avançados; 96% destes acreditam que este atende de forma satisfatória aquilo que esperavam quando se inscreveram e 100% indicariam a oficina de Libras a outras pessoas.

O Projeto de Extensão: Oficina de Libras defende uma educação baseada na diversidade e possibilidades de aprendizagem de cada estudante, sustentando um fazer pedagógico a partir da singularidade de cada um, sendo as instituições escolares o lócus de ensino e aprendizagem.

Assim, considera-se que o projeto venha atingindo os objetivos propostos com êxito, oportunizando o acesso a Libras para a construção de uma sociedade mais igualitária e de respeito ao próximo. ■

Referências

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. **Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais e dá outras providências.** In: Direito à educação: subsídios para a gestão dos sistemas educacionais. 2. ed. MEC/ SEESP, Brasília, 2006.

_____. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. **Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras.** Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br>>. Acesso em: 04 maio. 2017.

_____. Lei n.13.146, de 06 de julho de 2015. **Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência.** Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br>>. Acesso em: 04 maio. 2017.

Relato de experiência do Projeto Compaixão

Kelen Rigo¹, Onorato Jonas Fagherazzi², Cláudia Soave³, Tatiani Secretti⁴, Giovana De Lucca⁵, Sandra Palmeiras⁶

RESUMO

O Compaixão foi um projeto de extensão aprovado e realizado no *Campus* Bento Gonçalves ao longo do ano de 2016. Por meio dele, estima-se que de forma direta tenha-se envolvido, no mínimo, uma centena de alunos. Foram várias ações que integraram grande quantidade de alunos para o desenvolvimento de ações voluntárias para diferentes Organizações Não Governamentais (Associação dos Deficientes Visuais de Bento Gonçalves, Associação Integrada do Desenvolvimento do Down, Lar do Ancião, Parceiros Voluntários), no Hospital da cidade e, em algumas escolas. Por meio destas, pode-se sensibilizar os estudantes pela vivência de ações éticas em prol das necessidades reais de outras pessoas que assim também seriam beneficiadas. O projeto permanece empenhado em continuar despertando no humano, seus melhores sentimentos em prol de suas melhores ações.

Palavras-chave: Compaixão. Voluntariado. Ética.

Em 2016, foi criado no *Campus* de Bento Gonçalves, o projeto extensão Compaixão, tendo como coordenadora, Kelen Rigo, e contando com Onorato Jonas Fagherazzi, Cláudia Soave e Vitória Pena como membros da equipe. Este Projeto visava motivar estudantes e servidores a realizarem ações voluntárias, dentro e fora do *campus*. Para tanto, buscou-se contato com a ONG Parceiros Voluntários. Com o Auxílio dessa ONG fez-se reuniões periódicas entre os membros que propunham e decidiam quais atividades seriam feitas no decorrer do ano, de acordo com necessidades daquelas organizações e a nossa disponibilidade de ação. A primeira atividade realizada no projeto chamou-se trote solidário e teve como foco a recepção dos calouros do nosso *campus*. A atividade visou a arrecadação de materiais de limpeza e higiene, livros infantis e infanto-juvenis como uma atitude voluntária dos ingressantes em substituição do trote antigo, tornando-se assim,

¹ Especialista em PROEJA. Coordenadora do Projeto Compaixão e da Coordenadoria de Assuntos Estudantis (CAE) no IFRS - Campus Bento Gonçalves. kelen.rigo@bento.ifrs.edu

² Doutor em Educação em Ciências. Docente de Filosofia no IFRS - Campus Bento Gonçalves. onorato.fagherazzi@bento.ifrs.edu.br

³ Mestre em Filosofia. Docente de Gestão no IFRS - Campus Bento Gonçalves. claudia.soave@bento.ifrs.edu.br

⁴ Doutora em Estatística. Docente de Estatística no IFRS - Campus Bento Gonçalves. tatiani.secretti@bento.ifrs.edu.br

⁵ Estudante do Curso Técnico em Viticultura e Enologia no IFRS - Campus Bento Gonçalves. giovanadelucca@gmail.com

⁶ Estudante do Curso de Licenciatura em Matemática no IFRS - Campus Bento Gonçalves. palmeiras.sandra@yahoo.com.br

uma atividade solidária. E, para fazer com que os alunos interagissem entre eles, esta, acabou se tornando também, uma ação de interação aos membros do *campus*, que foi aclamada por despertar a motivação em ajudar ao próximo.

Após essa atividade, efetuou-se uma visita à Associação de Atendimento aos Surdos e Associação de Atendimento aos portadores de Síndrome de Down no dia 17 de junho, juntamente com representantes do Grêmio Estudantil e demais estudantes do IFRS – *Campus* Bento Gonçalves. Nela, foi realizada a doação dos materiais de limpeza e higiene arrecadados durante o Trote Solidário, no início do ano letivo, e conheceu-se um pouco do belo e importante trabalho realizado por essas duas associações. Também, se teve, a oportunidade de conversar com as pessoas que são acolhidas e atendidas gratuitamente por essas entidades. Neste mesmo mês, foi realizada uma oficina de voluntariado a partir de seus principais conceitos expostos por Domeneghetti (2001) e Meister (2003). A partir dessa oficina que explanou o valor do voluntariado, da sensibilização e da vivência da ética e da alteridade a partir dos textos de Valls (2004) e Abbagnano (2003). E, planejou-se novas atividades sugeridas para o ano de 2016. Dentre elas, efetivou-se no mês de julho, o apoio à Festa Junina da Associação dos Deficientes Visuais de Bento Gonçalves - ADVBG. Atividade que proporcionou aos associados uma tarde divertida, com a presença do gaitero Ivan Bucco e voluntários do projeto. Associação essa,

que também contou com a visita e o apoio dos alunos do Curso de Horticultura, por meio de uma vivência através da disciplina de Ética. Além de poder conhecer as dependências da Associação e entender seu funcionamento, alunos puderam colaborar com atividades que lá diariamente são desenvolvidas. Houve também a verificação de demandas, necessidades de atividades de lazer que podem integrar os associados da ADVBG aos alunos e servidores do IFRS em futuras ações de voluntariado.

No segundo semestre, o Projeto Compaixão realizou mais uma de suas ações, juntamente do DTG Cultura Sem Fronteira, em uma visita ao Lar do Ancião de Bento Gonçalves. A tarde foi de muita dança, músicas tradicionalistas e, principalmente, troca de saberes. Pudemos conhecer um pouquinho da vida de alguns dos vovôs e ver no rosto de cada um quão alegres estavam com nossa visita. Essa visita proporcionou despertar nos alunos uma maior sensibilidade pela terceira idade. E, esse foi o retorno recebido por parte dos próprios discentes.

Na busca pela sensibilização de mais estudantes para essa nobre causa, também se realizou uma Oficina de Voluntariado com os estudantes do Ensino Médio/Técnico. Na mesma pudemos trabalhar a questão da gentileza, pequenas ações que geram grandes mudanças no mundo. Para



← **Figura 1.** Ação voluntária do Lar do Ancião com DTG Cultura Sem Fronteira. **Fonte:** Acervo IFRS- Projeto Compaixão.

tanto, utilizou-se vídeos motivacionais, leitura e reflexão sobre o texto “Fazendo a Diferença”, e se propôs a confecção de cartões para o Dia das Crianças, que foram entregues para as crianças internadas no Hospital Tacchini. Ressaltamos que, nas entrevistas para bolsistas 2017, os alunos se referiam ao projeto fazendo referência a essa vivência. Na comunidade interna, também se desenvolveu uma Oficina de Voluntariado com os estudantes do Curso Técnico Subsequente em Administração do nosso *campus*. Trabalhou-se com vídeos motivacionais, leitura e reflexão sobre o texto “Fazendo a Diferença.”

Voltados a comunidade externa, os voluntários do Projeto Compaixão realizaram uma oficina de integração, acolhida, visita a algumas dependências da Vinícola-Escola do *campus* e uma degustação orientada de alguns derivados da uva: suco integral, vinho, espumante moscatel e espumante brut. O objetivo do evento foi oportunizar uma vivência de inclusão e conhecimento sobre nossas raízes culturais, em torno das quais evoluiu a própria história de nosso *campus*: a uva e o vinho. A degustação temática foi realizada às cegas por todos os participantes, em parceria com a ADVBG, e pelo enólogo Bruno Cisilotto, que esteve coordenando as atividades. Com o apoio de alguns alunos voluntários do Curso Técnico em Enologia e do Curso Superior de Tecnologia em Viticultura e Enologia do *campus*, apresentou-se o Projeto Compaixão, explanando a importância de se pensar no trabalho voluntário, nas necessidades e dificuldades do outro, e de se proporcionar momento de integração e aprendizagem entre estudantes, servidores e comunidade externa. Ao final do encontro, os participantes declamaram algumas belas poesias, abrilhantando a tarde.



📌 **Figura 2.** – Degustação às cegas: ação voluntária promovida com a Associação dos Deficientes Visuais de Bento Gonçalves – ADVBG.
Fonte: Acervo IFRS - Projeto Compaixão.

Na comunidade externa, o Projeto Compaixão esteve, juntamente com o Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas – Neabi, na Escola Municipal Felix Faccenda, realizando dinâmicas sobre sentimentos, valores e de integração com os alunos do 2º ano do Ensino Fundamental. Além disso, foi realizada a oficina de filtro dos sonhos, onde cada um confeccionou o seu. E ficaram lindos! Também foi realizada a doação de livros infantis e infanto-juvenis, arrecadados no Trote Solidário no início do ano. Foi uma tarde maravilhosa, onde viramos professores dos pequenos e ainda tivemos a oportunidade de aprender muito com todos eles.

Por fim, os voluntários do projeto, juntamente com a Parceiros Voluntários e a equipe de Humanização do Hospital Tacchini, tiveram a honra de passar uma manhã de muita alegria, risadas, emoção junto das crianças que estavam hospitalizadas. Foi feita a entrega de muitos abraços, sorrisos, carinhos,



📌 **Figura 3.** Entrega dos livros arrecadados pelo trote solidário, doados para EMEF Félix Faccenda.
 Fonte: Acervo IFRS - Projeto Compaixão.

doces e cartões para as crianças e seus pais. Foi um momento único! Noutra ação, juntamente com o Lar da Caridade foi realizada a entrega dos doces arrecadados através da campanha “Doce ou Travessuras?” organizada em parceria com o Grêmio Estudantil. Somou-se muitos quilos de doces, os quais foram entregues para contribuir com a festa de Dia das Crianças do Lar da Caridade. E, nas proximidades do final de ano, o projeto organizou a Campanha de Natal. Iniciou-se no mês de novembro duas campanhas, uma de arrecadação de alimentos não perecíveis, a serem doados para a Associação dos Deficientes Visuais de Bento Gonçalves, Associação Integrada do Desenvolvimento do Down e Associação dos Surdos, entidades atendidas pelo projeto este ano. Além disso, também foram adotadas 40 cartinhas das crianças carentes da Escola Municipal Félix Faccenda, as quais foi doado um brinquedo para cada criança.

Conclui-se por meio desse primeiro ano de ação que o projeto não conseguiu resolver as necessidades de todas as organizações não governamentais. Mas, em atendimento às demandas de



📌 **Figura 4.** Participação na ação do Dia das Crianças do Grupo de Humanização do Hospital Tacchini.
 Fonte: Acervo IFRS- Projeto Compaixão.

algumas entidades e da ONG Parceiros Voluntários, pudemos atender a um público diverso, desde crianças, idosos e pessoas com necessidades especiais. Fortalecendo vínculos entre o IFRS – *Campus* Bento Gonçalves e a comunidade externa, além de um grande crescimento individual adquirido. Pode-se notar que, ao longo do ano, e no decorrer das atividades do projeto, as pessoas que nele se engajaram, acabaram por aprender coisas novas acerca da prática do voluntariado, estimulando a troca de novos saberes e novas experiências de sentido de vida. Além disso, pode-se observar o desenvolvimento da empatia, a prática de pequenas ações que fazem a diferença, demonstrações de afeto e carinho àqueles que precisam e estão perto de nós, em nosso meio, etc. Portanto, houve, por meio desse projeto, uma significativa contribuição para a formação humana e cidadã dos participantes, indo ao encontro dos objetivos propostos pelo Projeto Compaixão e do IFRS. ■

Referências

ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

DOMENEGHETTI, A.M. **Voluntariado: Gestão do trabalho voluntário em organizações sem fins lucrativos**. São Paulo: Esfera, 2001.

MEISTER, J.A.F. **Voluntariado: Uma ação com sentido**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

VALLS, A. **O que é ética**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

Educação, gênero e direitos humanos - Lugar de Mulher é onde ela quiser: protagonismo feminino como fortalecimento da cidadania

Luciane Senna Ferreira¹, Natália Alves de Jesus²

RESUMO

O projeto de extensão “Lugar de Mulher é onde ela quiser: protagonismo feminino como fortalecimento da cidadania” foi elaborado a partir da demanda de discentes e servidoras do Instituto Federal do Rio Grande do Sul – *Campus Osório* por um espaço de construção coletiva sobre gênero. Neste escopo, o projeto propôs uma discussão ampla a partir da temática sobre direitos humanos das mulheres, na busca por fortalecer o debate sobre a formação de noções acerca da cidadania, dos direitos e da violência. Consistiu na construção de uma articulação de estudos, pesquisas e ações pedagógicas, que pretendeu oportunizar aprendizagens e formar multiplicadoras/es destes conhecimentos e saberes de forma a construir uma rede de união e troca de experiências entre as mulheres.

Palavras-chave: Gênero. Protagonismo feminino. Direitos Humanos.

Introdução

A produção feminista no Brasil surgiu a partir da década de 1970 em estreita relação entre a academia e o movimento (GROSSI, 2008). Essa situação se manteve ao longo das décadas de 1980 e 1990, quando as reflexões e estudos acadêmicos dialogavam constantemente com a militância feminista, na defesa e criação de mecanismos que implementassem políticas de reconhecimento dos direitos humanos das mulheres e a sua proteção contra a violência. No século XXI, este diálogo

¹ Mestre em Literatura. Docente de Letras no IFRS - *Campus Osório*. luciane.ferreira@osorio.ifrs.edu.br

² Estudante bolsista do Curso Técnico em Administração no IFRS - *Campus Osório*. natalia-alvesj@hotmail.com

se maximiza e os debates sobre gênero e a luta dos direitos violados têm se tornado cada vez mais frequentes nas ruas, nas escolas, nas Organizações Não-Governamentais (ONGs), nas associações e nas redes sociais. São mulheres que impulsionam um novo feminismo para exigir direitos, respeito e igualdade, onde as palavras “empoderamento” e “sororidade” norteiam os novos movimentos em busca da criação de uma rede de união, de amparo e de acolhimento entre elas. Para Saffioti (2004), há segmentos dotados de capacidade de fazer uso de micro-poderes em espaços colaborativos para a transformação da sociedade, além de tecer uma malha social de sustentação das conquistas realizadas nos processos macro. Partindo destes pressupostos, foi desenvolvida ação de extensão em tela, que buscou mecanismos na promoção do empoderamento das mulheres, com vistas a “promover o desenvolvimento e ações que fomentem os Direitos Humanos das mulheres como sujeitos históricos” (CAVALCANTI, 2005, p. 244).

Consolidação do projeto

Por meio de discussões no *Campus Osório*, através da “Olimpíada de Filosofia – Qual o caminho para reconstrução de nós mesmos?” (2014), foi levantada a temática do papel da mulher e do seu protagonismo social para a construção de uma sociedade mais igualitária e justa. Com a recorrência do interesse pelo tema, sobretudo entre os/as discentes, buscou-se, desta forma, inseri-lo em uma discussão mais ampla.

No ano de 2015, nasce, no *Campus Osório*, a proposta de desenvolver um projeto voltado ao debate sobre questões pertinentes às mulheres e que pudesse atender ao anseio da comunidade local. Elaborou-se, então, o projeto de extensão “Lugar de Mulher”. Naquele ano, três ações foram desenvolvidas: mulheres na história, desconstrução da linguagem sobre a mulher e padrões de beleza, com participação do público interno e externo. Estas atividades geraram um intenso debate sobre a importância de criar no *Campus* o NEPGS (Núcleo de Estudos e Pesquisas em Gênero e Sexualidade). Assim, no segundo semestre de 2015, institui-se o Núcleo, com a proposta de fomentar e ampliar a discussão, inserindo, então, temas sobre as sexualidades, bem como propondo projetos de pesquisa e extensão sobre essas temáticas³. O interesse e aceitação do projeto “Lugar de mulher”, tanto pela comunidade do *campus* quanto pelo público externo à instituição, assim como a manifestação da necessidade de espaços de discussão que priorizassem questões sobre o feminismo e o papel da mulher na sociedade, tratando também de combater a discriminação tão acentuada que elas sofrem em todos os campos sociais, fez com que o projeto expandisse e, no ano de 2016, “Lugar de Mulher é onde ela quiser: protagonismo feminino como fortalecimento da cidadania” consolidou-se definitivamente.

O projeto buscou ampliar seus objetivos e passou a ser norteado pelos seguintes pontos: (i) analisar e discutir os processos históricos de desigualdade que marcam as relações de gênero na nossa sociedade; (ii) oportunizar instrumentos teóricos e críticos para o fortalecimento das mulheres em sua atuação na esfera pública e privada; (iii) sensibilizar as/os participantes para a importância da construção, da difusão e da troca de conhecimentos entre as mulheres; (iv) motivar a percepção da importância dos direitos humanos e a garantia de forma igualitária; (v) desenvolver com as/os participantes das ações atividades de construção coletiva de conhecimento e empoderamento para o exercício dos direitos das mulheres.

³ NEPGS é fruto do debate coletivo na produção de conhecimentos e ações comprometidas com a comunidade litorânea, movido pelos interesses e demandas surgidas a partir do projeto Lugar de Mulher.

Planejamento e ações

A partir das reuniões entre bolsistas, colaboradoras e coordenadora, norteando-se pela noção de direitos e lutas pela igualdade de gênero, assim como a preocupação com as relações locais, familiares e educativas, relações com o mundo do trabalho e com o espaço público e o privado que perpetuam lógicas de exclusão e desigualdade, foram pensados os recortes temáticos que seriam trabalhados ao longo do ano de 2016, o público, de acordo com a realidade local, e as formas de divulgação das ações. Entendeu-se a necessidade de tratar dos seguintes temas: mulheres, direitos e cidadania; mulheres na educação; mulheres na política; mulheres na agricultura familiar; mulheres na ciência; mulheres e gênero, identidade e sexualidades. Viu-se também a demanda de levar esses temas para próximo das/dos jovens de ensino médio das escolas públicas do município de Osório, além dos demais interessados, para que possibilitasse a construção de conhecimentos de forma coletiva. A divulgação das ações ocorreram na página do Blog e Facebook do projeto, na rádio local, nas escolas do município e no *campus*.⁴

As ações ocorreram mensalmente a partir de maio. A primeira foi no *Campus* Osório, à tarde, e na Escola Estadual de Ensino Médio Albatroz, no turno da noite. Ministrada pela Prof^a Dr^a Kathlen Luana de Oliveira, a ação abordou o tema sobre gênero, direito e violências, bem como divulgação aos participantes sobre a central de atendimento à mulher (180) – canal criado para receber denúncias e orientar mulheres vítimas de violências. A segunda ação, mulheres na educação, com a participação da Prof^a Dr^a Maria Augusta Martiarena, propôs a exibição do filme “O sorriso de Mona Lisa” e o debate sobre os estereótipos femininos e a vida acadêmica da mulher na carreira docente. A ação seguinte, em conjunto com o NEPGS, trouxe o tema “Gênero e identidades: repensar e desconstruir para humanizar”, através da exibição do curta “De que lado me olhas”, tendo a discussão conduzida pelas diretoras do documentário Carolina de Azevedo e Elena Sassi⁵. No mês seguinte, o projeto ofertou no *campus* a ação “Mulheres na Política”, que contou com a presença de mais de 200 participantes e de uma convidada, a Deputada Estadual Manuela D’Ávila, a qual problematizou questões sobre sua experiência como mulher na política, principalmente a relação do espaço público e privado atribuído às mulheres, destacando a importância de enfrentarem o machismo nas diversas situações em que ele lhes é imposto.⁶

O tema “Mulheres na agricultura familiar”, debatido na penúltima ação do projeto, foi conduzido pela Representante dos Sindicatos Rurais de Maquiné/RS, Madalena Marks Machado, que pôde falar sobre sua experiência na área da agricultura familiar e a importância do gênero feminino na dinâmica das áreas rurais. Com a presença da pesquisadora Prof^a Dr^a em Física Márcia Barbosa, no mês de novembro, ocorreu a última ação do projeto. A Prof^a da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e membro da Academia Brasileira de Física abordou temáticas nas quais apontou que a desigualdade de gênero nas ciências é latente e antiga, mas, ao mesmo tempo, com a luta de diversas mulheres nas ciências e demais áreas, o sistema patriarcal está sendo modificado. Discutiu, ainda, sobre suas experiências com o machismo a partir da sua trajetória acadêmica como pesquisadora, Dr^a em Física, Diretora do Instituto de Física da UFRGS e vencedora do Prêmio L’Oréal-Unesco para Mulheres na Ciência.

⁴ Ver Blog disponível em: <<http://projetolugardemulher.blogspot.com.br/>>, Facebook em: <<https://www.facebook.com/projetolugardemulher/?fref=ts>>, rádio em: <<https://www.facebook.com/radioosorio/photos/a.285298394850241.68376.247063442007070/1346604345386302/?type=3&theater>>.

⁵ O documentário é exibido em vários festivais de cinemas. Página oficial do curta disponível em: <<https://www.facebook.com/dqlmo/>>. Acesso em: 08 de abr. 2017.

⁶ Entrevista concedida pela Deputada Manuela D’Ávila e pela Coordenadora do projeto Luciane Ferreira à Rádio Jovem Pan News, disponível em: <<http://radiolitoraljp.com.br/joomla/index.php/9-noticiass/6143-audio-manuela-disponivemd-avila-participa-de-projeto-da-ifrs-em-osorio>>. Acesso em: 09 de abr. 2017.



📍 **Figura 1.** Equipe do Projeto de Extensão e no centro a Profª Kathlen de Oliveira, ministrante da primeira ação.
Fonte: Catia Gemelli.

Indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão

Ao longo do projeto, a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão foi efetiva. As ações realizadas a partir de uma abordagem de formação e construção coletiva do conhecimento entre docentes, bolsistas e participantes, principalmente os/as discentes, contribuíram para uma formação integrada ao ensino-aprendizagem⁷. Quanto à dimensão da pesquisa, ela apresentou papel fundamental na medida em que, através do processo de investigação, realizado pelas docentes e bolsistas, fez-se o levantamento de dados, materiais, leis, redes de atendimento e apoio comunitário, assim como aprofundamentos teóricos que orientaram o planejamento e as ações do projeto. Em relação ao eixo extensão, principal norteador deste projeto, ele propôs uma formação e multiplicação de conhecimentos dentro do marco do ensino e do aprendizado dos Direitos Humanos. Esses elementos, considerados como transformação social, prática de fortalecimento e constituição de cidadania, fizeram com que os laços com a comunidade local fossem estreitados.

Resultados

Por meio das atividades realizadas pelo projeto, tornou-se notório que ações voltadas ao empoderamento feminino e o esclarecimento dos direitos humanos das mulheres são essenciais no

⁷ Como resultado do projeto e da ativa indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão foi elaborado, para 2017, o projeto de ensino "Coletivo de debate: gênero e sexualidades".

ambiente escolar, porque é nele que as/os jovens desenvolvem, ampliam e reconstróem os seus conhecimentos e suas práticas. As ações permitiram consolidar uma cultura de reflexão, de debate, de participação e de emancipação dos sujeitos, contribuindo para que os envolvidos compreendessem a realidade e os problemas vivenciados pelas mulheres. Isso reafirmou o valor do debate coletivo e fortaleceu a consolidação de espaços de acolhimento às mulheres na instituição, o que se efetivou como uma conquista das discentes e servidoras. O desenvolvimento das ações com a participação da comunidade interna e externa à instituição favoreceu a troca de experiências e relatos marcados por trajetórias de vida, proporcionando um empoderamento no que diz respeito à valorização, emancipação e autonomia das mulheres, bem como contribui para multiplicação de conhecimentos acerca das pautas feministas abordadas ao longo do projeto. “Lugar de Mulher é onde ela quiser: protagonismo feminino como fortalecimento da cidadania” empoderou as estudantes participantes de forma que elas não ficaram restritas apenas a serem críticas nas ações propostas, mas também nas salas de aula, rodas de conversa e no ambiente familiar, tornando-se protagonistas de lutas por direito, igualdade e mudanças sociais, conseguindo, desta forma, engajar cada vez mais outras/os estudantes nos debates sobre igualdade de gênero.

A experiência do projeto propiciou às bolsistas extensionistas uma visão ampliada dos Direitos Humanos e da cidadania como fortalecimento da igualdade de gênero, uma vez que entraram em contato com várias mulheres de vivências tão diferentes, o que permitiu a elas uma percepção melhor da realidade, demandas e problemas, bem como puderam ter contato com saberes para além da sala de aula, o que também é fundamental para uma formação cidadã completa e com mais percepção da pluralidade de realidades sociais. A cada ação desenvolvida, também aprenderam ao longo do processo educativo, pois sentiram-se estimulados pela vivência junto à comunidade a refletir sobre seus papéis de estudantes, extensionistas e mulheres sob uma perspectiva de gênero e de multiplicadoras dos conhecimentos. Assim, buscaram formas de divulgação do projeto e das lutas das mulheres, participando da 17ª Mostra de Pesquisa, Ensino e Extensão do IFRS – *Campus* Porto Alegre; I Salão Jovem da FACOS; 21ª Feira do Livro do município de Osório; 6ª Mostra de Ensino, Pesquisa e Extensão do IFRS – *Campus* Osório; e 4º Seminário de Extensão do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – SEMEX. Nos dois últimos eventos, o projeto foi destaque na categoria Projetos de Extensão.⁸

Por fim, o projeto ratifica a importância e a necessidade de continuidade, ampliação e aprimoramento constante de ações que abordem o tema gênero no contexto escolar, pois acredita-se ser este um espaço para a superação das construções sociais desiguais.⁹ ■

Referências

CAVALCANTI, Vanessa Ribeiro Simon. **Mulheres em ação:** revoluções, protagonismo e práxis dos séculos XIX e XX. São Paulo: Revista História, jun. 2005, p. 243-264

GROSSI, Miriam Pillar. Violência, gênero e sofrimento. *In*: RIFIOTIS, Theophilos; RODRIGUES, Tiago Hyra (org.) **Educação em Direitos Humanos**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008, pp.121-132.

SAFFIOTI, Heleith. **Gênero, patriarcado e violência**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

⁸ A Coordenadora e uma bolsista participaram, em agosto de 2017, do 13º Congresso Mundos de Mulheres com apresentação de dois trabalhos sobre o projeto.

⁹ Como resultado, há o projeto de pesquisa, em conclusão, *Mapeamento das escritoras do Litoral Norte: subsídios para uma nova História da Literatura* (grupo de pesquisa ELLOS- Licenciatura em Letras-Campus Osório).

Programa Despertar: incentivando o empreendedorismo na Restinga com ações de ensino, extensão e pesquisa

Dhienifer Drieli Oliveira da Silva¹, Shana Sabbado Flores², Renato Kock Colomby³,
Carine Ivone Popiolek⁴

RESUMO

O Programa Despertar⁵ é uma iniciativa que articula ações de ensino, pesquisa e extensão e tem como objetivo principal incentivar e fomentar o empreendedorismo no IFRS *Campus* Restinga. Atua em quatro linhas: (1) desenvolvimento de competências empreendedoras; (2) experiências práticas, isto é, “aprender fazendo”; (3) aproximação com o mundo do trabalho; e (4) inovação nos processos de ensino-aprendizagem. A partir destas linhas, são executados projetos de caráter transversal (podem ter forma de projeto, evento, curso de capacitação, visita técnica ou outros), que abrangem alunos dos 11 cursos do *campus* e comunidade externa. Em 2016, atingiu mais de 400 pessoas e conseguiu envolver mais de 30% dos servidores em, pelo menos, uma ação. Além disso, desenvolveram-se projetos de pesquisas, disciplinas de empreendedorismo, atividades de integração entre disciplinas e fortalecimento de parcerias com instituições visando a oferta de práticas de empreendedorismo e inovação.

Palavras-chave: Empreendedorismo. Restinga. Indissociabilidade. Mundo do Trabalho.

¹ Estudante bolsista no Curso Técnico em Informática para Internet no IFRS – *Campus* Restinga.

² Doutora em Geografia, Docente no eixo Gestão e Negócios no IFRS – *Campus* Restinga e coordenadora do projeto.

³ Mestre em Administração, Docente no eixo Gestão e Negócios no IFRS – *Campus* Restinga, participou do projeto como colaborador.

⁴ Mestre em Educação, Técnico-administrativa no IFRS – *Campus* Restinga, atua junto ao setor de Pesquisa e Incubadora no *campus* e atuou no projeto como colaboradora. carine.popiolek@restinga.ifrs.edu.br

⁵ Relato vinculado ao Programa de Extensão “Despertar”, contemplado com o auxílio do Edital PROEX/IFRS nº 054/2015 – Bolsas de Extensão 2016.

O “despertar” no *campus*

O Despertar nasceu do sonho de servidoras que vislumbravam proporcionar aos estudantes atividades com ênfase no empreendedorismo para que os alunos tivessem opções para escolher como utilizar melhor o tempo e espaço escolares. Além disso, que essas possibilidades colaborassem na sua formação pessoal e profissional, pois poderiam identificar e/ou aprimorar características próprias.

Seja por experiências pessoais e/ou imenso apreço pelo tema, as servidoras passaram a trocar ideias, e, com o tempo, alguns movimentos foram acontecendo, mesmo não completamente articulados. Com as iniciativas e parcerias aumentando e se solidificando, e com a colaboração de um professor substituto muito comprometido, da ampliação dos estímulos às ações de extensão, lançou-se o desafio; não de um projeto, mas de vários projetos, e estes ligados a um programa de extensão. Como várias demandas já estavam elencadas, diversas atuações já tinham resultados positivos e algumas limitações já haviam sido superadas, a equipe estruturante do Programa Despertar participou do edital e o oficializou para o ano de 2016. Desde sua implantação, o *campus* possuía práticas voltadas ao empreendedorismo e parcerias com instituições no Brasil e no exterior; contudo, as mesmas eram isoladas e não caracterizavam uma identidade no/ao *campus*, em relação ao empreendedorismo. Logo, esse cenário se apresentava como um enorme potencial, visto o perfil dos alunos, docentes, técnicos e comunidade.

Com dificuldades, desde a retirada de disciplinas de empreendedorismo dos currículos, como do envolvimento de pessoas e parcerias, esse grupo motivado e comprometido formou a “equipe estruturante” e começou a fomentar os projetos. Enfrentando as desconfiças e resistências, com resultados práticos, o Programa foi mostrando que veio pra ficar e que empreendedorismo deve estar entre as prioridades da Instituição pois, entre tantos motivos, desenvolve competências profissionais relevantes, aumenta a motivação dos alunos, cria uma nova opção de carreira, além de interagir diretamente com a comunidade e o mundo do trabalho.

O Programa Despertar: estrutura e características

A equipe estruturante do programa, que é composta por docentes e uma técnico-administrativa, prospecta assuntos e profissionais que possam contribuir com a formação pessoal, profissional e principalmente empreendedora dos participantes, com direcionamento aos estudantes, mas sempre aberto ao público em geral. Em sala de aula, os professores identificam temáticas pertinentes e também fazem sugestões de tópicos a serem abordados nas ações do Despertar, sejam de ensino, pesquisa ou extensão.

Além disso, outros servidores, bem como bolsistas e estudantes voluntários, buscam/recebem indicação para a articulação de novas ações que podem vir a interligarem-se ao programa. Um dos exemplos diz respeito à parceria com o InovaLab@Restinga, projeto de pesquisa para criação de habitats de inovação e empreendedorismo, cujos bolsistas trabalham em parceria na confecção de protótipos e oferta de oficinas *makers*.

Parcerias externas envolvem, por exemplo, a Endeavor, com o curso Bota pra Fazer, ofertado em 2016 e com previsão para 2017, bem como contatos com outras instituições de ensino, também do exterior, outros *campi* do IFRS, empresários, associações e empresas de pequeno, médio e grande porte. Algumas parcerias: UFRGS através da SEDETEC (Secretaria de Desenvolvimento Tecnológico), Associação Junior Achievement, Endeavor (convênio com o IFRS), South Carolina Small Business Development Center (SBDC) – Clemson University; Universidad Catolica de Uruguay, Tecnológico de Monterrey en Puebla (México), Universidad de Valparaíso (Chile), Universidad Militar Nueva Granada

(Colômbia), ESPOL: Escuela Superior Politécnica del Litoral (Equador), UCSG: Universidad Católica Santiago de Guayaquil, UIPR: Universidad Interamericana de Puerto Rico Recinto Bayamon (Porto Rico) (troca de experiências e pesquisa em conjunto sobre ensino de empreendedorismo entre todas as universidades listadas), outros *campi* do IFRS, rede de voluntários e ex-alunos.

Além disso, uma das características do programa diz respeito à avaliação e *feedback*, principalmente através de formulários e reuniões com os participantes. Esse registro também é fonte para o projeto de pesquisa Em(A)preendendo, que iniciou em 2016. Dessa forma, o programa precisa de pessoas comprometidas, motivadas, para seu crescimento e desenvolvimento. Sobre recursos, os materiais utilizados foram fomentados através do PAIEX (Programa de Apoio Institucional à Extensão), além da estrutura física do *Campus* Restinga e dos locais parceiros. Em 2016, o Despertar teve uma bolsista para colaborar no desenvolvimento das ações e parcerias que estão voltadas para estudantes, professores, técnico-administrativos, trabalhadores terceirizados, bem como para a comunidade externa ao *campus*, seja das proximidades ou não.

Ações do Despertar: Indissociabilidade e Empreendedorismo

A INDISSOCIABILIDADE entre ensino, extensão e pesquisa é um dos objetivos do programa, também em função das características de suas ações, que abrangem diversos públicos, bem como atividades variadas, que envolvem os cursos ofertados no *campus*.

O empreendedorismo também se caracteriza como transversal, seja pela indissociabilidade, como pelo permear por todas as áreas do conhecimento. Acaba também criando uma rede entre os convidados, bem como deles com o público e com as instituições. Os alunos e professores de diferentes cursos e níveis de ensino passam a integrar-se e conhecerem-se mais, chegando a trocar informações para futuras estruturações de projetos. Dessa forma, as parcerias são solidificadas pela constância e seriedade do trabalho desenvolvido através do Programa Despertar. A credibilidade desse programa também colaborou para a implantação da Sala de Empreendedorismo no *campus*.

Em 2016, em seu primeiro ano, o programa apresentou as seguintes atividades:

Diálogos Empreendedores: Consistiu em trazer ao ambiente educacional, empreendedores, profissionais, estudantes, das mais variadas áreas do conhecimento, no intuito de dialogar com os estudantes do *campus* e a comunidade, seja sobre assuntos relativos aos seus cursos e ao empreendedorismo em geral, bem como a outras temáticas de interesse. O *Campus* Restinga do IFRS oferece 11 cursos (entre superiores e técnicos), todos atendidos pelo Diálogos Empreendedores, o que demonstra a amplitude do projeto. Em geral, cada curso realiza sua semana acadêmica ou palestras relativas à sua área. Um dos propósitos do Diálogos é justamente promover a integração dos cursos e das pessoas. Os convidados fazem palestras ou exposições dialogadas com o público, buscando uma interatividade com os participantes. A meta é que seja ofertado pelo menos um evento por mês. Superando essa expectativa, em 2016, foram 12 encontros durante o período letivo, com mais de 18 convidados. Mais de 400 pessoas participaram, pois os eventos aconteceram nos três turnos, atendendo estudantes e comunidade, permitindo que todos os interessados pudessem se fazer presentes.

Em Conexão: programa que visa o acompanhamento, com empreendedores, seja em empresas ou outras instituições, de como se desenvolve o dia-a-dia do profissional. Tem o propósito de trazer aos estudantes do IFRS *Campus* Restinga a experiência de como é um dia de atuação profissional em uma organização, com a intenção de que os alunos possam experienciar como se vive no mundo de trabalho, na área que estão cursando ou com o cotidiano de um empreendedor. Encontros prévios

ocorrem para troca de ideias e treinamentos até chegar ao dia de ir até a organização e vivenciar o trabalho com um profissional da área. Após, a ideia é que os alunos e profissionais voltem para o *campus* para trocar experiências com os outros participantes em um evento de encerramento, onde ocorre a certificação, incentivando ações de empreendedorismo e a extensão dessa conexão entre todos os envolvidos, oportunizando também uma rede de voluntariado entre os mesmos. Em 2016, foram beneficiadas mais de 30 pessoas, entre profissionais e estudantes. Essa ação, que retira o estudante da sala de aula e o aproxima do mundo do trabalho, faz com que tenha conexão/networking com profissionais de sua área, motivando-os, além de evidenciar as competências empreendedoras de maneira prática e colaborar na captação de convênios para estágios. Há uma expectativa de que tais ações minimizem a evasão escolar e proporcionem melhor compreensão dos conteúdos desenvolvidos em sala de aula.

- **Miniempresa:** ofertado em parceria com a Associação Junior Achievement do Rio Grande do Sul (JARS) para simular a operacionalização de empresas. Proporcionou aos alunos do 2º e 4º ano dos cursos técnicos integrados ao ensino médio a experiência prática em economia e negócios, na organização e na operação de uma empresa. Um grupo de 22 estudantes foi desafiado a montar uma miniempresa, criar um produto, produzi-lo e comercializá-lo. Para isso, quatro áreas amplas (Produção, Marketing, Recursos Humanos e Finanças) são estruturadas e cada uma possui um conselheiro (em geral, empresários ou profissionais liberais) que voluntariamente colabora com o grupo nos encontros semanais. A gestão da empresa teve o auxílio de um software disponibilizado pela JARS em parceria com a Linx. Foram realizadas práticas como o pagamento de salários e comissões sobre vendas, além da doação dos valores arrecadados relativos aos tributos para uma entidade sem fins lucrativos do bairro Restinga. A miniempresa se chamou Sustenbox S.A./E. Com o reaproveitamento de caixas de leite, o produto desenvolvido foi um pote para armazenamento de diversos objetos. A atividade iniciou em março e finalizou em julho de 2016.
- **Business Game:** incentivo à participação em jogos e olimpíadas (previstos para 2017).
- **Projeto de Pesquisa:** sistematização das informações para suportar desenvolvimento de metodologia em educação empreendedora.
- **Projetos integrados e participação em disciplinas técnicas:** projetos integrados nos cursos de Eletrônica Industrial e Análise e Desenvolvimento de Sistemas, nos quais os alunos devem desenvolver produtos a partir de desafios lançados (ações vinculadas ou não a disciplinas de empreendedorismo).
- **Disciplina de empreendedorismo:** para 9 dos 11 cursos do *campus*.
- **Apoio à Incubadora Social e Tecnológica da Restinga.**

- **Mostra Empreendedora:** todo semestre é promovida uma “feira” para apresentação dos projetos das disciplinas de empreendedorismo, dos projetos integrados e de alunos que empreendem. Cada mostra conta com cerca de 20 trabalhos. Foram realizadas 5 edições até agora.
- **Dr. E:** projeto de um jogo para mapear competências empreendedoras nos alunos, auxiliando o autodiagnóstico e o acompanhamento das turmas, iniciado em 2016.

Conquistas e Próximos Passos

Partindo dos desafios propostos, o Programa Despertar teve, em seu primeiro ano, um saldo muito positivo, a considerar as ações concluídas, bem como aquelas que não tiveram seu objetivo ainda completamente alcançado. Em apenas um ano, o Programa foi destaque no Salão de Ensino, Pesquisa e Extensão do IFRS como prática referência para “indissociabilidade”, além de ter reconhecimento em outros fóruns e, o mais importante, fomentar o “brilho nos olhos” de empreendedores do *Campus Restinga*, independente da constituição de um empreendimento ou não, mas como empreendedores em suas vidas. A promoção e fomento dessas ações e o estímulo à educação empreendedora foram realizadas, bem como a indissociabilidade entre ensino, extensão e pesquisa. Houve comprometimento, prospectou-se outras possibilidades, e, mesmo com adaptações em algumas atividades, a criatividade e motivação continuam fazendo parte da equipe e do programa e com isso estimulando empreendedorismo e indissociabilidade, não só no *Campus Restinga*, como nos horizontes que o programa chegar! ■

ARETÊ: Programa de Lazer na Restinga¹

Cristina Rörig Goulart², Hernanda Tonini³, Felipe Lima⁴, Patrícia Georgina Colvara Paiva⁵, Evandro Santos da Costa⁶, Paulo Ricardo Corrêa Bernardes⁷

RESUMO

O ARETÊ: Programa de Lazer na Restinga – teve como objetivo planejar e executar diferentes atividades de lazer para a comunidade interna e externa do *Campus Restinga*. O Programa teve como princípios a valorização do lazer enquanto direito de todo cidadão e os benefícios que a prática dessas atividades – esporte, cultura, turismo e recreação – proporcionam. Visto a vulnerabilidade do bairro Restinga e sua carência de projetos e equipamentos de lazer para os diferentes públicos existentes – crianças, jovens, adultos, pessoas com deficiência –, o ARETÊ facilitou o acesso ao lazer para a população do bairro por meio de três projetos: realização de eventos, no *Campus Restinga*; realização de jogos escolares, em escolas do bairro; e realização de oficinas de inclusão, em uma escola de educação inclusiva. Além disso, o Programa foi uma forma de integrar extensão, ensino e pesquisa por meio dos cursos do eixo Turismo, Hospitalidade e Lazer.

Palavras-chave: Lazer. Saúde. Direitos. Vulnerabilidade.

O que é o ARETÊ: Programa de Lazer na Restinga?

A partir da compreensão do lazer na sua abrangência conceitual e prática – por meio de atividades de cultura, esporte, turismo e recreação – e sua capacidade de promover bem-estar, saúde e qualidade de vida às pessoas, julgamos ser de grande importância a promoção de atividades de lazer em bairros periféricos. O lazer é um direito de todo cidadão, conforme aponta o Artigo 6º da Constituição Federal e, segundo Artigo 217º, cabe ao Estado garantir o acesso a este direito (BRASIL, 1988). Assim, enquanto Instituição Federal, entendemos que também é nosso dever proporcionar ações de lazer à comunidade em que estamos inseridos.

¹ Programa financiado pelo PIBEX e PAIEX/IFRS *Campus Restinga*. Ação de extensão, ARETÊ: Programa de Lazer na Restinga.

² Docente em Letras Português/Inglês no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) - *Campus Restinga*. cristina.rorig@restinga.ifrs.edu.br

³ Mestre em Turismo. Docente no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) - *Campus Restinga*. hernanda.tonini@restinga.ifrs.edu.br

⁴ Estudante do curso superior de Tecnologia em Gestão Desportiva e de Lazer no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) - *Campus Restinga*. felipelima@restinga.ifrs.edu.br

⁵ Estudante do curso superior de Tecnologia em Gestão Desportiva e de Lazer Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) - *Campus Restinga*. patriciagcpaiva@restinga.ifrs.edu.br

⁶ Estudante do curso superior em Gestão Desportiva e de Lazer do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) - *Campus Restinga* e Técnico em Guia de Turismo. evandrosantosdacosta@outlook.com

⁷ Formado em Administração pela UFRGS e estudante do curso superior de Tecnologia em Gestão Desportiva e de Lazer do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) - *Campus Restinga*. prcbernardes@restinga.ifrs.edu.br

Aliado à saúde, o lazer pode estimular o aumento do nível de atividade física e a prática de exercícios físicos, promovendo aumento na expectativa de vida, redução da obesidade e malefícios por ela causados, auxilia no controle de doenças crônicas, bem-estar emocional, desenvolvimento cognitivo, entre outros. Quando associado a viagens e passeios turísticos, o lazer estimula o conhecimento e a socialização dos participantes. Se a preferência está na realização de atividades culturais, os benefícios do lazer se convertem em conhecimento, diversão e entretenimento. Independente do estilo da atividade, da faixa etária ou dos interesses, o indivíduo melhora sua qualidade de vida, sua saúde física e emocional, reduz o stress mediante a prática do lazer. Ainda que as atividades de educação para a saúde venham se realizando desde muito tempo, na maioria das vezes, mantêm seu foco na prevenção e no controle de doenças e priorizam muito pouco a questão da formação de atitudes saudáveis de vida, do desenvolvimento psicossocial e da saúde mental.

Diante desses benefícios e pelo fato de ser um direito social de todo cidadão brasileiro, ainda existe uma grande lacuna quanto à oferta de atividades de lazer, principalmente, em regiões de vulnerabilidade, como é o caso de bairros periféricos como a Restinga.

Dessa forma, o Programa ARETÊ – palavra de origem grega que significa excelência – se propôs a desenvolver três projetos: Organização de Eventos, Jogos Escolares e Oficinas de Inclusão. Esse conjunto de ações contribuiu de certa forma para a melhoria de qualidade de vida dos participantes, que vivem em uma região desprovida de equipamentos e programas de lazer. Seguem os relatos dos projetos realizados.

Organização de eventos

Durante o período do Aretê, foram realizados diversos eventos, entre eles a 3ª edição dos Jogos de Integração e a Feira da Saúde, a 2ª edição do Concurso e Mostra Fotográfica, Dia E - *Día de la hispanidad*, além do apoio nos Jogos do IFRS, oferecido pela reitoria do IFRS para todos os Campi do RS.

Entre as atividades realizadas, estão o planejamento, a execução, o controle e a avaliação dos eventos acima mencionados. Foram elaborados cronogramas de trabalho, captação de parceiros para viabilidade financeira dos eventos, captação de voluntários para contribuir com a execução, além de elaboração e aplicação de pesquisas de satisfação com os participantes dos eventos.

Para os Jogos de Integração, realizados em junho/2016, foram oferecidas ao público interno e externo ao IFRS *Campus* Restinga atividades ligadas ao esporte em equipe, tais como voleibol, basquete e futsal, além de práticas como parede de escalada, oficina de expressão corporal, oficina de dança, frescobol, tênis de mesa e jogos de tabuleiro. O evento contou com 15 voluntários provenientes do Curso Superior de Tecnologia em Gestão Desportiva e de Lazer (GDL) e 160 participantes.

Na 3ª edição dos Jogos do IFRS, dois bolsistas do projeto e dois alunos do curso GDL, atuaram no planejamento e execução das atividades que ocorreram nos dias 09, 10 e 11 de junho de 2016, na Sociedade Ginástica, em Novo Hamburgo. Entre as atividades desenvolvidas, estavam o planejamento de tarefas, controle das equipes e dos resultados dos jogos e execução de oficinas recreativas com os jovens.

A 3ª edição da Feira da Saúde do *Campus* Restinga ocorreu no dia 10/09/2016 e contou com ações ligadas à área da saúde e qualidade de vida. O evento tem como principal objetivo oferecer o acesso a atividades educativas de promoção à saúde e qualidade de vida para a comunidade do bairro. Organizado e executado pelo Programa Aretê, em parceria com as turmas do GDL, contou como apoio de diversas entidades do bairro Restinga e entorno. Foram oportunizadas avaliações físicas, realizadas por estudantes da FADERGS, sessões de massagem chinesa e terapêutica, oficinas de higiene pessoal, atividades de ginástica para terceira idade, karatê e foram oferecidos sucos

naturais em um *stand*. O evento contou com a participação de 15 empresas do bairro, 40 voluntários envolvidos na execução das atividades e 140 participantes internos e externos ao *Campus*.

A primeira edição do Dia E - *Día de la hispanidad* ocorreu no dia 09/11/2016 e ofereceu aos estudantes do *Campus* o contato com a cultura espanhola, através de atividades como dança flamenca, sarau de poemas hispânicos, relato de experiência sobre viagens a países hispânicos, comidas típicas hispânicas, exposição de fotos sobre o tema *La belleza em lo cotidiano*, exposição *La importancia de la Lengua española* e músicas hispânicas. O evento contou com a participação de 80 pessoas, entre alunos e servidores.

O 2º Concurso e Mostra Fotográfica do *Campus* Restinga foi realizado pelo Programa Aretê em parceria com o CAGEL (Centro Acadêmico do Curso de Gestão Desportiva e de Lazer) e aconteceu no dia 09/12/2016, contando com 14 participantes que submeteram 38 fotos para exposição durante o evento. Nesse evento, foi ofertada uma oficina de fotografia para os alunos do *Campus* e público externo, que visou disseminar as práticas da fotografia e alguns conceitos técnicos para os participantes e não-participantes do evento.

Os resultados obtidos durante os eventos foram satisfatórios. Em pesquisa aplicada durante a realização dos eventos, 100% dos questionários aplicados receberam feedback positivo quanto à participação nas próximas edições de cada evento, comprovando a importância da organização e execução de eventos de lazer no IFRS. Além de proporcionar momentos de relaxamento e descontração para a população, as atividades auxiliam na aplicação prática de conteúdos teóricos de sala de aula pelos alunos do Curso Superior de Tecnologia em Gestão Desportiva e de Lazer, revelando-se uma ótima oportunidade de crescimento profissional para os alunos envolvidos no projeto.

Jogos escolares

As atividades do projeto “Jogos Escolares: novos significados a velhos jogos” tiveram a participação de alunos e professores de escolas da Restinga, pondo em prática conceitos, diagnosticando necessidades e exigências que o ambiente do esporte e do lazer tem como possibilidades concretas. Para essa prática, foram definidas duas atividades de jogos tradicionais: jogo de taco e jogo de frescobol, embasados no conceito de “esporte-educação”, no qual se evidenciam melhorias em vários aspectos. Conforme Tubino (1993), é no “esporte-educação” que se percebe o aspecto do esporte de maior conteúdo socioeducativo, pois se baseia em princípios educacionais, tais como a participação, a cooperação, a coeducação, a integração e a responsabilidade dentre os participantes.

Como público-alvo, o projeto envolveu algumas Escolas da Rede Municipal de Ensino, atendendo alunos de nove (9) a doze (12) anos de idade. Fez-se um levantamento de escolas com potencial para executar o projeto, e quatro escolas demonstraram interesse em participar. Após o contato inicial com os diretores/coordenadores, a equipe do projeto realizou reuniões com os educadores físicos dessas escolas, a fim de elencar os pontos-chaves para execução dos jogos, o que foi um momento de reflexão muito proveitoso, além da ótima recepção por parte das escolas e profissionais da Educação Física. Assim, pôde-se perceber que as disciplinas do curso de Gestão Desportiva e de Lazer atendem à demanda para criação de projetos e eventos.

As atividades foram repensadas e readequadas à realidade das escolas, tendo em vista que atividades como o jogo de taco, por exemplo, sofrem muitas mudanças nas regras de região para região; já o jogo de frescobol é muitas vezes confundido com o tênis de praia (*beach tennis*), com o tênis de mesa ou com o *ping-pong* (apesar das diferenças de raquetes) e até mesmo com o tênis tradicional, como constatado em algumas das oficinas realizadas.

Foram realizados seis encontros e, ao todo, 110 alunos participaram das atividades. Quatro encontros ocorreram na Escola Dolores de Alcaraz Caldas e dois, na Escola Larry José Ribeiro Alves.

Cada encontro incidu em dias e horários diferentes, conforme pré-determinado com as escolas. O encontro partia de um momento na sala de aula, com apresentação dos oficinairos, apresentação sobre a proposta da oficina, sobre o sistema IFRS e da proximidade do *Campus Restinga* – uma possibilidade de ingresso futuro para esses alunos – e se iniciava um detalhamento sobre os jogos em questão. Cada encontro com os alunos correspondia com a realização de um dos tipos de jogos propostos, tanto a apresentação teórica quanto a prática.

Nas oficinas práticas, ocorreu a percepção da real importância de desenvolver uma proposta, um projeto, voltado ao lazer do público-alvo escolhido. Houve muito planejamento e, dentro das conformidades, tudo transcorreu de forma equilibrada e tranquila, mas cada oficina foi um ensinamento a parte, valendo para todos envolvidos no projeto. O reconhecimento por parte dos alunos, o diálogo com os educadores físicos com um mesmo propósito, a busca por acertos no projeto, pensando lazer e esporte na lógica do integrar sem excluir, e acima de tudo, constatando que, na singular realidade de um bairro como a Restinga, – a participação do IFRS nos projetos colaborativos é um ótimo exemplo para a continuidade das ações de extensão.

Oficinas culturais

As atividades do Projeto Oficinas Culturais Inclusivas foram elaboradas e escolhidas em acordo com as pedagogas da EMEEF Tristão Sucupira Viana, no bairro Restinga, que atende desde recém-nascidos até jovens com 21 anos, que possuem deficiência. A maioria dos alunos possui deficiência intelectual, motivo pelo qual as atividades foram selecionadas e realizadas respeitando o limite, o tempo e o interesse de cada aluno em participar e interagir com as propostas de cada oficina. As oficinas tinham o objetivo de proporcionar, a cada aluno, recreação, cultura e lazer de maneira lúdica. Também tinham como propósito auxiliar no desenvolvimento psicomotor, intelectual e social.

Foram realizadas duas oficinas: de mosaicos e de fantoches. A oficina de mosaicos foi ofertada aos alunos do 1º e 2º ciclos em duas turmas mistas, nos períodos da manhã (12 alunos) e tarde (18 alunos). Para essa oficina, os alunos colaram retalhos de E.V.A em figuras com a temática das Olimpíadas e Paraolimpíadas Rio 2016, de modo a contribuir com atividades esportivas que estavam sendo realizadas na escola.

A oficina de fantoches também foi realizada com alunos do 1º e 2º ciclos em duas turmas mistas, tendo no período da manhã 16 alunos e, da tarde, 20 alunos. Foram confeccionados fantoches feitos de meias, E.V.A e retalhos de lã. Todas as atividades foram realizadas respeitando o interesse, participação e principalmente o limite de cada aluno.

Os alunos, mesmo com suas limitações, mostraram-se interessados em participar das atividades oferecidas, sendo que alguns as repetiam. As oficinas realizadas atingiram os objetivos de integração, aprendizado, sensibilização, troca de vivência entre oficinaira e alunos e, principalmente, proporcionaram momentos de lazer aos alunos.

Trabalhar com crianças e jovens com algum tipo de deficiência é satisfatório e enriquecedor, um compromisso social e uma questão de solidariedade. Proporcionar momentos de recreação e lazer é uma possibilidade de realização pessoal e de troca de afetos. ■

Referências

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado, 1988.
TUBINO, Manoel José Gomes. **O que é esporte?** São Paulo: Brasiliense, 1993.

O reconhecimento da interculturalidade na abordagem estético-pedagógica da cerâmica

Viviane Diehl¹

RESUMO

Este relato apresenta a cerâmica e sua potencialidade educativa no desenvolvimento de ações compartilhadas, a partir das demandas recebidas das escolas na região do Rio Caí, RS. Surge do interesse em proporcionar aos educandos uma aproximação com a arte cerâmica nas abordagens educacionais, referentes à inclusão das relações étnico-raciais africana e indígena, no currículo escolar. Desse modo o projeto tem por objetivo desenvolver ações extensionistas que promovam a visibilidade da cerâmica contextualizando abordagens curriculares da educação para as relações étnico-raciais, com os alunos da educação básica, por meio de intervenções que proporcionem experiências no campo da cerâmica, ampliando o conhecimento sobre a interculturalidade. A metodologia da proposição estético-pedagógica se desenvolve nas oficinas, palestras e exposições. As ações oportunizaram uma experiência educativa, perceptiva, singular e sensível no campo da cerâmica, contribuindo para o reconhecimento da responsabilidade social e da interculturalidade que constitui o povo brasileiro.

Palavras-chave: Cerâmica, Interculturalidade, Educação básica.

As aproximações da cultura cerâmica com a comunidade escolar inserem-se como possibilidade para podermos estabelecer outras relações sociais e educativas que reinventem uma perspectiva criadora na participação de cada um. Para tanto, a proposta do projeto Ceramicando na escola, em 2016, surgiu pela demanda de professores das escolas de educação básica, que demonstraram interesse na cerâmica para contextualizar abordagens do currículo escolar, de modo a oportunizar experiências teórico-práticas diferenciadas. Deste modo, surgiu o interesse pela “Educação para as Relações Étnico-raciais”, orientada para a divulgação e produção de conhecimentos, com embasamento na Lei 11.645/2008 (BRASIL, 2008). A cultura afro-brasileira

¹ Doutora em Educação. Educadorartista na área de Artes/Cerâmica do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) - Campus Feliz. viviane.diehl@feliz.ifrs.edu.br

e indígena tem expressiva produção cerâmica, constituindo um campo aberto para as abordagens educacionais nesta área, de modo a contribuir para a preservação da memória e do patrimônio cultural, para o desenvolvimento das manifestações artísticas e culturais, contemplando diretrizes extensionistas no âmbito da responsabilidade social.

Sendo assim, a cultura cerâmica tem relevante potencial a ser explorado para contribuir na arte e na educação em cooperação, proporcionando experiências teórico-práticas sensíveis, criadoras e relacionais que serão relatadas.

Contextualizando a interculturalidade na cerâmica

Tendo em vista que as produções cerâmicas africanas e indígenas são elementos presentes, de referências identitárias, estas, constituem aspectos de representação social que contribuem para a formação cultural do povo brasileiro.

Nas culturas indígenas, a cerâmica caracteriza-se por uma produção artesanal, típica de algumas tribos do território nacional, como encontramos no povo guarani que habita o sul do Brasil. Geralmente, apresentam representações de animais, grafismos geométricos, formas de urnas funerárias, figuras escultóricas e objetos utilitários de uso cotidiano, como potes e cumbucas que auxiliam no armazenamento de alimentos e outros produtos. Atualmente, não se tem muitos registros da atividade cerâmica dos guaranis.

Na cultura africana as máscaras ritualísticas com características étnicas bem marcantes bem como as esculturas, representam animais e figuras humanas, ricas em detalhes e texturas.

Em cada cultura, a produção cerâmica têm processos de modelagem específicos, tratamento de superfície, materiais, processos de queima, acabamentos com revestimentos e tudo o mais que envolve este processo com características próprias de cada grupo étnico (FRIGOLA, 2006).

O Brasil é marcado pela miscigenação, mestiçagem, diversidade de culturas. Richter (2003, p.19) escreveu que:

“Interculturalidade” implica uma inter-relação de reciprocidade entre culturas. [...] Esse termo seria, portanto, o mais adequado a um ensino-aprendizagem em artes que se proponha a estabelecer a inter-relação entre os códigos culturais de diferentes grupos culturais. No entanto, convivemos hoje com todas essas denominações, aparecendo como sinônimos.

Na escola, o ensino da arte contribui para a o reconhecimento das culturas, para a divulgação e produção de conhecimentos interculturais que cooperam, no sentido de “operar juntos”².

Quando compartilhamos a cultura cerâmica produzida pelas diferentes etnias, proporcionamos singularidades do sentir, pensar e fazer, num movimento de interações perceptivas, experimentais, criativas, críticas e participativas. Este movimento implica em desaprender as obviedades que vêm sendo institucionalizadas na formação educativa e provocar reflexões acerca das responsabilidades sociais, como foi abordado no projeto “Ceramicando na escola”, por meio de uma série de ações, juntamente com os estudantes bolsistas.

² Teoria da Cooperação a partir de Humberto Maturana (1985-1993 apud Franco, 2002).



↑ **Figura 1.** Alunos na oficina de modelagem inspirada na cultura africana, Escola Estadual de Ensino Fundamental Ivony Kayser, Feliz/RS.
 Fonte: arquivo da equipe do projeto.

De modo geral, a proposta envolveu ações que compreenderam oficinas de modelagem, queimas em forno alternativo e oficina para produção de adornos corporais, palestras, visitas técnicas e exposições, implicadas em atender às orientações da política educacional brasileira para a Educação das Relações Étnico-Raciais com atenção para as orientações das ações na abordagem da temática.

O material produzido na pesquisa teórica, pelos bolsistas, foi utilizado para constituir um material pedagógico de referência que contextualizou as palestras, oficinas e exposições.

A proposição estético-pedagógica³ que foi abordada no projeto é constituída como um lugar de liberdade para experimentações que podem provocar a criação inventiva, as práticas e a produção de fazeres e saberes com os participantes, como um convite a atribuírem e ampliarem significados e sentidos do vivido, no entre-lugar habitado pela cultura, neste caso, a cerâmica (DIEHL, 2015).

→ **Figura 2.** Estudante com máscara em cerâmica inspiradas na cultura africana com as marcas deixadas pela queima.
 Fonte: arquivo da equipe do projeto.



³ A proposta foi apresentada na tese “Educadorartista: encontros da educação, artes visuais e intercultura”, por Viviane Diehl, defendida em novembro de 2015, na Universidade Federal de Santa Maria, RS, Brasil.



📌 **Figura 3.** Alunos do 3º ano na oficina de queima da Escola Estadual de Ensino Fundamental Santa Teresinha do Forromeco, em Bom Princípio/RS. **Fonte:** arquivo da equipe do projeto.

No âmbito das oficinas (compreendida como um espaço de atelier), as proposições aconteceram como um lugar de encontro, onde os saberes se integraram e somaram-se as vivências pessoais e referências culturais dos participantes. A oficina estabeleceu um conjunto de práticas coletivas de organização, eventos que propuseram a vivência pluridimensional dos educandos, ao pensar, sentir e agir, nas relações produzidas pela arte, sem distinção entre a manualidade e o pensamento.

Na maioria das instituições, não há um lugar próprio, que não seja na sala de aula, e limitados recursos materiais para serem realizadas as propostas educativas em arte. Nesse contexto, juntamente com os educadores, buscamos alternativas para adequar os espaços disponíveis às necessidades



📌 **Figura 4.** Oficina de modelagem com os alunos do 9º ano, na Escola Municipal de Ensino Fundamental Cônego Alberto Schwade, Feliz/RS. **Fonte:** arquivo da equipe do projeto.

dos encontros, mostrando que é possível, sim, explorar os processos cerâmicos na escola, de modo prático e desmistificado, com os recursos disponíveis.

Para tanto, as oficinas foram realizadas em dois módulos. O primeiro módulo das oficinas foi contextualizado com um material visual, seguido da criação e produção cerâmica dos participantes, com a orientação dos passos para a modelagem de uma peça com processos básicos e representação de referenciais culturais. Os participantes receberam detalhadas orientações sobre as características técnicas e cuidados necessários ao processo de modelagem e secagem das peças.

O segundo módulo das oficinas aconteceu quando as peças estavam secas para a realização da queima em processos alternativos, com o forno de tijolos (VIDAL; JAMES, 1997), tendo como material combustível o resíduo de madeira, comum na região. Os alunos acompanharam o conjunto de procedimentos com entusiasmo e, ao final, avaliaram o processo.

Por fim, foram organizadas exposições das peças produzidas nas oficinas colocando em visibilidade a cerâmica, seus processos do fazer e suas contribuições interculturais.

A atuação intensa dos bolsistas foi integrada e imersa no projeto como um todo, demonstraram relevante participação nos momentos compartilhados que contribuem para a formação de cada um, como relata a estudante Maria Júlia:

Ser bolsista foi algo incrível, pois me proporcionou um contato interpessoal com crianças e adolescentes, com os quais aprendi muito. As crianças com necessidades específicas encontraram no projeto um meio de se expressar e fizeram das suas dificuldades nossos aprendizados. Levar para além do IFRS, aspectos de dois povos que muito participaram da nossa história e não deixaram de se expressar por meio da sua arte, de sua cultura, foi emocionante. Cada oficina trazia um desafio diferente na infraestrutura, nos recursos e na disponibilidade, que não foram impedimento para as ações do projeto. Aprendemos a nos “moldar” com as situações da vida e amei ter esta oportunidade de participar. Aprendi muito me tornando mais comunicativa, a ter muita paciência para compreender cada

📍 **Figura 5.** Visitação na exposição de cerâmica inspirada na cultura guarani, produzida pelos alunos do ensino médio, realizada durante a 5ª Mostra Técnica do IFRS – Campus Feliz. **Fonte:** arquivo da equipe do projeto.



pessoa com seu tempo e suas dificuldades. Acredito que fizemos diferença na vida de cada criança. Ver seus olhos brilhantes e o sorriso no rosto cada vez que chegávamos numa escola, onde sempre perguntavam: “Quando vocês vão voltar?”, são lembranças que vou levar para minha vida.

Possibilidades e desdobramentos

O projeto atendeu o objetivo proposto ao abordar as relações étnico-raciais por meio da cerâmica, na educação básica e, também, para além da escola.

As intervenções proporcionaram a expansão do conhecimento teórico-prático sobre a cerâmica, permeado pela abordagem intercultural. Estas ações extensionistas pautadas por intervenções com proposição estético-pedagógica, constituíram um espaço para experimentações, para provocar a criação inventiva, produzindo possibilidades de reflexão sobre a constituição intercultural do povo brasileiro.

Ao todo foram 29 ações do projeto, resultando em 66 horas, num total de 747 participantes, viabilizadas com os recursos do programa de bolsas e de auxílio institucional. O projeto se expandiu para além da região, e foi também realizado no *campus* de Ibirubá/RS e no Programa Mulheres SIM, do IFSC Criciúma, SC.

Além disso, repercutiu na apresentação durante o Festival Internacional de Cultura Cerâmica/ 5º Seminário Internacional A Cerâmica na Arte Educação – Brasil/Colômbia, em Bogotá; no 1º Salão de Pesquisa, Extensão e Ensino do IFRS, em Bento Gonçalves, com destaque na área Cultura para a bolsista Jaqueline Rucks; na 5ª Mostra Técnica do IFRS - *Campus* Feliz, com destaque para o bolsista Arthur Kunrath e no Evento NUPEART PRO...MOVE 2016 - Festival de Queimas Alternativas, realizado em Florianópolis, SC. Estas oportunidades para o desenvolvimento, difusão e valorização da cerâmica contribuem para o reconhecimento de suas potencialidades na arte e na educação, com o legado intercultural que nos constitui.

A constituição do povo brasileiro é plural e precisa ser abordada para o acesso e conhecimento dos aspectos interculturais, no sentido de valorização e reconhecimento dos limites e possibilidades que se colocam na convivência social responsável. ■

Referências

BRASIL, **Lei 11.645 de 10 de março de 2008**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm>. Acesso em: 03 de março de 2017.

DIEHL, V. **Educadorartista: encontros da educação, artes visuais e intercultura**. Santa Maria: UFSM, 2015. Tese (Doutorado em Educação), Centro de Educação, Universidade Federal de Santa Maria.

FRANCO, Augusto de. Uma teoria da cooperação baseada em Maturana. **Aminoácidos**. Brasília, v. 4, 2002. Disponível em: <http://api.ning.com/files/yIATnXz2VJFM3jz*c--pZIk0g-FH8Tq*qRqYpVZRsmsJ1gkFwMqLtkBDqRzuLr95LDs2uxVyzRFMMPTvohCVeDRAL44-C-P/UMATEORIADACOOPERAORBASEADAEMMATURANAFrancoAugusto2001.pdf>. Acesso em: 01 mar. 2014.

FRIGOLA, D. R. **Cerâmica Artística**. Lisboa: Estampa.

RICHTER, Ivone Mendes. **Interculturalidade e estética do cotidiano no ensino das artes visuais**. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

VIDAL, J.; JAMES, P. **Ceramicando**. São Paulo: Callis, 1997.

A indissociabilidade entre Pesquisa, Extensão e Ensino no Programa de Música do IFRS Campus Osório¹

Agnes Schmeling², João Miguel Erig Bohn³, Larissa Dalla Corte Euzebio⁴, Larissa Leffa Fernandes⁵, Yimi Walter Premazzi Junior⁶

RESUMO

Este relato apresenta e versa sobre os projetos do Programa de Música do *Campus Osório*, contemplados na Sessão Especial de Indissociabilidade Ensino, Pesquisa e Extensão do 1º Salão de Pesquisa, Extensão e Ensino do IFRS, realizado em Bento Gonçalves/RS, em 2016. Os projetos, desenvolvidos pela professora de música e por bolsistas PIBEX, PIBEN e PROBICT, dialogam e se complementam, contendo em si o tripé da indissociabilidade. O Programa “Música no IFRS *Campus Osório*” e seus respectivos projetos tornam-se relevantes por proporcionar à comunidade o acesso à música, valorizando a cultura e promovendo a educação musical como um importante elemento artístico e sociocultural, unindo as áreas de pesquisa, ensino e extensão.

Palavras-chave: Educação musical. IFRS. Indissociabilidade.

Introdução

O Programa “Música no IFRS *Campus Osório*” é composto por diversos projetos de ensino, pesquisa e extensão, como os *Corais Jovem* e *IFRS Sings English*, o *Grupo Instrumental*, as *Oficinas de Instrumentos Musicais*, a *Banda Polisenso* e o *Projeto Música na Escola: práticas e reflexões*. As ações

¹ Ações financiadas pelo Programa Institucional de Bolsas de Extensão (PIBEX), Programa Institucional de Bolsas de Ensino (PIBEN) e Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica e/ou Tecnológica (PROBICT), edital 2016.

² Mestre em Música e docente do IFRS - *Campus Osório*. agnes.schmeling@osorio.ifrs.edu.br

³ Estudante bolsista do curso de Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas no IFRS - *Campus Osório*. oaajmiguel@gmail.com

⁴ Estudante bolsista do curso Técnico em Administração no IFRS - *Campus Osório*. larissa.dce@gmail.com

⁵ Estudante bolsista do curso de Técnico em Administração Integrado ao Ensino Médio no IFRS - *Campus Osório*. larissalfernandes1231@gmail.com

⁶ Estudante bolsista do curso de Licenciatura em Letras no IFRS - *Campus Osório*. yimiwalter@yahoo.com.br

atingem um público diversificado, contando com alunos dos vários cursos ofertados no *campus*, a comunidade externa osoriense e a comunidade de Morro Alto, em Maquiné/RS.

Este programa, amparado pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e pelas Leis 11.769/2008 e 13.278/2016, visa resgatar a cultura musical da comunidade do *campus* e da região do litoral norte, valorizando a música como um importante elemento sociocultural, bem como musicalizar a comunidade escolar e os participantes externos.

O programa está sob a coordenação de Agnes Schmeling e conta em sua execução com o técnico em audiovisual e músico Bruno Acosta, além de um grande número de participantes e bolsistas alunos dos cursos de nível técnico e superior.

Neste artigo, faremos a contextualização de alguns dos projetos do Programa contemplados na Sessão Especial de Indissociabilidade Ensino, Pesquisa e Extensão do 1º Salão de Pesquisa, Extensão e Ensino do IFRS: “IFRS Sings English”: a prática coral como ferramenta de ensino, pesquisa e extensão em língua inglesa no *Campus* Osório do IFRS (SEMEX), sob a responsabilidade de Yimi Walter (Licenciatura em Letras), Cantar para desenvolver: o coral despertando habilidades (SEMEPT), sob responsabilidade de Larissa Fernandes (Ensino Médio Integrado em Administração); Ações de música para promover a educação musical em escolas de ensino básico (SICT), sob a responsabilidade de João Miguel Bohn (Tecnologia em Análise em Desenvolvimento de Sistemas) e também o projeto Oficinas de Instrumentos Musicais: os desafios de ensinar música (SEMEX), de Larissa Euzebio (Ensino Médio Integrado em Administração), contemplado com destaque no tema cultura.

“IFRS SINGS ENGLISH”: a prática coral como ferramenta de ensino, pesquisa e extensão em língua inglesa

O projeto “IFRS Sings English” foi um coro misto, formado majoritariamente pela comunidade externa e integrado também por acadêmicos e servidores do Instituto, com o propósito de cantar

📌 **Figura 1.** Coral IFRS Sings English. Fonte: Bruno Acosta (2016).



canções em inglês. O projeto inova ao trazer para o *campus* um espaço diferenciado para a prática do ensino da língua inglesa ao aliar a proposta de cantar ao processo de pesquisa histórica, cultural e fonética do inglês, trazendo repertórios de diversos períodos e contextos, passando assim pela diversidade de pronúncias e origens da língua inglesa, bem como trabalhar com canções em outras línguas, fazendo a tradução/adaptação para o inglês, consolidando assim o coro como uma ferramenta didática e um laboratório experimental para os acadêmicos do curso de licenciatura em inglês do *campus*.

Foi desenvolvido pelo autor 5, também Bacharel em Música, regente do coral e preparador vocal. O coro se reunia uma vez por semana, para os ensaios e discussões acerca do repertório desenvolvido, com o objetivo de se consolidar como um espaço de performance, socialização e fruição cultural através da música.

Desta forma, compreendemos que o projeto “IFRS Sings English” trouxe uma importante contribuição ao curso de Letras do *campus*, oferecendo a este, um novo espaço para se fazer ensino, pesquisa e extensão em Letras, colaborando assim para a indissociabilidade entre os três pilares fundamentais da educação superior.

Cantar para desenvolver: o Coral Jovem despertando habilidades

O Coral Jovem é uma atividade complementar ao ensino, desenvolvido pelo autor 1 e pelos bolsistas, que auxiliam na escolha do repertório, na montagem dos arranjos musicais, nos ensaios, na logística do trabalho em si, assim como na organização das apresentações. O Coral Jovem teve como objetivos o desenvolvimento músico-vocal dos participantes, a performance coral, a socialização propiciada pela prática da música em conjunto e o compartilhamento do seu fazer musical com a comunidade externa. Esta ação teve como público alvo os alunos do ensino médio integrado ao técnico, atraindo jovens que gostam de cantar em grupo e têm disponibilidade para comparecer aos encontros.

O coral se reunia nas quintas-feiras, semanalmente, das 12h às 13h30min, na sala de música ou no auditório do *campus*, onde eram realizadas dinâmicas de grupo, preparação vocal, desenvolvimento de repertório, elaboração de arranjos musicais e planejamento de apresentações, que foram levadas à comunidade. O coro apresentou um repertório variado, fazendo conexões com as culturas indígena, afro-brasileira, gaúcha e demais que constroem a identidade do Brasil. O Coral Jovem desperta habilidades nos participantes e a oportunidade de adquirir diversas experiências para suas vidas. Para obtenção destas informações, utilizou-se um questionário quantitativo e qualitativo, onde os alunos tiveram a oportunidade de descrever a contribuição da atividade do canto coral.

A partir da pesquisa aplicada aos participantes, descobriu-se que o coral proporciona aos jovens experiências diferenciadas através da musicalização, como desenvolvimento de técnicas vocais e de afinação, descontração da rotina, oportuniza a integração com alunos do *campus* e comunidade externa e a troca de experiências e saberes entre os mesmos. As atividades também viabilizaram o acesso à diversidade cultural do país, agregando assim na formação acadêmica. A partir dos depoimentos dos participantes, pôde-se notar que os principais objetivos do projeto foram alcançados, visto que os participantes apontam a integração com os colegas, e o desenvolvimento de habilidades importantes, como a postura e a “fala” em público, o trabalho em equipe, o desenvolvimento de lideranças e responsabilidades, além do desenvolvimento músico-vocal, pontos considerados positivos pelos mesmos.

Oficinas de instrumentos musicais: os desafios de ensinar música

O projeto *Oficinas de Instrumento e Grupo Instrumental* ofertou, para alunos do *campus* e comunidade externa, a prática instrumental coletiva e oficinas de flauta doce e transversal, violão, guitarra, baixo, teclado e bateria que transcorreram na sala de música do *campus* e na Escola Estadual Quilombola Santa Teresinha de Maquiné/RS, abrangendo alunos de diferentes idades e níveis de aprendizagem, com o objetivo de ao final do ano realizar uma audição com os participantes.

A maioria das oficinas foram ministradas por bolsistas do projeto, que trouxeram diferentes habilidades, experiências e vivências músico-sociais. Grande parte destes bolsistas não tinham uma formação pedagógica musical prévia, o que requereu cuidado para não promover experiências inadequadas para os participantes no seu processo de aprendizagem.

Para solucionar essa questão, os bolsistas tiveram a orientação da professora de música, por meio de reuniões quinzenais e da realização de observações das oficinas/aulas ministradas pela mesma, além de utilizar métodos tradicionais de seu instrumento musical, relacionando o projeto com a pesquisa. Essa metodologia promoveu maior eficiência no desenvolvimento pedagógico do projeto, que tinha como missão a busca da valorização da música na comunidade e o desenvolvimento social, cognitivo e emocional.

Para os bolsistas, o projeto proporcionou o aprimoramento do instrumento musical e o desenvolvimento de novas habilidades, dialogando com o ensino, tais como: a liderança, ao ter que assumir a postura de ensinar e possuir a capacidade de adaptar e criar quando as oficinas não ocorrem como o planejado; organização ao montar materiais, exercícios e fazer o registro pós-aula; a responsabilidade

📍 **Figura 2.** Oficinas de violão. Fonte: Dayara Franco (2016).



ao lidar com problemas pessoais de cada aluno e saber superar essas dificuldades para um melhor desenvolvimento no instrumento musical; a paciência de entender o limite do aprendizado do educando; a pontualidade dos encontros; e principalmente a criatividade, ao terem que criar novas atividades que tragam um significado para os alunos, de forma que haja maior motivação para aprender o instrumento. Essas habilidades tornam os bolsistas melhores profissionais para o mercado de trabalho e para a vida pessoal.

Ações de música para promover a educação musical em escolas de ensino básico

Em 2016, a Escola Estadual Quilombola Santa Teresinha de Maquiné/RS decidiu articular juntamente com o *campus* Osório e a Prefeitura Municipal de Maquiné a realização de ações e projetos com alunos da escola e professores da região, de forma a ofertar o ensino e aprendizado musical, tendo em vista que a prática musical sensibiliza e complementa o desenvolvimento das competências escolares.

Durante a realização das ações de extensão e ensino, fez-se necessário compreender e investigar a situação da música e da educação musical no ensino básico, com o objetivo de qualificar os trabalhos desenvolvidos. Assim sendo, este projeto de pesquisa, intitulado *Educação Musical nas escolas de ensino básico*, fomenta a formação de professores por meio do assessoramento do curso de Formação Inicial e Continuada para Professores em Música, realiza discussões pedagógicas e cria demandas para futuras ações, assim como, viu-se a necessidade de ofertar um ambiente acadêmico virtual gratuito para que os professores interajam com a equipe de execução e tenham acesso aos

📌 **Figura 3.** Alunos da Escola Estadual Santa Teresinha. **Fonte:** Bruno Acosta (2016).



conteúdos desenvolvidos no curso. Desta forma, a plataforma acadêmica escolhida, após avaliação prévia criteriosa pelo bolsista, foi o Moodle, de código aberto e livre e de grande versatilidade e configuração.

O projeto de pesquisa, de abordagem qualitativa e quantitativa dialogou com o projeto de extensão de oficinas de instrumentos musicais, pois este ofertou aos alunos da escola e aos participantes a aprendizagem de um instrumento musical.

A eficácia dos projetos de pesquisa e extensão foram avaliados por meio de observações, questionários e depoimentos direcionados aos e pelos participantes. Os dados coletados foram categorizados, analisados pelos pesquisadores e demais membros da equipe de execução. Com base na análise das respostas, verificou-se que: 1) os participantes já abordavam a música em aulas através de interpretações de texto, com canto, cantigas e brincadeiras, apresentações artísticas ou dramatização e criação de instrumentos musicais, 2) os participantes tiveram a oportunidade de vivenciar a iniciação à aprendizagem musical de um instrumentos musical, além de participar de práticas musicais de musicalização e de poder acompanhar o processo de musicalização dos alunos da escola Santa Teresinha, e 3) o curso auxiliou na prática docente, no desenvolvimento da musicalidade e trouxe novas abordagens de aplicação dos conhecimentos.

Considerações finais

O Programa “Música no IFRS *Campus* Osório” e seus respectivos projetos tornaram-se relevantes por proporcionar à comunidade o acesso à música, de acordo com a Lei 13.278/16, visando valorizar a cultura e promover a educação musical como um importante elemento artístico e sociocultural, unindo as áreas de pesquisa, ensino e extensão.

Durante estes quatro anos de atividades, as mesmas vêm atingindo um público diversificado, contando com alunos da instituição e com a comunidade externa, e os bolsistas se mostraram fundamentais para o desenvolvimento do mesmo, exigindo deles conhecimentos técnico musicais, pedagógicos, sociais e administrativos.

A indissociabilidade entre o ensino, pesquisa e extensão é característico do Programa, visto que todos os projetos se relacionam entre si e desenvolvem questões relacionadas à pesquisa (de repertório, de ensino e aprendizagem, de contextualização histórica, entre outros), ao ensino (desenvolvimento de metodologias, de aprendizagens relacionada aos cursos técnicos dos bolsistas - Administração e Informática, entre outros) e à extensão (de apresentações artísticas externas, da oferta de atividades de musicalização à comunidade, entre outros). ■

Referências

BRASIL. Lei nº 13278, 2 de maio de 2016. **Altera o § 6º do art. 26 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que fixa as diretrizes e bases da educação nacional, referente ao ensino da arte.** Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/lei/l13278.htm>. Acesso em: 01/05/2017.

O olhar do professor no processo de aprendizagem musical

Fernanda Krüger Garcia¹

RESUMO

O presente relato de experiência trata da experiência de preparação para uma performance musical de um aluno do Projeto Prelúdio, programa de extensão em música fundado em 1982 como projeto de extensão da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e que agora pertence ao Instituto Federal do Rio Grande do Sul, *Campus* Porto Alegre, tendo o propósito de oferecer educação musical para crianças e adolescentes. Essa ação de extensão inclui cursos de iniciação musical, de instrumento musical (violão, flauta doce, flauta transversal e teclado) e grupos musicais como orquestras, coros e conjuntos instrumentais. Exporei os aspectos envolvidos na aprendizagem de uma canção e nos ensaios para uma apresentação musical, além da importância da condução atenta deste processo por parte do professor.

Palavras-chave: Violão. Projeto Prelúdio. Aprendizagem musical.

Nos últimos anos, em minha atuação como docente no *Campus* Porto Alegre, do Instituto Federal do Rio Grande do Sul, tenho ministrado aulas de violão dentro do Projeto Prelúdio, programa de extensão em música fundado em 1982 como projeto de extensão da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e que agora pertence ao Instituto Federal do Rio Grande do Sul, *Campus* Porto Alegre, tendo o propósito de oferecer educação musical para crianças e adolescentes. Historicamente, desde seu início, em 1982, o Projeto Prelúdio

caracteriza-se como uma escola livre de música; o trabalho desenvolve-se com um plano de estudos flexível no qual, a partir de um programa mínimo de conteúdos, cada aluno vai, sob a orientação dos professores, construindo seu plano de estudos, isto é, seu caminho pedagógico-artístico-musical. Por meio de atividades em pequenos e grandes grupos, o Prelúdio visa a despertar, mas também desenvolver junto a crianças e jovens, o gosto pela música, pelo fazer musical, pelo cantar e tocar com prazer. (KIEFER, 2005, p. 57).

¹ Mestre em Música. Docente de violão do IFRS - *Campus* Porto Alegre. fernanda.garcia@poa.ifrs.edu.br

O Projeto Prelúdio, contexto onde se deu a atividade que relatarei neste texto, é uma escola de música que tem uma história de 35 anos em Porto Alegre. Tem grande relevância para a educação musical local microrregional, alcançando, além de Porto Alegre, os municípios de Esteio, Alvorada, Guaíba, Viamão, entre outros da região metropolitana. Atualmente, o Projeto Prelúdio oferece os cursos de iniciação musical, violão, flauta doce, teclado e flauta transversa. Também possui sete grupos musicais: Coro Infantil, Coro Juvenil, Orquestra Infantil, Orquestra Juvenil, Conjunto de Flautas Doces, Conjunto de Violões e Conjunto de Música Popular.

A atividade exposta neste relato de experiência foi desenvolvida com o aluno Gabriel, que tinha 10 anos na época desta atividade e havia iniciado seus estudos musicais na flauta doce aos sete anos, no Projeto Prelúdio. Ele lia partitura tanto para flauta quanto para violão. O aluno gostava de tocar e costumava estudar o que era proposto. Gostava também de se apresentar em público e tinha problemas com atividades em grupo. Como tinha o aprendizado mais rápido que os outros, geralmente, acabava perdendo a paciência. Já conseguia se controlar, mas, mesmo assim, ainda tinha alguns problemas com atividades em grandes grupos, pois, além de ser um pouco ansioso e impaciente com os outros, gostava de fazer bagunça com os colegas. Na aula de violão, porém, era muito centrado e concentrado. Fazia aula individual, por não ter uma turma compatível com sua idade e desenvolvimento musical no violão. Ele participava da Orquestra Infantil e do Coro Infantil e tinha, além das aulas de flauta doce e violão, uma outra aula coletiva de Laboratório Musical (disciplina de caráter teórico prático pertencente ao currículo base do Projeto Prelúdio – todos os alunos devem fazer ou Canto em Conjunto ou Laboratório Musical). Além disso, possuía um vocabulário básico de acordes e estava iniciando o aprendizado da pestana. Gabriel lia notas em primeira posição ao violão e costumava aumentar o andamento (velocidade) ao tocar as batidas (ritmo feito pela mão direita) nas canções e precisava, na época, desenvolver mais a prática de cantar e tocar ao mesmo tempo.

A atividade eleita para este relato foi a seguinte: escolha e preparo de uma canção dentre as já tocadas ao longo do ano para a audição da semana seguinte. Ela teve a duração de três encontros. O primeiro foi a aula em si, o segundo foi o ensaio geral, logo antes da apresentação, e o terceiro foi a apresentação na audição. Os objetivos da atividade foram: obter fluência na a canção, ajudando-o a relembrar aquelas nas quais já se havia obtido uma certa autonomia nos acordes e no ritmo da “batida” (ritmo feito continuamente pela mão direita, assim chamado popularmente). Como segunda estratégia, propus que o aluno tocasse sozinho, sem o meu acompanhamento de violão. Ao invés do mesmo instrumento que ele, eu tocava um de percussão, pois assim poderia ajudá-lo a manter o andamento e o deixaria perceber que já dá conta da sua parte sozinho.

Primeiramente, propus que tocássemos a canção Cowboy fora da lei, de Raul Seixas, que foi uma das primeiras que tocamos no ano. Ele, porém, preferiu a música Família, gravada originalmente pela banda Titãs. Esta é uma música que na época estava presente em algum programa de televisão e que penso que estava mais próxima ao aluno, pela temática de sua letra. Estudamos pouco essa canção, em apenas duas aulas. Nunca havíamos a tocado do início ao fim em uma aula. Fiquei um pouco em dúvida se essa era a melhor música para preparar em uma semana para a audição, mas como os acordes eram simples e a música tinha uma estrutura repetitiva, resolvi experimentar. Tocando algumas vezes no momento inicial da aula, já seria possível perceber se a música amadureceria em tão pouco tempo. A batida que eu havia proposto em aulas anteriores, apesar de ser ritmicamente simples, deixava o aluno confuso ao tentar cantar junto. Sloboda (2008, p. 287) afirma que “a sensação de uma multidão de exigências e da impossibilidade de atendê-las todas é uma característica do começo do aprendizado em qualquer atividade (...)”. Como o aluno está tocando violão há um ano e alguns meses, apenas, é natural que fique complicado para ele cantar e tocar ao mesmo tempo: cada uma destas partes tem seu ritmo, tem suas notas e movimentos corporais, e

fazer tudo isso é algo que exige bastante esforço. Ele então sugeriu outra, talvez praticada em outro momento fora da aula, pois eu não recordava de tê-la trabalhado. Esta funcionou melhor para ele e o permitiu tentar cantar e tocar. Depois da escolha da batida, tocamos a música algumas vezes do início ao final, parando nos momentos nos quais havia dúvida sobre a quantidade de compassos ou tempos para cada acorde ou em suas posições. Notei que ele ainda não estava bem seguro do ritmo da melodia que cantaria e ele mesmo me disse que havia uma parte que ele não sabia bem. Como o tempo era curto para preparar a canção e não tínhamos outra aula inteira, resolvemos que esta parte eu cantaria sozinho e que as outras duas ele faria sem que eu cantasse junto. Em uma destas duas estrofes, percebi que ele não estava conseguindo fazer o texto se encaixar ao compasso da música. Disse a ele que estudaríamos, então, esta parte falando o texto no ritmo da melodia. Ele não entendeu, e então eu disse que faríamos um rap com a letra da música: eu falaria o texto dentro do ritmo e logo em seguida ele me imitaria. Fazendo a analogia com este estilo de música, ele logo memorizou o que antes para ele era complicado. Fez até gestos e utilizou palavras típicas do estilo enquanto repetia o que eu acabava de dizer, como, por exemplo: “A mãe morre de medo de barata, ié, arraaaam, mmm”.

Após esta etapa preparatória da aula, que ocupou basicamente 35 minutos da aula que durava 50 minutos, iniciamos o ensaio da música já na forma como iríamos tocar. Foi neste momento que eu disse a ele que eu não tocaria violão junto, para que o som dele aparecesse mais na apresentação. Fiquei com receio de que ele aumentasse muito a velocidade ou se perdesse na pulsação (isso eu não falei a ele) e assim eu comuniquei que tocaria um pandeiro meia lua em nossa música, ideia da qual ele gostou. Passamos a música três vezes do início ao final. Como a aula dele era na quarta-feira e a audição seria na segunda-feira próxima, ele teria cinco dias para ensaiar sozinho em casa, e enfatizei que, para que ele ficasse bem seguro para se apresentar, era necessário fazê-lo bastante ao longo destes poucos dias. Isso envolveria “um esforço autoconsciente por parte daquele que se compromete com o objetivo específico de tornar-se mais completo” (SLOBODA, 2008, p.7), e eu sabia que ele era capaz de se engajar desta forma. E só então fui inscrevê-lo para tocar na audição. Combinamos que na segunda-feira, às 18h30min, faríamos um ensaio geral, já que a audição seria às 19h30min.

Na segunda-feira, como combinado, nos encontramos para finalizar a música. Nosso ensaio durou 20 minutos, e conseguimos tirar as dúvidas e passar a canção do início ao final três vezes. Notei que ele havia tocado bastante em casa, pois a desenvoltura nos acordes e no ritmo tinha crescido muito. Mas ele continuava aumentando a velocidade aos poucos. Tentei segurar a velocidade no pandeiro, mas ele parecia não me escutar. Falei a ele sobre esta dificuldade que estávamos tendo, que era para ele tomar mais cuidado. Eu já havia comentado na aula anterior também, mas isso é algo bastante presente nas canções que ele toca. Quando o faz lendo partitura, em outras músicas, não costuma correr assim. Depois das três vezes que tocamos, falei a ele que parariamos ali, pois eu tinha que ir afinar o violão dos outros alunos meus que tocariam e ver se estava tudo bem com eles. Só nos vimos novamente na hora da apresentação.

Quando o chamei ao palco, sentamos, olhamos um para o outro e ele começou a tocar. Logo antes dele, outros alunos meus tinham tocado a canção *O Sol*, da banda Jota Quest, e este aluno automaticamente começou a tocar o mesmo ritmo de batida que os outros haviam feito. Daria certo também, mas ficaria bastante diferente do que havíamos feito. Como eu achei que ele se encaixaria quando eu comesse a cantar, continuei. Porém, ele se deu conta de que não era assim e parou para me perguntar se era certa a forma como ele estava fazendo. Falei: “- Tu estás tocando o ritmo de *O Sol*...”. Mostrei para ele e aí ele se deu conta e começou a tocar. Deu tudo certo, praticamente. A única coisa que não melhorou, pois não havia melhorado nos ensaios, foi a corrida no andamento.

Este aluno observado não refletia a maioria dos alunos que tinha naquela época. Ele era engajado, gostava de tocar e de se apresentar, além de ter facilidade mecânica para tocar tanto a flauta doce quanto o violão. Ele escutava o que o professor dizia em aula e procurava trabalhar isso em casa. Vejo que, de uma aula para a outra, algumas das coisas que eu falei sobre técnica ou sobre a musicalidade já mudavam. Por exemplo: quando um aluno está iniciando o aprendizado de melodias ao violão, é muito comum que repita muito os dedos da mão direita para tocá-las, e o que é mais recomendado é que se alterne os dedos, já que assim se consegue mais fluência. Isto é bem difícil de ser mudado se o aluno não tem uma prática constante de tal aspecto. Ele necessita passar o conhecimento factual, aquilo que ele já sabe do que se trata, para um conhecimento procedimental, ou seja, algo que ele já sabe como fazer (SLOBODA, 2008), e para isso é necessário atentar aos detalhes. No caso do Gabriel, isso já estava sendo incorporado mais facilmente ao tocar dele. Eu ainda tinha que chamar a atenção, mas no mesmo instante ele já mudava a forma de usar os dedos. Ele já tinha os seus objetivos claros e estava motivado, pois já possuía a habilidade de manter estes mesmos objetivos (SLOBODA, 2008). Isso demonstra que o aluno tem confiança no que o professor diz e que está interessado no conhecimento que a aula pode gerar para ele.

Acredito que o mesmo ocorre no contexto da aula em escolas específicas de música. É imprescindível que haja um direcionamento focado naquilo que o aluno precisa. O professor precisa estar atento ao aluno e interferir no que ele faz quando for necessário, para que ele possa assimilar os novos objetos de conhecimento apresentados na aula. Essa é uma das funções essenciais do professor.

Concluindo, penso que a atividade foi efetiva, pois atingiu seus objetivos. Gabriel tocou sozinho e atingiu autonomia em sua prática musical quase que completamente. A atividade mostra a importância de o professor ser o guia consciente do aprendizado do aluno, do treino (ensaio) no momento da aula e em casa e do estabelecimento de objetivos para o aprendizado musical. Esses foram alguns motivos, basicamente, que permitiram que uma música tão pouco tocada ao longo do ano retornasse em tão pouco tempo aos dedos e à memória da criança com desenvoltura. ■

Referências

KIEFER, Nidia Beatriz Nunes. **Prelúdio: Uma proposta de educação musical – 1982-2002**. 2005. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2005. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/6565>>. Acesso em: 16 jul. 2013.

SLOBODA, John. **A mente musical: psicologia cognitiva da música**. Tradução de Beatriz Ilari e Rodolfo Ilari. Londrina: EDUEL, 2008.

XXV Encontro Cultural e Tradicionalista dos IF's da Região Sul do Brasil: cultura que promove integração e aprendizagem

Giácomo Gai Soares¹, Danieli Mutzenberg², Márcio Luvison³, Cláudia Medianeira Ziegler⁴, Vanda Cristina Basso⁵, Graciele Rosa da Costa Soares⁶

RESUMO

Viver a tradição gaúcha no ambiente escolar, fomentando o aprimoramento de habilidades e competências aprendidas através da cultura, este foi o desejo do Departamento de Tradições Gaúchas (DTG) Raízes da Cultura ao promover um dos mais aguardados eventos dos Institutos Federais (IF's): o XXV Encontro Cultural e Tradicionalista dos IF's da Região Sul do Brasil. O "Encontrão" foi sediado, no ano de 2016, pelo IFRS *Campus* Farroupilha, integrando treze *campi* de Institutos Federais do Sul do Brasil, celebrando a integração e motivando a continuidade da tradição e da cultura gaúcha. O DTG Raízes da Cultura organizou essa edição do encontrão com apelo à valorização de tudo o que o evento mais preza: a confraternização campeira.

Palavras-chave: Encontrão. Tradicionalismo. Cultura. Integração.

¹ Mestrado em Projeto e Processos de Fabricação. Docente de Engenharia Mecânica e coordenador do Programa DTG Raízes da Cultura no IFRS - *Campus* Farroupilha. giacomsoares@farroupilha.ifrs.edu.br

² Estudante do curso Técnico em Informática e integrante do DTG Raízes da Cultura no IFRS - *Campus* Farroupilha. danielimutzenberg@hotmail.com

³ Estudante bolsista do curso superior de Tecnologia em Processos Gerenciais no IFRS - *Campus* Farroupilha. marcioluvison@gmail.com

⁴ Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional. Pedagoga e Coordenadora do XXV Encontro Cultural e Tradicionalista dos IF's da Região Sul do Brasil no IFRS - *Campus* Farroupilha. claudia.ziegler@farroupilha.ifrs.edu.br

⁵ Auxiliar de Biblioteca e colaboradora do Programa DTG Raízes da Cultura no IFRS - *Campus* Farroupilha. vanda.basso@farroupilha.ifrs.edu.br

⁶ Especialista em Atendimento Educacional Especializado. Pedagoga e colaboradora do Programa DTG Raízes da Cultura no IFRS - *Campus* Farroupilha. graciele.soares@farroupilha.ifrs.edu.br



📌 **Figura 1.** DTG Raízes da Cultura. **Fonte:** arquivo DTG Raízes da Cultura.

Em meados de junho de 2014, um pequeno grupo de alunos e servidores iniciou, no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) - *Campus* Farroupilha, a concretização de um sonho: o cultivo da tradição gaúcha no ambiente escolar. Este pequeno grupo iniciou suas atividades com vistas a uma pequena apresentação nas festividades municipais alusivas à Semana Farroupilha daquele ano. O grupo, unido pelo amor à tradição, empolgado com o resultado de sua apresentação, buscou dar continuidade aos ensaios, aspirando novos momentos de divulgação da tradição gaúcha e do IFRS *Campus* Farroupilha, iniciando assim o Departamento de Tradições Gaúchas (DTG) Raízes da Cultura (Figura 1). O DTG surge também como um espaço para que os participantes possam explorar novas habilidades e competências que contribuirão para seu desenvolvimento como ser social, resultando assim num melhor desempenho em todas as atividades curriculares, aliando cultura e aprendizagem.

O DTG Raízes da Cultura dedica-se à preservação, resgate e desenvolvimento da cultura gaúcha, por entender que o tradicionalismo é um organismo social de natureza nativista, cívica, cultural, literária, artística e folclórica.

A tradição é o ato de transmitir os fatos culturais de um povo, através de suas gerações. É a transmissão das lendas, narrativas, valores espirituais, acontecimentos históricos, hábitos inveterados, através dos tempos, de pais para filhos. É a memória cultural de um povo. É um conjunto de ideias, usos e costumes, recordações e símbolos, conservados pelos tempos, pelas gerações. (LAMBERTY, 2014 p. 20).

A tradição é um marco de continuidade, o passado é o acontecimento que ficou. E o tradicionalismo é o fermento que prossegue divulgando a tradição gaúcha a partir da preservação dos hábitos e costumes, da cultura e dos valores humanos. O tradicionalista é um ser que mescla os saberes popular e científico com pensamento eminentemente social, um soldado, pessoa engajada na prática da tradição.

Imbuído nesta missão de cultivar a tradição, em 2015, pela primeira vez, o DTG Raízes da Cultura participou do XXIV Encontro Cultural e Tradicionalista dos IF's da Região Sul do Brasil, que foi realizado em Concórdia/SC (Figura 2). O evento já vem ocorrendo desde meados de 1991, quando a então Escola Agrotécnica Federal de Alegrete – RS convidou as demais Agro técnicas de Bento Gonçalves – RS, São Vicente – RS, Sertão – RS e Concórdia – SC para uma integração entre as entidades tradicionalistas de suas escolas. Embora nesse ano apenas a escola de Sertão tenha participado, o encontro foi retribuído por este último no ano seguinte, de forma que outras escolas aderiram à ideia. Desde então, ano após ano, o evento vem sendo realizado, sediado cada vez em um *campus* diferente. Mesmo depois de as escolas Agrotécnicas passarem a integrar a rede de Institutos Federais, o costume perdura até os dias de hoje, agregando a cada ano novos participantes.

E foi ao som de muitas canções gaúchas, bem como no ritmo de confraternizações campeiras, que o XXV Encontro Cultural e Tradicionalista dos IF's da Região Sul do Brasil aconteceu, no ano de 2016, na cidade de Farroupilha, no Rio Grande do Sul (Figura 3). Idealizado e realizado pelo IFRS - *Campus* Farroupilha, através do DTG Raízes da Cultura, o chamado “Encontrão” tomou forma e pôde mais uma vez alegrar e integrar alunos dos *campi* da região sul do país.



↑ **Figura 2.** DTG Raízes da Cultura no XXIV Encontro Cultural e Tradicionalista dos IF's da Região Sul do Brasil. **Fonte:** arquivo DTG Raízes da Cultura.

↓ **Figura 3.** XXV Encontro Cultural e Tradicionalista dos IF's da Região Sul do Brasil. **Fonte:** Arquivo DTG Raízes da Cultura.



O evento, que tem como objetivo geral preservar, valorizar e divulgar as artes, a tradição, os usos, os costumes e a cultura da Região Sul do Brasil, em 2016, contou com a presença dos *campi* Farroupilha, Bento Gonçalves, Sertão e Ibirubá, do IFRS; Santa Rosa do Sul, Concórdia, Videira e Rio do Sul, do Instituto Federal Catarinense (IFC); Alegrete, São Vicente do Sul, Panambi, Santo Augusto e Santa Rosa, do Instituto Federal Farroupilha (IFFar). O encontro ocorreu de 12 a 14 de novembro, nas dependências do Parque Cinquentenário, contando com as seguintes atividades de integração: desfile e escolha da prendinha; truco feminino e masculino; revezamento de mate; triatlo campeiro; tiro de laço em vaca parada feminino e masculino; laço patrão; jogo de argolas; baliza de garupa; artilharia campeira; e o FECULT - Festival da Canção Cultural Tradicionalista, do XXV Encontro Cultural e Tradicionalista dos *campi* dos Institutos Federais da Região Sul do Brasil.



Durante o encontro, houve momentos propícios para diversas atividades, onde cada instituição desejou demonstrar o amor de seu grupo à tradição. Contudo, o que realmente empolgou os jovens foram os tempos dedicados ao entrosamento (Figura 4), como os bailes nos fins dos dias, com as danças de integração (Figura 5), precedidas de apresentações birivas e apresentações das invernadas.

← **Figura 4.** Momento de entrosamento XXV Encontro Cultural e Tradicionalista dos IF's da Região Sul do Brasil. **Fonte:** Luiz Carlos Muller/Rádio Espaço.

↓ **Figura 5.** Dança de integração XXV Encontro Cultural e Tradicionalista dos IF's da Região Sul do Brasil. **Fonte:** Luiz Carlos Muller/Rádio Espaço.



Falar de dança é falar de uma das manifestações artísticas mais antigas do ser humano, é uma arte viva. Uma coisa certa é que não há povo sem dança. A dança está presente em todos os grupos sociais, tem papel importantíssimo na transmissão dos usos e costumes, é uma manifestação importante nas relações entre as pessoas, aproxima, cria vínculos emocionais.

A dança foi a primeira das artes, expressão espontânea de sentimentos e ritmos da criatividade humana. É através dela que o corpo se comunica em ritmo e exprime elementos da cultura. Ela desenvolve diferentes aspectos dos sentidos e implicam a mobilidade do corpo envolvendo concentração, atenção, memória e coordenação motora. A partir dela se estabelecem também, o senso de ordem, disciplina, solidariedade e cooperação. (MTG, 2013, p. 50)

Apesar das competições, esse é um evento tal qual o nome, “Encontrão”, aonde alunos e servidores, de diferentes IF’s da região Sul, se reúnem para compartilhar o amor pela cultura gaúcha, revivendo costumes e levando o tradicionalismo adiante. Para todos aqueles que alguma vez já participaram o grito “É o encontrão! É o encontrão!” ferve em seus corações durante todo o ano até a próxima edição. E que venha o “Encontrão 2017”, no *Campus Sertão*!!! ■

Referências

LAMBERTY, Salvador Ferrando. **ABC do Tradicionalismo Gaúcho**. Porto Alegre: Fundação Cultural Gaúcha/Movimento Tradicionalista Gaúcho/Martins Livreiro, 2014.

MTG. **Curso de Formação Tradicionalista**. Porto Alegre: MTG, 2013.

MULLER, Luiz Carlos. **Portal de Notícias Rádio Espaço FM**. Disponível em:< <http://www.spacofm.com.br/noticias/show/id/17727-gauchos-e-catarinenses-disputaram-provas-traditionalistas-no-xxv-encontrao-dos-institutos-federais>>. Acesso em 12/05/17.

Venha conhecer o nosso *Campus!*

Magali Inês Pessini¹, Vitor Schlickmann², Daiane Toigo Trentin³, Francielli Rossa Mostardeiro⁴,
Natalia Mignoni Panisson⁵, Eduardo Benfatto Berna⁶

RESUMO

O projeto de extensão “Venha conhecer nosso *Campus!*” tem como objetivo central de sua concepção e ações, aprofundar o relacionamento do *Campus* Caxias do Sul do Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS) junto à comunidade local e regional, por meio da ampliação da divulgação do *campus*. Visa apresentar a instituição para a comunidade caxiense e regional, por meio de visitas guiadas pelas instalações do *campus*. Estas visitas são conduzidas pelos alunos dos cursos técnicos integrados ao ensino médio (Fabricação Mecânica, Plásticos e Química), que também retratam o trabalho desenvolvido na instituição, bem como as possibilidades existentes no , do qual a comunidade pode usufruir, em vista do desenvolvimento e emancipação social e profissional.

Palavras-chave: Visitas. Comunidade. Divulgação.

O foco dos Institutos Federais é a inclusão social, a equidade, a competitividade econômica e a geração de novas tecnologias, atentando em responder às demandas crescentes por formação profissional, por difusão de conhecimentos científicos e tecnológicos e de suporte aos arranjos produtivos locais (BRASIL, 2008).

É compromisso de cada Instituto Federal que este conheça a região em que está inserido e responda efetivamente aos anseios e demandas da comunidade, sendo instrumento em prol da inclusão social e melhor distribuição de renda. É fundado nesta concepção de ofertar educação que atenda os arranjos produtivos locais, que os Institutos Federais, enquanto instituições de educação profissional, científica e tecnológica têm como princípio norteador de suas ações o desenvolvimento local e regional, em articulação com o contexto em que estão inseridos (BRASIL, 2010).

Entretanto, um dos desafios a ser enfrentado pelos Institutos Federais está no estabelecimento de políticas públicas e ampliação da oferta de produtos e serviços entre a instituição e a comunidade, além de se tornarem espaços de referência e de vivência coletiva e democrática. Alicerçando o diálogo entre instituição e comunidade, cada instituto amplia seu campo de atuação ao espaço

¹ Mestre em Diversidade Cultural e Inclusão Social. Servidora do IFRS - Campus Caxias do Sul. magali.pessini@caxias.ifrs.edu.br

² Doutor em Educação. Docente do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do IFRS - Campus Caxias do Sul. vitor.schlickmann@caxias.ifrs.edu.br

³ Mestre em Educação. Docente do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do IFRS - Campus Caxias do Sul. daiane.trentin@caxias.ifrs.edu.br

⁴ Estudante bolsista do Curso Técnico em Química do IFRS - Campus Caxias do Sul. francielli.mostardeiro@caxias.ifrs.edu.br

⁵ Estudante bolsista do Curso Técnico em Plásticos do IFRS - Campus Caxias do Sul. natalia.panisson@caxias.ifrs.edu.br

⁶ Estudante do Curso Técnico em Química e voluntário de extensão do IFRS - Campus Caxias do Sul. eduardo.berna@caxias.ifrs.edu.br

do território geográfico no qual está inserido e passa a ser o campo de negociação em prol da construção de uma rede de parceria (BRASIL, 2010).

O projeto de extensão “Venha conhecer nosso *Campus!*” tem como objetivo central de sua concepção e ações, aprofundar o relacionamento do Caxias do Sul, do Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS), junto à comunidade local e regional, por meio da ampliação da divulgação do *campus*. Além de apresentar a instituição para a comunidade caxiense e regional, por meio de visitas guiadas no *campus*, conduzidas pelos alunos dos cursos técnicos integrados ao ensino médio (Fabricação Mecânica, Plásticos e Química), tem também como objetivo apresentar o trabalho desenvolvido na instituição e as possibilidades existentes no *campus*.

A proposta inicia com o mapeamento da educação básica e das entidades civis organizadas, para o agendamento de uma visita em suas sedes e para, após, estas conhecerem a sede do *Campus* Caxias do Sul. Os alunos dos cursos de ensino médio técnico integrado, orientados pelos colaboradores do projeto, conduzem as visitas pelo *campus*, apresentando as instalações físicas, as atividades desenvolvidas e as formas e processo de ingresso, estreitando o vínculo com a comunidade e tornando a instituição um espaço de referência, através de projetos e ações de ensino, pesquisa e extensão, bem como apresentando o potencial do IFRS para a comunidade.

Nas ações do projeto, os alunos assumem um duplo papel, além de agir como mediadores do conhecimento, eles também são aprendizes, por meio das experiências vivenciadas no âmbito institucional. Antes de iniciar as ações do projeto, os alunos estudaram as diretrizes dos processos de ingresso ao *campus*; construíram formulário de demandas e *feedback* das visitas; contataram escolas



📍 **Figura 1.** Visita de alunos do 9º ano ao IFRS - *Campus* Caxias do Sul. **Fonte:** Luísa Biesek.

de educação básica e entidades civis organizadas para visitação ao *campus*; organizaram agenda de visitas conduzidas ao *campus*; coletaram demandas trazidas pelos visitantes do *Campus* Caxias do Sul; e também atuaram na busca por parcerias para divulgação do *campus*.

Relação Ensino, Pesquisa e Extensão

De acordo com a legislação, o tripé formado pelo ensino, pela pesquisa e pela extensão antes era atribuição exclusiva das universidades. No entanto, por sua natureza, os institutos federais de educação ciência e tecnologia – desde a sua constituição no ano de 2008 – acabam sendo comprometidos a também adotar esse tripé dentre os seus objetivos e organização. O artigo 207 da Constituição Brasileira de 1988 dispõe que “as universidades [...] obedecerão ao princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão”. Equiparadas, essas funções básicas merecem igualdade em tratamento por parte das instituições de ensino superior, que, do contrário, violarão o preceito legal.

Diante do exposto, o presente projeto, tem como foco central possibilitar uma maior aproximação junto à comunidade, estimulando a importância do conhecimento científico e a indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão como eixo da ação e da reflexão, considerando as relações do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia em sua missão como ente público promotor do tripé, ensino, pesquisa e extensão, visto que, faz-se necessário reafirmar o papel que os institutos federais de educação ciência e tecnologia possuem junto às comunidades, desenvolvendo ações que estimulem cada vez mais a prática e a importância para a comunidade em que está inserido, bem como maior aproximação na formação pessoal e social dessas comunidades.



📍 **Figura 2.** Aula prática de Fabricação Mecânica durante a visita. **Fonte:** Luísa Biesek.

Metodologia

O projeto de extensão “Venha Conhecer o nosso *Campus!*” teve como período de duração maio a dezembro de 2016. Neste período, a equipe gestora do projeto proporcionou aos estudantes a possibilidade de participar de diferentes atividades e articular o processo de ensino, pesquisa e extensão. O projeto contou com estudos e ações que visaram ampliar a relação do instituto junto à comunidade, por meio de ações de visitas junto aos estabelecimentos de ensino, organizações sociais e promovendo a divulgação do *Campus* Caxias do Sul, bem como visitas técnicas orientadas por essas instituições no *campus*.



📍 **Figura 3.** Visita ao laboratório de Plástico. Fonte: Luísa Biesek.

Para divulgação do *campus* e oferta das visitas, entrou-se em contato, por meio de ligações, com escolas de ensino fundamental, oferecendo uma visita com palestras e informações tendo como foco o processo seletivo, a metodologia de ensino empregada no *campus* e infraestrutura da instituição. Nas escolas de onde a vinda dos alunos não se tornou possível, o *campus* foi apresentado na própria escola de interesse, por meio de vídeos, imagens da instituição, explicando a metodologia de ensino, pesquisa e extensão empregados, inclusive instruções para o processo seletivo.

Resultados

No período de vigência do projeto, 36 escolas de educação básica visitaram o *Campus* Caxias do Sul, conduzidos pelos alunos bolsistas. Neste período, também sete escolas foram visitadas pela equipe gestora do projeto e bolsistas, sendo duas delas na área rural de Caxias do Sul. Além das escolas, foram atendidas, com agendamento prévio, 62 famílias que vieram até o *Campus* para as



📌 **Figura 4.** Troca de experiências com alunos do curso Técnico em Química. Fonte: Luísa Biesek.

visitas orientadas. Neste caso, as famílias ligavam para o *Campus* Caxias do Sul e solicitavam horário para conhecer o *campus*.

Cabe destacar que os números de inscritos no processo seletivo para ingresso nos cursos Técnicos Integrados ao Ensino Médio de Plástico, Fabricação Mecânica e Química teve um aumento significativo com a implantação do projeto, em relação aos anos de 2015 e 2016, conforme expresso no gráfico que segue: (inserir gráfico: Fonte: Aluna bolsista FrancielliRossaMostardeiro)

Agradecimentos

Agradecemos a todos os alunos colaboradores que se propuseram a dedicar parte do seu tempo para auxiliar nas visitas. Também a dedicação e a disponibilidade dos servidores, em especial aos técnicos de laboratório e coordenadores de curso. ■

Referências

BRASIL. **Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008. Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências.** Diário Oficial da União. Brasília, DF, v. 145, n. 253, 30 dez., 2008. Disponível em: file:///C:/Users/User/Downloads/revista_mec.pdf. Acesso em: 28 de fevereiro de 2016.

BRASIL. **Um novo modelo em Educação Profissional e Tecnológica concepções e diretrizes.** Brasília, 2010. Disponível em: file:///C:/Users/User/Downloads/if_concepcaoediretrizes.pdf. Acesso em: 27 de fevereiro de 2016.

Desenvolvendo percepções por meio da fotografia: o mundo de adolescentes com necessidades especiais visto através das lentes

Walter Karwatzki¹

RESUMO

Este relato de experiência apresenta um projeto de extensão de inclusão que tem como campo de estudo a discriminação de adolescentes com necessidades específicas de educação. O objetivo dessa prática foi promover ações, via oficina de fotografia, que pudessem ampliar as possibilidades de inclusão e socialização de jovens em vulnerabilidade de exclusão social, vivendo o sentimento de pertencimento no dia a dia da sociedade. Assim, foi desenvolvido um projeto entre o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IFRS) de Porto Alegre e duas Escolas Municipais Especiais de Ensino Fundamental, entre os anos de 2013 e 2014. O projeto foi desenvolvido com uma turma de doze alunos, seis de cada escola, e foi acompanhado por duas professoras. Resultaram do projeto duas exposições com as imagens feitas por eles ao longo do curso: uma no IFRS e outra no Instituto dos Arquitetos do Brasil (IAB), ambas com seleções por edital.

Palavras-chave: Fotografia. Especiais. Inclusão. Jovens. Pertencimento.

Na atualidade, a fotografia é um instrumento muito utilizado como forma de comunicação, principalmente entre adolescentes, seja ela tirada com uma máquina digital específica ou com a câmera do telefone celular. Nunca as pessoas fotografaram e se fotografaram tanto. O fotógrafo e historiador Ricardo Mendes (1993, p. 73 - 74) ressalta que no campo da 'inclusão', diversas iniciativas podem ser apontadas, promovidas tanto por instituições culturais, quanto por iniciativas individuais em escolas municipais.

¹ Mestre em Geografia. Docente e coordenador de projetos culturais no IFRS – Campus Porto Alegre. walter.k@poa.ifrs.edu.br

Assim, este projeto desenvolvido no IFRS – *Campus* Porto Alegre tem como objetivo geral ampliar as possibilidades de inclusão de jovens em vulnerabilidade de exclusão social, com uma maior socialização no contexto de que fazem parte, na sociedade, por meio da vivência do sentimento de a ela pertencer e, no dia a dia, tendo como meio a prática da fotografia social. E, como objetivos específicos, desenvolver a percepção e a compreensão de adolescentes com necessidades específicas quanto à forma como enxergam e interpretam o ambiente e aqueles com quem convivem; dotar adolescentes com necessidades específicas de conhecimentos fotográficos; possibilitar a prática da fotografia; e permitir a sociabilização nos diferentes ambientes que frequentam.

O projeto intitulado *Desenvolvendo percepções através da fotografia: o mundo de adolescentes com necessidades especiais visto através das lentes* foi composto por um curso em dois módulos, um entre outubro e novembro de 2013 e outro entre maio e junho de 2014. Cada módulo tinha uma turma de 12 estudantes vindos de duas escolas parceiras localizadas em Porto Alegre – Escolas Municipais Especiais de Ensino Fundamental Professora Lygia Morrone Averbuck e Professor Elyseu Paglioli. Cada escola indicou, também, uma professora acompanhante: a professora Anahí Xavier da Cruz, pela Lygia Morrone Averbuck, e a professora Anelise Barra Ferreira, pela escola Professor Elyseu Paglioli. Estas professoras tiveram grande importância para o andamento do curso, pois elas conheciam cada aluno de sua escola e eram referência para eles. Foram, também, as escolas que indicaram, por seus critérios próprios, seis alunos para participar de cada curso.

Aqui, cabem alguns aspectos que fundamentaram este projeto. Para Sandra Portella Montardo (2008), a inclusão social são todas as maneiras de possibilitar a autonomia de indivíduos que se encontram, temporariamente ou não, e sob algum aspecto específico, em desvantagem em relação a outros grupos sociais.

Em se tratando de alunos com necessidades especiais de educação, não era possível um conteúdo programático teórico-técnico como de costume. O que se poderia fazer era dar algumas noções e se valer das aulas práticas para uma melhor aprendizagem. Cada módulo tinha um encontro semanal. A carga horária de cada módulo foi de 36 horas entre teoria e prática. Cada módulo foi de seis aulas, cada aula tendo a duração de três horas. O módulo 1 foi desenvolvido entre outubro e novembro de 2013 e o módulo 2, entre maio e junho de 2014. O ônibus do IFRS buscava os alunos em suas escolas e os devolvia no final da atividade. As atividades propostas para cada aula foram pensadas de maneira que essas não se tornassem monótonas e fossem lúdicas para todos. Foi levado em conta, também, que havia diferentes ocorrências de necessidades educativas de cada participante.

As atividades desenvolvidas em cada uma das aulas foi pensada de maneira que cada aluno pudesse se familiarizar com o equipamento fotográfico de maneira mais segura. Por exemplo: Para que serve a “cordinha”? (alça de segurança). Como carregar com segurança a máquina fotográfica?

A primeira atividade prática foi a realização da fotografia do crachá. Nessa atividade, eles posaram para o professor fazer a fotografia que foi usada no crachá de identificação de cada um. Foi montado, no fundo da sala de aula, um pequeno estúdio para tal: havia um tecido preto preso na parede, uma cadeira e a máquina fotográfica no tripé. Depois que todos foram fotografados, o professor e as duas professoras também tiraram suas fotografias para o crachá. Outra atividade inicial foi realizar um passeio pelo prédio do IFRS – *Campus* Porto Alegre, para conhecer os setores e as pessoas que trabalham na instituição. Nesse passeio, já com as máquinas em punho, cada um pôde tirar as primeiras fotografias.

As saídas de campo foram agendadas previamente e se deu prioridade a espaços públicos e culturais da cidade. Por exemplo: Usina do Gasômetro, Teatro São Pedro, Praça da Matriz, Palácio Piratini, Catedral de Porto Alegre, Cultural Santander, Fundação Iberê Camargo, Jardim Botânico, Parque Harmonia, entre outros. Para cada aluno do curso foi criado um arquivo digital onde, ao final de cada atividade fotográfica, o professor baixava as fotografias feitas na saída.

No encontro denominado “Prática de curadoria”, cada aluno escolheu uma fotografia que tirou em aula, cujo tema foi “Um retrato do meu amigo”. A escolha do tema ficou por conta deles e, sempre que possível, justificaram sua escolha. A justificativa foi o fato de o retrato ser a maneira mais direta de se ver no outro e de reconhecer o outro. Escolhidas as fotografias, estas foram passadas para outro arquivo, que foi denominado *AMIGO*, tema da primeira exposição (Figuras 1 e 2).



➔ **Figura 2.** Retrato da exposição *AMIGO*.
Fonte: Acervo do IFRS.

⬅ **Figura 1.** Retrato da exposição *AMIGO*.
Fonte: Acervo do IFRS.



A exposição *AMIGO* montada no Corredor Cultura foi um momento muito especial do curso. Pela primeira vez, eles estavam vendo seus trabalhos expostos. Entre eles, houve uma confraternização muito grande. Faziam questão de mostrar, a todos que estavam lá, sua fotografia, quem era o amigo que tinham fotografado e quem o tinha fotografado. Estudantes e funcionários do IFRS foram os primeiros a prestigiar o momento.

Na primeira seleção das fotografias para a grande exposição do final do curso, os três professores participaram da atividade e visualizaram o acervo individual de cada um dos alunos. Ao longo do curso, sempre que possível, os professores trocavam informações sobre as fotografias que estavam sendo tiradas, selecionando as melhores e deletando as demais, para limpar os arquivos. Na segunda seleção das fotografias para a grande exposição do final do curso, os três professores participaram da atividade e visitaram o acervo individual dos alunos. Neste último encontro, ficou definido qual fotografia de cada um dos alunos seria mostrada na exposição final.

Resultados

Com referência aos objetivos lançados no começo do projeto, pode-se afirmar que os resultados obtidos foram plenamente satisfatórios. A questão da sociabilização dos jovens envolvidos na ação extensiva foi bastante evidenciada quando, depois do curso, os pais declararam isso em conversas informais com as professoras envolvidas.

Com a sociabilização, houve, a reboque, a criação de um sentimento de pertencimento. Já ao longo do curso, foi possível notar o entrosamento entre os participantes em situações em que um

ajudou o outro em sua locomoção, por exemplo, ou ajudou um colega explicando-lhe o que sabia sobre fotografia, além de outras demonstrações de coleguismo.

A questão técnica fotográfica nunca foi o objetivo primordial do curso, porém, em vários momentos, foi possível perceber uma melhora significativa desse aspecto. Muitas vezes, a observação funcionou como grande aliada, como, por exemplo, quando começaram a notar que era possível fotografar de outra posição que não somente a em pé. Aos poucos, os enquadramentos amplos foram sendo substituídos por enquadramentos mais próximos, ao mesmo tempo em que alguns se utilizaram da técnica da moldura e de inclinações, o que demonstrou um maior conhecimento do próprio olhar. Outro aspecto positivo foi a maneira como seguravam a máquina. Além do uso da cinta de segurança, manuseavam os comandos da máquina com mais propriedade.

Artisticamente, os resultados foram altamente produtivos. A primeira exposição, que foi nas dependências do IFRS, *AMIGO*, recebeu em seu livro de visitas mais de 500 assinaturas durante o mês em que ficou ativa. Vários depoimentos dos estudantes do IFRS demonstraram o reconhecimento do trabalho deles.

A segunda exposição, a do dia da formatura, chamou muito a atenção dos pais em relação aos trabalhos que tinham sido feitos. O trabalho de todos foi mostrado para que os pais, familiares, amigos e demais professores pudessem ter uma visão geral do que foi produzido (Figura 3).



📍 **Figura 3.** Dia da formatura com exposição de fotografias produzidas ao longo do curso. **Fonte:** Acervo do IFRS.

A terceira exposição, *ASPAS*, foi realizada fora do IFRS, no Instituto dos Arquitetos do Brasil (IAB) e foi selecionada por edital público da instituição. Na exposição final pôde-se ver os olhares de cada um sobre o meio que o rodeia. Todos os estudantes fotografaram, espontaneamente, seu próprio meio e coube ao professor organizar em grupos esses olhares: cotidiano, natureza, imagens artísticas, cidade e outros temas. Os alunos participaram da “curadoria” (Figuras 4 e 5).



📍 **Figura 4.** Fotografia que fez parte da exposição ASPAS no IAB. Fonte: Acervo do IFRS.

Na noite da inauguração da exposição ASPAS, na Galeria Espaço IAB, Sala Negra, a presença dos parentes e amigos foi significativa, além de pessoas da comunidade de Porto Alegre, artistas em grande parte, que tomaram conhecimento sobre a mesma pela mídia, que lhe deu uma ampla cobertura. O IAB também divulgou muito a exposição, já que a mesma havia sido selecionada por um edital público no ano anterior.

Outro aspecto relevante desse projeto foi o engajamento das comunidades próximas (comunidades escolares, amigos, empresários, dirigentes e agentes, culturais, entre outros) no mesmo. Parte da divulgação ficou por conta da agência de publicidade de um amigo do projeto, que atuou junto aos órgãos de mídia para divulgação. Outro grupo de amigos forneceu o coquetel da noite da

inauguração da exposição e alguns se ofereceram para ir buscar os pais e as crianças em suas casas.

Para muitos pais, segundo palavras de alguns deles, o momento da inauguração foi como um “resgate” de seus filhos. Muitos demonstraram uma grande emoção e fizeram questão de ser fotografados com os filhos ao lado de sua obra. Os comentários técnicos de fotógrafos que estavam presentes foram muito gratificantes.



📍 **Figura 5.** Fotografia que fez parte da exposição ASPAS no IAB. Fonte: Acervo do IFRS.

Considerações Finais

As questões relativas à inclusão sociocultural, ao pertencimento e à sociabilização de jovens em situação de desvantagens em relação a outros grupos sociais, são passíveis de êxito em qualquer situação, mesmo sendo a ferramenta para tal algo tão simples como o ato de fotografar.

Salienta-se que essa atividade tem um apelo muito grande nas comunidades em que é feita e isso não deve ser menosprezado por aqueles que se dispõem a desenvolver ações inclusivas. A receptividade do grupo por parte das instituições que o recebeu foi outro fator muito importante. Salienta-se, entretanto, a necessidade de agendamento e explicação de que tipo de grupo se trata. Em todas as instituições visitadas, os agentes culturais tiveram o maior cuidado em bem atender os visitantes.

Um aspecto que poderá ser importante em um eventual futuro curso é a presença de estudantes de Pedagogia, que poderiam atuar como monitores. Estudantes com necessidades especiais de educação têm muito a ensinar. Salienta-se, antes de encerrar, que, em momento algum, durante todas as saídas em espaços públicos ou para visita a instituições, houve qualquer tipo de reação negativa em relação à presença do grupo. Pelo contrário, todos foram receptivos, apesar de os membros do grupo serem muito expansivos.

A sociedade, por meio de pequenas ações, pode criar as pontes necessárias para diminuir as distâncias existentes entre todos. O maior reconhecimento de si próprio é o reconhecimento do outro. Os avanços tecnológicos que estão, hoje, ao alcance de todos, não permitem mais excluir qualquer pessoa por essa ou aquela necessidade especial, tanto física quanto mental. Cada ser é único em suas especificidades. Na sociedade civilizada que buscamos, não há lugar para indiferença. ■

Referências

MENDES, Ricardo. **Fotografia e inclusão (social): revendo experiências das últimas três décadas.** Revista D'Art. São Paulo, p. 71 – 75. Disponível em: http://www.centrocultu-ral.sp.gov.br/revista_dart/pdfs/dart12%20fotografia%20e%20inclus%C3%A3o%20social.pdf Acesso em: 24 nov. de 2016.

MONTARDO, Sandra Portella. **Fotos que fazem falar: desafios metodológicos para análise de redes temáticas em fotologs.** Disponível em: www.revistaeletronica.pucs.br. Acesso em: 24 nov. 2016.

De viajante a escritor: a extensão impulsionando o registro de experiências de viagem

Sheila Katiane Staudt¹

Palavras, palavras, palavras...
(*Hamlet, Shakespeare*)

RESUMO

A transposição do relato oral para o universo da escrita – tarefa um tanto quanto árdua a muitos – permite eternizar a beleza das exposições dialogadas nos encontros anuais propiciados pelas Feiras das Cidades, evento extensionista realizado no IFRS *Campus* Canoas, por meio da palavra escrita. Um dos principais objetivos pensados a partir da proposta de confecção de um livro com narrativas de viagem escritas por autores do século XXI foi o resgate de dois tipos de memórias: a memória do sujeito-viajante e a do projeto de extensão, visto que o exemplar conta com textos apresentados no evento “Feira das Cidades” desde a sua primeira edição, em 2011. O intuito de externar a produção literária intitulada *Crônicas de viagem do século XXI: olhares sobre as cidades*, gerada a partir do projeto extensionista, vem ao encontro da proposta de romper os muros institucionais ao permitir o contato com as crônicas no formato livro.

Palavras-chave: Oralidade. Escrita. Viajante. Cidade. Livro.

Leitura, escrita e oralidade

A memória é a mais antiga das faculdades humanas e a mais facilmente esquecida pela sociedade moderna do esquecimento. Em uma era digital, cuja comunicação se constrói mais por imagens que por palavras, resgatar o registro escrito parece ao mesmo tempo instigante e desafiador.

O Brasil persiste em sua posição lastimosa no ranking mundial ao apresentar um dos índices mais baixos no que diz respeito à leitura. O brasileiro lê, em média, 4,96 livros por ano², de acordo com pesquisa realizada em 2016, pelo jornal *O Estado de São Paulo*. Reverter esse histórico negativo

¹ Doutora em Letras (UFRGS). Docente no IFRS - *Campus* Canoas. Organizou o livro “*Crônicas de viagem do século XXI: olhares sobre as cidades*” (2014). E-mail: sheila.staudt@canoas.ifrs.edu.br ou feira@canoas.ifrs.edu.br

² Disponível em: <http://cultura.estadao.com.br/blogs/babel/44-da-populacao-brasileira-nao-le-e-30-nunca-comprou-um-livro-aponta-pesquisa-retratos-da-leitura/>

é apenas uma das tarefas do professor em sala de aula. Mas como? Apenas nas disciplinas de literatura? Acreditamos que não!

A riqueza de muitas línguas indígenas e africanas está em sua oralidade. Aproximar esses dois campos linguísticos heterogêneos e complementares a um só tempo – fala e escrita – é um dos objetivos do projeto de extensão “Olhares sobre as cidades: experiências de viagem”, iniciado em 2011, no IFRS *Campus* Canoas.

A transposição do relato oral para o universo da escrita – tarefa um tanto quanto árdua a muitos – permite eternizar a beleza das exposições dialogadas nos encontros anuais propiciados pelas Feiras das Cidades, evento extensionista realizado no *campus*, por meio da palavra escrita. As belas crônicas de viagem apresentadas pelos palestrantes-viajantes narram fatos e causos de cronistas em potencial e encurtam as mais longas travessias, trazendo aos olhos do ouvinte/leitor lugares, costumes e culturas, por vezes, tão diferentes dos nossos.

Um dos principais objetivos pensados a partir da proposta de confecção de um livro com narrativas de viagem escritas por autores do século XXI foi o resgate de dois tipos de memórias: a memória do sujeito-viajante e a do projeto de extensão, visto que o exemplar conta com textos de palestrantes-viajantes que apresentaram seus relatos no evento Feira das Cidades desde a sua primeira edição, em 2011.

O intuito de externar a produção literária intitulada *Crônicas de viagem do século XXI: olhares sobre as cidades*, gerada a partir do projeto extensionista, vem ao encontro da proposta de romper os muros institucionais ao permitir o contato com as crônicas de viagem apresentadas no evento a pessoas que, por algum motivo, não assistiram *in loco* as apresentações dos viajantes e, talvez, experimentar uma vez mais aquela viagem por meio do ato da leitura. O exemplar, que conta com 28 relatos de viagem, perpetua a singularidade de cada experiência vivida e partilhada oralmente ao longo das três primeiras edições do evento, em forma de palavra escrita/texto. A motivação primeira encontra-se no resgate memorialístico dessas memórias individuais (dos viajantes) e coletivas (das três primeiras edições das Feiras das Cidades), consolidando a validade do projeto na Instituição. Neste processo, os palestrantes-viajantes tornaram-se escritores e os ouvintes, leitores.

Assim, a partir da busca e pesquisa sobre a teoria da cidade e da viagem e, com o objetivo de incentivar a integração do tripé Ensino-Pesquisa-Extensão proposto pelos Institutos Federais, o objeto livro ocupa papel essencial nesse processo.

Memória, cidade e viagem

Inúmeras questões teóricas subjazem o projeto e aglutinam-se ao processo de escrita e compilação de um livro de crônicas de viagens realizadas por viajantes do século XXI. Entre elas podemos citar: a tentativa de legibilidade das cidades hodiernas a partir da experiência da viagem, do deslocamento, da travessia e posterior escrita do vivido; a recuperação do narrador da tradição oral presente no modo de contar sua vivência singular; a comunhão entre vida e palavra; a aproximação entre a tríade *narrador – ouvinte – leitor* e, sobretudo, o resgate mnêmico que visa impedir a atrofia da experiência, uma vez que “a arte de narrar está em vias de extinção” (BENJAMIN, 1994, p.197). Ao falar sobre a viagem, o viajante revive a travessia e ruma aquela experiência, calcificando em sua memória fatos, acontecimentos, pessoas, lugares, histórias apreendidos no caminho.



Figura 1. Alunos escritores IFRS Canoas. Fonte: Autora.

O caos urbano oferecido ao espectador submerso e imerso no turbilhão da modernidade líquida³, da qual nos fala Zygmunt Bauman, é de difícil leitura e necessita de estratégias para que possa ser, de fato, compreendido. O universo fotográfico auxilia sobremaneira esse árduo trabalho ao recortar, aproximar, enquadrar partes do corpo chamado cidade (SENNETT, 2008) com vistas a trazer legibilidade a esses espaços complexos e paradoxais pelos quais transitamos. A interpretação dos espaços, em especial, das metrópoles e megalópoles contemporâneas, por meio do “narrar”, traz entendimento e organização daqueles locais visitados, como também reforça a sintonia existente entre o homem e a urbe, já que “o homem faz a cidade, a cidade faz o homem” (RAMIL, 2008, p.47).

A abertura da IV Feira das Cidades, em 2014, aconteceu com a palestra do escritor e jornalista gaúcho Airton Ortiz, criador do gênero “jornalismo de aventura” e seguiu-se com uma sessão de autógrafos de sua obra recém lançada *Paris*. Neste mesmo ano, Airton Ortiz foi patrono da 60ª Feira do Livro de Porto Alegre e partilhou suas aventuras pelo globo com a comunidade escolar e extraescolar do IFRS *Campus* Canoas. A motivação de Ortiz é “viajar para escrever”, como ele mesmo reiterou em sua fala e relembrou travessias marcantes e memoráveis em sua vida com o público ali presente, a exemplo de sua escalada ao Everest e a viagem ao Quênia. O contato com um escritor de renome provoca maior interesse pela literatura por parte do ouvinte que questiona e interage com o autor acerca de detalhes de suas obras e do como escrever, desmistificando assim a figura do “escritor” criada ao longo do tempo.

³ BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

Reflexos no Ensino

Ao trabalhar o gênero textual crônica, especificamente, em sala de aula, trazemos entre autores renomados como Luis Fernando Verissimo, Rubem Braga, Machado de Assis, etc. os relatos compilados no livro lançado na IV Feira das Cidades, em 2014, a fim de incentivar a escrita dos alunos a partir de textos que têm a viagem como tema.

O trabalho com as crônicas dos viajantes em sala de aula vem sendo feito pelas professoras da área de Letras nas disciplinas de Língua Portuguesa e Literatura com os alunos dos cursos técnicos Integrados e PROEJA desde 2015, no IFRS *Campus* Canoas. O retorno dos alunos é muito positivo, uma vez que o assunto atrai o interesse, pois o exótico, o novo, enfim, o diferente desperta a curiosidade humana desde sempre, bem como a linguagem envolvente empregada pelos viajantes. Entre os escritores, nove eram alunos do IFRS *Campus* Canoas, o que servia de estímulo aos demais colegas para, no futuro, também verem seus textos publicados em algum livro ou em uma nova edição desta coletânea de crônicas.

Em maio de 2016, foi realizado o I Concurso Literário do IFRS *Campus* Canoas, o qual aceitou cinco modalidades textuais: poema, conto, crônica, haikai e fanfiction. A premiação dividiu-se em três categorias: aluno, servidor e comunidade externa, totalizando 31 prêmios. O incentivo à produção textual vem sendo uma constante entre as professoras da área de Letras, contudo a banca julgadora deste concurso contou com professores de diversas áreas do conhecimento tanto do IFRS quanto de outros IFs. Recebemos 151 textos nesta primeira edição e muitas das crônicas, poemas e haikais inscritos tematizaram a viagem e/ou a cidade, a partir do trabalho desenvolvido em aula com o livro do projeto “Olhares sobre as cidades: experiências de viagem”.

Com os alunos dos segundos e terceiros anos dos Cursos Técnicos é apresentado o gênero literário Haikai, originário do Japão, que é a síntese da síntese da poesia, conforme Adriana Calcanhoto (2014), propiciando o cotejo da nossa literatura com os saberes orientais e a leitura das traduções

📌 **Figura 2.** STANDS Cidades Reais ou Imaginárias. **Fonte:** Autora.



feitas por Manuel Bandeira dos haikai produzidos pelo poeta japonês Bashô, pioneiro no gênero. Desde 2015, duas Mostras de Ensino foram realizadas com produções dos *alunos-haijins* (escritores de haikai) em sala de aula e ficaram expostas ao longo de toda a Feira das Cidades. As Mostras geraram certificados aos alunos e intitularam-se “Haikaizando as cidades” (2015) e “O Haikai e a Cidade” (2016), uma vez que o tema solicitado na escrita dos haikai era cidade, urbano, deslocamento, viagem, travessia.

A produção da poesia sintética em sala de aula atrai os olhares e interesses dos alunos conectados com a velocidade moderna e, ao mesmo tempo, com diferentes culturas com o advento da internet, uma vez que o “*haijin* (quem escreve haikai)” consegue “capturar um instante, sem explicações, sem conclusões e sem memória. Um instantâneo.” (CALCANHOTO, 2014, p.09). A semelhança do gênero crônica ou de um poema Haikai com a arte fotográfica, ao registrarem um momento ou um recorte da realidade, está em sintonia com as atitudes disseminadas no século XXI, principalmente através do meio virtual. Em uma era dominada pelas *selfies*, pelas redes sociais que falam mais por imagens que por palavras, as aulas de literatura não podem simplesmente negar a existência dessas novas formas de comunicação contemporâneas, mas sim acercar-se desse momento histórico para assim, poder adentrar e trazer sentido aos clássicos da literatura brasileira produzidos desde o século XVII. Partir do presente para entender o passado é apenas uma das estratégias de aprendizagem utilizadas neste projeto extensionista com vistas a aprimorar a escrita dos alunos dos cursos técnicos integrados do IFRS *Campus* Canoas.

Metodologia

A confecção do livro de relatos de viagem passou por um processo como todo e qualquer fruto em vias de maturação. O chamamento e desafio proposto aconteceu desde 2013 aos palestrantes já no ato de inscrição no evento III Feira das Cidades e foi encaminhado aos antigos palestrantes de 2012 e 2011. Um momento especial estava sendo pensado para a IV Feira das Cidades, em 2014, para propiciar o encontro do objeto livro com seus autores e futuros leitores em uma solenidade de encerramento com coquetel e sessão de autógrafos que fechou com chave de ouro os três dias de Feira.

Alguns passos do processo:

- 1) Coleta dos textos; 2) Escritores convidados: palestrantes das edições das I, II e III Feira das Cidades; 3) Ordenamento (por continentes?, por Feira?, por ordem alfabética?); 3.1) Primeiro critério adotado: continente visitado, 3.2) Segundo critério adotado: edição do evento no qual o palestrante-viajante participou (I, II ou III Feira das Cidades); 4) Confecção da capa, toda elaborada por Leonardo Cláudio da Rosa, ex-aluno do Curso Técnico de Informática do IFRS *Campus* Canoas; 5) Revisão ortográfica; 6) Revisão em língua espanhola, uma vez que o relato proferido também havia sido em espanhol pelo aluno uruguaio do IFRS *Campus* Canoas; 7) Escrita da apresentação do livro de relatos pela coordenadora Sheila Katiane Staudt e da orelha pela vice-coordenadora Fabiana Cardoso Fidelis; 8) Diagramação com texto e fotos enviadas pelos escritores; 9) Busca de orçamento em, no mínimo, 03 editoras, com vistas a atender ao processo licitatório dos órgãos públicos; 10)



📌 **Figura 3.** Livros. Fonte: Autora.



📌 **Figura 4.** Alunos recebem o livro do projeto. *Fonte:* Autora.

Contato periódico com a editora vencedora do processo; 11) Revisão final; 12) Impressão das 500 cópias aos encargos da editora.

Nosso livro foi o segundo impresso no IFRS *Campus* Canoas e advindo de projetos de extensão. O primeiro foi uma HQ intitulada “Non sequitur” produzida pelos participantes das oficinas de desenho realizadas pelo projeto extensionista “Oficinas Permanentes de Cultura”, iniciado também em 2011. Apesar das diversas etapas, o período total entre início e término de todo o processo de confecção do livro com as crônicas de viagem foi de seis meses.

Resultados

O objeto livro viabiliza a indissociabilidade entre Ensino, Pesquisa e Extensão, pois é responsável pelo trânsito constante de informações entre o meio acadêmico e o extraescolar. A publicação do livro *Crônicas de viagem do século XXI: olhares sobre as cidades* contou com 28 narrativas de viagem, 31 autores (09 alunos, 09 servidores dos IFRS e 13 membros da comunidade externa), totalizando 216 páginas e seus capítulos foram divididos em cinco seções-continentes: África (03 relatos de viagem); América (18 relatos de viagem); Antártida (1 relato de viagem); Ásia (1 relato de viagem); Europa (05 relatos de viagem).

Apesar de termos tido relatos orais sobre a Oceania, ao longo das edições da Feira das Cidades, não houve o envio do texto escrito, desafio este que se espera sanar em breve. Dois exemplares desta organização foram enviados às bibliotecas dos 12 *campi* do IFRS em atividade em dezembro de 2014, com vistas a divulgar as experiências compartilhadas nas Feiras das Cidades realizadas no IFRS *Campus* Canoas, bem como a compartilhar do primeiro fruto literário advindo do projeto. Além disso, cada autor recebeu 08 exemplares como pagamento dos direitos autorais, fato este que contribuiu

e muito para a socialização e divulgação do livro para além-muros da Instituição, alcançando ainda mais leitores externos ao *campus*.

A ideia inicial era termos um lançamento bienal do livro com crônicas dos palestrantes-viajantes. Contudo, em 2016, por falta de verba oriunda da grave crise econômica enfrentada pelo país, não foi possível realizar a impressão do segundo exemplar, que conta com 24 relatos enviados após a solicitação em 2015 dos textos dos autores interessados a participarem da nova publicação. O lançamento deste novo exemplar está previsto para 2017, uma vez que há verba orçamentária para a realização do mesmo. A disponibilização e viabilização em formato E-book das duas edições do livro de crônicas está sendo pensada pelos membros e colaboradores do projeto de extensão. ■



📍 **Figura 5.** Relatos de viagem: intercambistas estrangeiros. Fonte: Autora.

Referências

- BENJAMIN, Walter. **O narrador**: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.
- CALCANHOTO, Adriana (Org.). **Haicai do Brasil**. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2014.
- RAMIL, Vitor. **Satolep**. São Paulo: Cosac Naify, 2008.
- SENNETT, Richard. **Carne e Pedra**: o corpo e a cidade na civilização ocidental. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- STAUDT, Sheila K.; FIDELIS, Fabiana C. (Org.) **Crônicas de viagem do século XXI: olhares pelas cidades**. São Leopoldo: Casa Leiria, 2014.

A transformação social por meio do digital: projeto de extensão na comunidade da Restinga, em Porto Alegre

Bianca Oliveira¹, Carine Popiolek², Renato Koch Colomby³, Shana Flores⁴

RESUMO

O projeto surgiu da demanda dos alunos do curso de Técnico em Recursos Humanos - Modalidade Proeja na disciplina de Sistemas de Informação Aplicados a Recursos Humanos, em função da necessidade de aperfeiçoar os conhecimentos de informática aplicada, especificamente, para as práticas de ensino e rotinas administrativas. Com o nome de Informática Básica Aplicada às Rotinas Administrativas, o projeto de extensão abordou mais do que conteúdos como introdução a sistemas operacionais, redes e internet; editor de texto, planilhas e apresentação de slides; gerenciamento de arquivos e projetos; foi um projeto de transformação social. Como método de ação, foram ministradas oficinas com duração média de 1 hora por cerca de 40 semanas.

Palavras-Chave: Informática. Rotinas administrativas. Transformação social. Restinga.

Contexto

Entre os *campi* dos Institutos Federais do Brasil, o *Campus Restinga* tem como diferencial o fato de que sua implantação surgiu a partir da demanda, organização e atuação da comunidade. A Restinga é um bairro de Porto Alegre e está situada em uma zona considerada periférica no extremo sul da capital do Rio Grande do Sul. Ao mesmo tempo, a Restinga poderia ser considerada uma cidade, tendo em vista que possui cerca de 60 mil habitantes (IBGE, 2010) e está há 20 km do centro da capital. A região convive com graves problemas, como, por exemplo, o da vulnerabilidade social. A

¹ Estudante bolsista no Curso Técnico em Informática Integrado ao Ensino Médio do IFRS – *Campus Restinga*. bodsilva@restinga.ifrs.edu.br

² Mestre em Educação. Técnico Administrativa no IFRS - *Campus Restinga*. carine.popiolek@restinga.ifrs.edu.br

³ Mestre em Administração. Docente no eixo Gestão e Negócios no IFRS – *Campus Restinga*. renato.colomby@gmail.com

⁴ Doutora em Geografia. Docente no eixo Gestão e Negócios no IFRS – *Campus Restinga*. shana.flores@restinga.ifrs.edu.br

“Tinga” – como é carinhosamente conhecida – é marcada pela exclusão social desde sua constituição que ocorreu devido ao processo de remoção de famílias de classe popular que habitavam as regiões centrais da cidade, durante um projeto de “desenvolvimento” urbano do município na década de 1960.

O *Campus Restinga* do IFRS tem contribuído para dar uma nova “cara” para essa região, destacando o bairro, os estudantes e a comunidade como exemplos, em ações de ensino, pesquisa e extensão. Atualmente, esse *campus* atende mais de 1000 estudantes regulares e possui uma equipe de trabalho com mais de 100 servidores. É nesse cenário que uma ação de transformação social por meio do digital foi inspirada.

Motivação inicial

Tendo como pano de fundo, as potencialidades e lacunas da região em que o IFRS – *Campus Restinga* está inserido, o professor Renato Colomby do eixo de Gestão e Negócios, ao iniciar uma disciplina de Sistemas de Informação Aplicados aos Recursos Humanos, percebeu que os estudantes do 5º semestre do Ensino Médio na Modalidade Proeja do curso Técnico em RH apresentavam a necessidade e a vontade de desenvolverem suas habilidades ligadas à informática. Foi assim, que o professor Renato passou a dialogar com os estudantes, com os demais professores, com os técnicos-administrativos e com a comunidade a fim de tornar possível um projeto de extensão que atendesse não só a esta turma, como também, as outras turmas do *campus* e os demais interessados da região.

Percebeu-se que deveria ser uma ação de extensão, como uma forma de aproximar a comunidade do IFRS e para possibilitar que os estudantes trouxessem seus amigos e parentes para fazer parte desta ação de desenvolvimento de habilidades técnicas e comportamentais. Era sabido que essa não era uma necessidade apenas dos estudantes do Proeja, nem exclusiva dos estudantes do *campus*, mas também de muitas outras pessoas da comunidade. Ao tornar esse projeto de extensão, instigou-se os estudantes a trazerem seus pares para, inclusive, participarem da sua vida escolar. Com a ideia na cabeça e as conversas nos corredores, uma equipe de trabalho foi composta para formatar e submeter o projeto. Sentiram-se convidados a participar desta ação: a professora Shana Sabbado Flores e a técnica-administrativa Carine Popiolek. Elas lembraram-se da experiência do colega Mikael Marques de Medeiros em outro projeto no ano de 2013 e 2014, chamado Mulheres Mil, que obteve um resultado bastante interessante e o convidaram a participar. Essa equipe ainda convidou um docente da área de informática que aceitou fazer parte da equipe de trabalho, tratava-se do professor Pedro Rocha.

O trabalho foi submetido com o nome de “Informática Básica Aplicada às Rotinas Administrativas” ao edital PROEX/IFRS nº 054/2015 – Bolsas de Extensão 2016 e foi contemplado com o auxílio financeiro que possibilitou ser incluído nessa equipe um bolsista para a realização das oficinas digitais. A selecionada - entre mais de 10 candidatos - foi a estudante Bianca Oliveira do 2º ano do curso Técnico em Informática Integrado ao Ensino Médio. É ela quem compartilhou conosco o dia a dia do projeto, desde sua divulgação em maio de 2016 ao seu encerramento oficial em final de novembro do mesmo ano, com duração de 130 horas.

Dia a Dia

Tendo em vista que os participantes seriam adultos, sem muita familiaridade com o meio digital, o processo de divulgação e inscrições para o projeto foi bem desafiador. A divulgação foi realizada por meio de cartazes nas escolas e supermercados da região e no próprio *campus*. Sobre o início

do projeto, Bianca relata: “E daí os encontros começaram, e o interesse surgia de cada um deles, coisas que pareciam pequenas para mim, para eles eram cada vez mais instigantes”. A relação entre a bolsista, que sonha em ser professora, e os diferentes perfis de participantes do projeto foi considerada por ela como um dos seus maiores desafios: “Tive que lidar com adolescentes e idosos, com diferentes tempos de aprendizagem, com várias retomadas de assuntos, exercícios de fixação, diferentes linguagens e entendimentos. A diversidade é bonita, porém difícil”.

Bianca trabalhou com diferentes expectativas, uns queriam “aprender a mexer no computador”, outros “estarem mais capacitados para o mercado de trabalho” e alguns apenas “saber como posso usar o computador em casa”. Mas independente do conhecimento prévio de cada um deles, todos sabiam que sairiam transformados dessa experiência. A cada oficina, eles demonstravam-se ainda mais dedicados e ávidos por conhecer o que tinha atrás daquela “tela que poderia conectá-los ao mundo”.

Nas conversas de acompanhamento do projeto com a equipe de trabalho, Bianca tinha sempre um misto de felicidade, angústia e ansiedade. Segundo a estudante de informática, ela aceitou o desafio de ensinar, mas ao mesmo tempo estava aprendendo mais que ensinando. Eram muitos os saberes e vontades dos participantes do projeto. A cada novo encontro ela não sabia o que viria, mas os resultados chegaram e a bolsista percebeu que a comunidade também estava feliz em “se encontrar no teclado”, em ligar o computador, em usar o e-mail para contatar com outras pessoas e organizações, e assim por diante. Por menores que os avanços pudessem parecer, um novo mundo se revelava a eles, um mundo novo e diferente, um mundo mais digital e nem por isso menos real.

Por fim, o tempo previsto do projeto se encerrou e era momento de avaliar e reavaliar a experiência de todos os atores envolvidos. Ao fim do período estipulado para os encontros, foi aplicada uma avaliação em que os participantes fizeram suas considerações, sugestões e apontamentos de melhorias para futuros projetos como esse.

Sugestões

Entre as diversas sugestões recebidas e também discutidas com a equipe de trabalho, está a continuidade do projeto de extensão, vinculado a um projeto de ensino dialogando com os saberes em sala de aula. Somado a isso, sugere-se uma articulação com projetos de pesquisa que dimensionem o impacto da experiência na vida pessoal e profissional dos participantes. As sugestões recebidas por diferentes docentes em chamada realizada por e-mail institucional vão desde o uso dos equipamentos (teclado e mouse) e atalhos de teclado até questões de utilização dos sistemas.

Um ponto que foi ressaltado é a importância dos usuários entenderem questões mais relacionadas ao sistema operacional, como hierarquia de diretórios em um sistema de arquivos, formato dos arquivos e suas diferenças, processo de compressão e compactação de arquivos e os editores de arquivos simplistas. Tais tópicos foram indicados como fundamentais, na medida em que as pessoas começam a trabalhar com editores de texto e apresentam dificuldades em salvar e recuperar/localizar os arquivos. Os conceitos referentes a sistemas devem anteceder a operação de programas e editores de texto em si.

Também sugeriu-se ter módulos mais avançados e com conteúdos específicos, como elaboração de projetos, formatação de currículos, relatórios e demais documentos técnicos. Os módulos mais avançados poderiam abranger estudantes dos demais médios integrados e superiores, que muitas vezes apresentam dificuldades para formatação dos trabalhos de conclusão de cursos.

Impactos

O projeto foi apresentado no 4º Semex, recebendo destaque no Seminário. Além disso, constatou-se uma receptividade muito positiva pela comunidade da Restinga, pelos próprios estudantes, professores e servidores do *campus*. A equipe de trabalho aprendeu muito com essa experiência, principalmente a bolsista que afirma ter visto seu “mundo se ampliar” e complementa: “ajudei pessoas e me senti parte de algo maior, senti a felicidade e a gratidão das pessoas apenas por compartilhar o meu conhecimento, eu, uma adolescente de 17 anos, estudante de Ensino Médio, carreguei comigo a responsabilidade de mudar a vida dessas pessoas e hoje me sinto realizada, compartilhei o que sei, e não foi apenas isso, foi aprender junto com eles”.

O projeto exemplifica como a extensão pode atuar na consolidação do Instituto Federal do Rio Grande do Sul enquanto agente de transformação social, bem como provocar seus profissionais e estudantes para o exercício da cidadania. Não se pode atuar com educação, sem atuar com transformação.

Considerações finais

Parte-se do pressuposto que com a emergência das novas tecnologias informacionais, o conhecimento passou a ocupar o centro das atenções (MACHADO,1997). Logo, essas tecnologias constituem-se como ferramentas básicas para o exercício de qualquer profissão, assim como da própria cidadania. E foi assim que se objetivou criar um projeto para aperfeiçoar os conhecimentos e práticas relacionados a informática básica aplicada às rotinas administrativas dos estudantes do Técnico em RH - Proeja e da comunidade da Restinga em geral.

Se pensarmos no caso específico do trabalho relacionado às rotinas administrativas torna-se premente o domínio de alguns programas auxiliares ao seu trabalho. Isto é, as profissões ligadas ao setor administrativo pressupõe a realização de atividades de recepção, agendamento e controle de reuniões, controle de estoque, controle de documentos de pessoal, necessitando, com isso, a utilização de softwares e manejo de computadores. Especificamente à área de Recursos Humanos, os profissionais necessitam elaborar relatórios, pareceres e requisições de pessoal; anunciar vagas de emprego, preparar e ministrar treinamentos, fazer anotações em carteira de trabalho, consultar e cadastrar colaboradores em diferentes sistemas e assim por diante.

Os estudantes de Proeja e a comunidade da Restinga apresentam dificuldades na prática de informática e, projetos como esses podem auxiliá-los em diversas disciplinas e em sua (re)inserção e manutenção no mercado de trabalho. Todavia, a informática básica e atividades práticas podem ser utilizadas como uma ferramenta importante para estimular não só o aprendizado e também a convivência em grupo, propiciando trocas entre os sujeitos necessariamente mediadas pela cultura na qual esses indivíduos fazem parte. Muito mais do que a importante tarefa de transformar o aprendizado em algo prazeroso e eficaz, as práticas de informática são importantes aliadas na melhoria das relações sociais dentro e fora do universo organizacional. ■

Referências

IBGE. Diretoria de Pesquisas. Coordenação de População e Indicadores Sociais. 2010.

MACHADO, J. N. **Ensaio Transversais: Cidadania e Educação**. São Paulo: Escrituras Editora, 1997.

Clube dos Saberes: um relato de experiência acerca do compartilhamento de saberes formais e informais no *Campus* Porto Alegre

Marla Barbosa Assumpção¹, Juliana Prediger², Aline Martins Disconsi³, Eloisa Solyszko Gomes⁴

RESUMO

O presente relato de experiência aborda as ações de extensão oriundas do projeto intitulado Clube dos Saberes, o qual tem como proposta a criação de um espaço-tempo, que possibilite a articulação de saberes formais e informais entre a comunidade interna e externa do *Campus* Porto Alegre do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul. Nesse sentido, através de um dispositivo que agrega oficinas que transitam por temáticas diversas, busca-se desnaturalizar posições instituídas do ensinar e do aprender, visto que o projeto considera que todos/as possuem saberes que podem ser compartilhados e adquiridos. Ao longo do ano de 2016, foram ofertadas pelo Clube dos Saberes oficinas sobre Fotografia, sobre Escola sem Mordança e sobre Saúde da Mulher, as quais possibilitaram o compartilhamento de diferentes saberes e a socialização dos participantes.

Palavras-chave: Relato de experiência. Clube dos Saberes. Oficinas.

¹ Mestre em História. Técnica em Assuntos Educacionais IFRS – *Campus* Porto Alegre. marla.assumpcao@poa.ifrs.edu.br

² Mestre em Psicologia Social e Institucional. Psicóloga e coordenadora do Núcleo de Acompanhamento Acadêmico (NAAc) do IFRS - *Campus* Porto Alegre. juliana.prediger@poa.ifrs.edu.br

³ Especialista em Análise Institucional e em Problemas no Desenvolvimento na Infância e na Adolescência: uma abordagem interdisciplinar. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicanálise: Clínica e Cultura. Psicóloga do IFRS - *Campus* Porto Alegre. aline.disconsi@poa.ifrs.edu.br

⁴ Enfermeira do IFRS - *Campus* Porto Alegre. eloisa.gomes@poa.ifrs.edu.br

Apresentação do Projeto

O dispositivo do Clube dos Saberes foi desenvolvido no Brasil por Arthur Hyppolito de Moura e tem sido utilizado, em especial, em iniciativas na atenção à saúde mental (MOURA, 2002 e BORGES, 2009). O modelo do Clube é derivado de preceitos e práticas da Psicoterapia Institucional, dos Clubes Terapêuticos, da Análise Institucional e das Redes de Troca de Saberes, cujo aporte teórico e metodológico tem sido demonstrado ao longo dos anos, em especial na França, no período pós-Segunda Guerra Mundial. No Brasil, essas práticas têm sido utilizadas nos ramos da pesquisa-ação e intervenção institucional desde a década de 1970. Em comum, essas teorias e métodos possuem o foco nos sentidos comunitário e relacional das instituições, as quais são dotadas de potências ignoradas ou minimizadas por outros tipos de intervenção. Além disso, buscam multiplicar e intensificar as interações e relações, rompendo com papéis, padrões e estereótipos já cristalizados, já que “(...) só temos saberes para comunicá-los, e, para comunicar, é preciso por conseguinte que o saber circule. O saber é feito para criar a relação, e comunicando-o nos apropriamos dele” (CLAIRE HEBER-SUFFRIN, 1992, *apud* MOURA, 2003, p. 140).

O Clube dos Saberes foi concebido e tem sido utilizado como prática de desalienação e como técnica de ambiência, ou seja, ao mesmo tempo em que se propõe criar um espaço agradável de relações horizontais e possibilitar inversões de papéis e trocas costumeiramente inimagináveis, busca incentivar o questionamento desses mesmos papéis e rótulos na rotina da instituição. Para Moura (2002), “a mutualidade e a reciprocidade entre as pessoas “ como disponibilidade de estar e acolher e ser acolhido pelo outro são elementos necessários à sustentação de um Clube dos Saberes.” O saber como concebido pelo Clube é fluido e tem sua circulação incentivada e reforçada.

Dadas as características das experiências já realizadas com a metodologia do Clube dos Saberes, em especial, nos serviços de ponta na atenção à saúde mental, os saberes divididos pelos participantes costumam ser bastante práticos e operacionais: algumas pessoas sabem fazer algo, outras desejam aprender a fazer essa mesma tarefa ou atividade. Exemplos trazidos pelas intervenções já realizadas incluem oficinas de contação de piada, preparação de alimentos, jardinagem, teoria e prática musical, entre uma pluralidade de outros tipos de intervenções. Conforme Borges,

Não existe certificado para o bolo de mandioca ensinado a alguém por uma vizinha, ou pela receita achada no rótulo da lata de leite condensado, ou para as piadas aprendidas com os amigos, e para tantas outras coisas conhecidas através dos outros, da prática, da tentativa e erro, das histórias transmitidas, da experiência de vida. Ao propor e efetivar as trocas de saberes, o Clube possibilita a construção de vínculos e laços sociais entre as pessoas (2009, p. 29).

A socialização, base primordial da aplicação do Clube dos Saberes, é um dos primeiros efeitos verificados entre os participantes. Para Moura (2003), esse incremento é capaz de contribuir para a participação social e para o fortalecimento da capacidade de convívio. A possibilidade de engajamento no Clube não desvincula o participante de outras esferas da instituição, mas auxilia na percepção de saberes e compreensões diversas – e de que papéis as pessoas assumem nessas trocas. De acordo com Borges,

A participação nas redes de trocas e no Clube deve ser espontânea e depender unicamente do interesse e desejo pessoal de partilhar saberes. Nessas formações, os integrantes participam de sua organização e manutenção. Nelas, preferencialmente, as

peças devem ocupar, de modo simultâneo, a posição de demandantes e ofertantes de saberes (2009, p. 27).

Tendo em vista os referenciais e a proposta supracitada, as servidoras do (removida identificação de autoria, conforme orientação “Avaliação por pares cega”), composta por uma equipe multidisciplinar que transita entre a saúde e a educação, desde o ano de 2014, trabalham com o dispositivo do Clube dos Saberes no *Campus* Porto Alegre. O projeto em questão ocorre a partir de oficinas, nas quais se reúnem pessoas dispostas a ensinar e pessoas dispostas a aprender um saber. As oficinas podem ter um caráter permanente, um número de encontros definidos ou até mesmo constituírem-se de um único encontro. A divulgação de demandas e de ofertas é realizada através de um mural - anexado em espaço de ampla visualização - no qual os interessados apontam os saberes que possuem interesse em adquirir e ofertar, bem como as possibilidades de horário.



📌 **Figura 1.** Mural do Clube dos Saberes no *Campus* Porto Alegre. **Fonte:** removida identificação de autoria, conforme orientação “Avaliação por pares cega”.

A equipe executora agencia as ofertas e demandas, organizando horário, local disponível e, se possível, o material necessário. As oficinas ocorrem nos espaços disponíveis no *Campus* Porto Alegre ou em outros espaços públicos na cidade. Após definidas as temáticas das oficinas, o/a ministrante, data e local, a equipe auxilia o/a oficineiro/a na divulgação da(s) atividade(s) à comunidade, seja através da página do projeto em uma rede social (www.facebook.com/clubedossaberes/), através de e-mail e notícia na página do *campus*, além de murais da instituição, entre outros meios. As oficinas são abertas a toda a comunidade e, na maioria das vezes, não exige inscrições prévias, bastando o interesse em compartilhar os saberes e as experiências.

Oficinas ofertadas ao longo de 2016

No ano de 2016, foram oferecidas três oficinas pelo Clube dos Saberes, no âmbito do *Campus* Porto Alegre, nas temáticas de fotografia, Escola sem Mordada e, por fim, uma de Saúde da Mulher. A seguir, relataremos brevemente o conteúdo e a dinâmica de cada uma delas.

Oficina de fotografia

O setor (removida identificação de autoria, conforme orientação “Avaliação por pares cega”) reiniciou as atividades do Clube dos Saberes no dia 19 de agosto, Dia Mundial da Fotografia, com uma oficina vinculada à data comemorativa, a qual foi ministrada pela servidora (removida identificação de autoria, conforme orientação “Avaliação por pares cega”). A atividade contou com aproximadamente 20 participantes, entre servidores/as de diferentes setores e também estudantes do *Campus* Porto Alegre, além de outras pessoas não vinculadas ao IFRS e que se interessaram pela temática. A oficina foi realizada em apenas um encontro, com duração de duas horas. Durante a oficina, houve contato com diferentes técnicas e expressões fotográficas, que transitaram entre processos alternativos (tais como cianotipia, *pinhole*, entre outros) até a moderna fotografia digital. Foram abordadas também algumas noções básicas (diafragma, obturador e fotometragem), momento no qual os participantes foram motivados a aplicar conceitos discutidos em seus próprios equipamentos, fossem câmeras fotográficas ou aparelhos celulares com esse recurso. A multiplicidade de percursos e motivações por parte dos participantes enriqueceu o debate, indo, assim, ao encontro da proposta do clube de compartilhamento de saberes.

Escola sem mordada

Fazendo jus à pluralidade de eixos possíveis para execução do Clube dos Saberes e à necessidade dos espaços escolares promoverem reflexão política, foi realizada uma roda de conversa intitulada “Escola sem Mordada”. A conversa foi conduzida por Douglas Benzi e Rafael Padilha, ambos professores da rede municipal de Porto Alegre. A roda de conversa foi realizada num espaço de grande circulação de estudantes e pouco antes do início da aula noturna, permitindo que os/as participantes se integrassem à atividade sem programação prévia, mas a medida que se deparavam com ela. O objetivo desta discussão foi fazer frente a diferentes projetos de lei que versam sobre ataques à democracia e restrição da liberdade pedagógica nos espaços educacionais.

Saúde da mulher



📍 **Figura 2.** Roda de Conversa sobre Saúde da Mulher. **Fonte:** Cristine Stella Thomas.

No âmbito das mobilizações da campanha Outubro Rosa, foi ofertada uma atividade em formato de roda de conversa sobre Saúde da Mulher, facilitada pela servidora (removida identificação de autoria, conforme orientação “Avaliação por pares cega”). Reforçando o caráter aberto e de estímulo à socialização do Clube, esta atividade contou com a presença de uma integrante sem vínculo institucional com o IFRS. Com duração de duas horas, o encontro buscou elencar aspectos da fisiologia feminina, reconhecer os aspectos sociais e culturais da atenção à saúde da mulher e instigou o autoconhecimento de modo a estimular a reflexão sobre o significado de autonomia em saúde, de práticas saudáveis e do empoderamento. Conseguiu-se instituir um ambiente de cumplicidade entre as participantes, onde afloraram relatos de experiências pessoais, questionamentos, incômodos e curiosidades, em que o conhecimento foi constituído a partir das trocas de saberes entre as mesmas, fortalecendo a autoestima e trazendo segurança para o autocuidado.

📍 **Figura 3.** Oficina sobre Saúde da Mulher. **Fonte:** Cristine Stella Thomas.



Considerações finais

Experiências como as relatadas possibilitam inúmeros deslocamentos, sobretudo em uma instituição de educação profissional, cuja estrutura muitas vezes é responsável por cristalizar o que é ensinado, por quem deve ser ensinado e para qual público se destina. Assim, o clube constitui-se, em alguma medida, enquanto uma fissura nesse processo, tanto no que diz respeito ao saber que é foco da atividade, quanto em relação à posição/configuração dos diversos setores que compõem a comunidade do *Campus*, atuando no sentido de que todos/as sejam protagonistas na seleção e na oferta desse saber. ■

Referências

BORGES, Fernanda de Barros Machado. **O Clube dos Saberes no Hospital: análise institucional de uma intervenção**. Dissertação de Mestrado, USP, SP, 2009.

MOURA, Arthur Hyppólito de. **O Equipamento de Saúde Mental, suas instituições e o Clube dos Saberes**. Tese de Doutorado, Unicamp, SP, 2002.

_____. **A psicoterapia institucional e o clube dos saberes**. São Paulo: Editora Hucitec, 2003.

O Coletivo Autônomo de Sociologia do *Campus* Restinga do IFRS

Graziele Ramos Schweig¹, Freddy Cuzco²

RESUMO

O texto apresenta a experiência do Coletivo Autônomo de Sociologia (CAS), projeto de extensão do *Campus* Restinga do IFRS. É relatado o histórico da demanda por este espaço de debate e encontro, a metodologia de trabalho, as principais atividades realizadas e os sentidos atribuídos ao projeto por seus participantes. Por fim, é realizada uma reflexão acerca do modo como o CAS convoca a repensar o papel da escola, as potencialidades da autonomia na educação e a importância do processo grupal na aprendizagem.

Palavras chave: Protagonismo estudantil. Autonomia. Sociologia.

De um incômodo a um projeto

Como debater sobre a complexa sociedade em que vivemos em apenas 50 minutos semanais? O desafio desta tarefa mobilizou a estudante Kássia nas primeiras semanas de aula, do primeiro ano do Ensino Médio Integrado, no *Campus* Restinga do IFRS. Em seu contato inicial com a disciplina de Sociologia, a estudante identificou, neste encontro, um espaço de reflexão sobre questões que perpassam seu cotidiano. No entanto, o tempo nunca era suficiente e a aula terminava quando o debate começava a ficar interessante. Esse incômodo, compartilhado por Kássia com outros estudantes e professores, deu origem ao que seria batizado de CAS – Coletivo Autônomo de Sociologia.

Primeiramente marcamos uma reunião para tratar desse incômodo, agora compartilhado, no dia 7 de Abril de 2016, quando reuniram-se quatro estudantes e uma professora. Como fazer para conseguir tempo para trocar ideias, pensar e expressar nossos pensamentos? Ficou acordado que iríamos *criar* esse tempo e abrimos um novo espaço de encontro, fora da grade curricular – iríamos nos reunir todas as quintas-feiras, das 12h às 13h30min. O horário foi pensando de modo a acolher estudantes dos turnos da manhã e da tarde. Também foi pactuada uma metodologia de trabalho: a cada encontro uma pessoa participante seria sorteada, a qual teria a responsabilidade de escolher um tema e organizar o encontro da semana seguinte.

¹ Doutora em Antropologia Social. Docente de Ciências Sociais no IFRS - *Campus* Restinga. graziele.schweig@gmail.com

² Licenciado em Letras. Docente substituto de Letras no IFRS - *Campus* Restinga. freddy.cuzco@gmail.com

No decorrer das semanas, novos integrantes foram se somando aos encontros, já que o grupo se pretendia (e se pretende) aberto. Os participantes sorteados escolhiam seus temas, realizavam pesquisas sobre eles e levavam ao encontro uma série de questionamentos, algum vídeo ou outro material que estimulasse a reflexão. Depois de alguns encontros, batizamos nosso espaço de CAS. Começamos a notar os vínculos entre os participantes se estreitarem cada vez mais, tornando aquele um espaço seguro de expressão, escuta mútua, respeito e confiança. Como consequência, também foram sendo propostas pelos próprios participantes dinâmicas para provocar a reflexão. Estas criações-experimentações podiam ser testadas no ambiente seguro do grupo. Em um dos encontros de 2016, elaboramos algumas regras de convivência que achávamos importantes para o funcionamento do coletivo: 1) Seja você mesmo; 2) O que acontece no CAS, fica no CAS; 3) Uma vez no CAS, sempre no CAS. Dessa maneira, essas combinações passaram a ser apresentadas a cada participante recém-chegado.

Foi apenas em Junho de 2016, depois de quase dois meses de encontros, que o Coletivo Autônomo de Sociologia foi cadastrado como um projeto de extensão. O grupo entendeu ser necessária essa formalização, já que permitiria uma maior divulgação do coletivo no IFRS e a ampliação da participação de públicos externos ao *Campus*. Isso também permitiu que contássemos com dois estudantes voluntários vinculados ao projeto, os quais se responsabilizaram por atualizar a página do Facebook criada para o CAS, além de registrarem a memória dos encontros e as presenças dos participantes.

Como projeto de extensão, o CAS foi apresentado em alguns eventos do IFRS: na 6ª Mostra de Ensino, Extensão e Pesquisa do *Campus* Osório; na 17ª Mostra de Pesquisa, Ensino e Extensão do *Campus* Porto Alegre; na VI Mostra Científica do *Campus* Restinga e no 1º Salão de Pesquisa, Extensão e Ensino do IFRS/4º Seminário de Extensão (SEMEX). Em Março de 2017 recebemos o convite do Instituto de Psicologia Social de Porto Alegre Pichon-Rivière, para socializar a experiência do CAS e realizar uma atividade aberta ao público. Na ocasião, acompanhados de professores, quatro estudantes do Ensino Médio representaram o coletivo conduzindo um debate sobre autonomia e aprendizagem junto a psicólogos, educadores e estudantes universitários.

Em seu tempo de existência, diversos foram os temas escolhidos para reflexão por parte dos participantes do coletivo, dentre eles: aborto; influência da mídia; preconceito com usuários de drogas, transgêneros; relações entre pais e filhos; fobias; preconceito e dificuldades das mães solteiras; jovens de periferia e a sociedade; violências; pena de morte; violência sexual e consentimento; diferença de idade nos relacionamentos; o amor no século XXI; religião; bullying; autoconhecimento; sexualidade; apropriação cultural; entre outros. Esses temas formam um mosaico das inquietações que perpassam o cotidiano dos participantes, em sua maioria estudantes do Ensino Médio Integrado.

Ao longo de 2016 foram realizados mais de trinta encontros do CAS, sendo que em cada um o número de participantes variou entre dez e vinte pessoas. Ao todo, passaram pelo coletivo mais de sessenta pessoas diferentes, dentre estudantes de diversos cursos e séries, além de servidores e convidados externos. Alguns participantes são assíduos desde o início, outros passaram a se integrar perto do final do ano, e há aqueles que têm uma presença mais intermitente. Em 2017, o projeto de extensão foi renovado e os encontros continuam, novos integrantes se somam e vemos a média de participantes aumentar a cada semana. Neste ano, contamos com dois bolsistas remunerados para darem suporte às atividades do CAS e permitindo ampliá-las.



📌 **Figura 1.** Encontro semanal do CAS. **Fonte:** Grazielle Ramos Schweig.

“O CAS aos meus olhos”

De modo a avaliar a importância do coletivo para seus participantes, em Setembro de 2016, cada um foi convidado a produzir um texto intitulado “O CAS aos meus olhos”. Tivemos como retorno a escrita de treze relatos, os quais permitem fazer uma análise dos sentidos que o coletivo tem produzido em seus participantes. Inicialmente, podemos identificar o desenvolvimento de alguns princípios das Ciências Sociais, como a desnaturalização e a relativização (Brasil, 2006), a partir do exercício da escuta de diferentes pontos de vista, propiciado nos encontros:

“O grupo começou com poucos membros mas logo foi aumentando, e o grupinho pequeno se tornou algo grande com vários alunos de cursos, turmas e idades diferentes, temos até outros professores participando. (...) Eu já escolhi dois temas para debate, aborto e bullying, e ouvir o que cada um achava e as histórias que eles contavam sobre esses temas me fez ver que todo assunto tem mais de um lado” (Gabriel, 1º ano do Ensino Médio Integrado)

“O CAS é um grupo criado com a maravilhosa ideia de desconstruir conceitos, porém sem julgamentos exacerbados. Botamos na mesa todas as nossas ideias, crenças e conceitos para que assim saibamos o que ocorre na nossa sociedade, nas nossas cabeças e o porquê”. (Lindsay, 2º ano do Ensino Médio Integrado)

Nos relatos também foi identificado o modo como o CAS propicia um ambiente seguro e de confiança, facilitando a expressão de ideias e a troca:

“O CAS chegou na minha vida como quem salta de paraquedas: de repente; quando vi, já tinha acontecido. Fazer parte desse coletivo que te faz pensar e refletir, se questionar e compreender o que vem acontecendo com a nossa sociedade, com o planeta em que

habitamos, foi, e ainda é, algo extremamente gratificante. (...) É estar junto de pessoas que tu gostas, que são importantes pra ti, e poder te expressar livremente sem ter o receio de “ai, eles vão me repreender se eu falar isso”, porque tu sabes que não vai ser assim, todos vão te ouvir e respeitar a tua opinião. O CAS é amor.” (Renata, 4º ano do Ensino Médio Integrado)

Também foram ressaltados aspectos de autoconhecimento e da consolidação de vínculos de amizade proporcionados pela vivência no coletivo:

“Eu descobri coisas incríveis de pessoas que eu passava pelo corredor todos os dias. Descobri fatos sobre minha pessoa que estavam lá dentro, e talvez, sem a ajuda do CAS nunca, teria desencadeado-os”. (Geovana, 2º ano do Ensino Médio Integrado)

Lições do CAS

Ao longo de sua existência, o CAS tem nos ensinado muitas coisas. Por ter surgido a partir do interesse dos estudantes, seus participantes experienciam um protagonismo dificilmente possibilitado em sala de aula. Sendo um espaço totalmente aberto a temas e metodologias sugeridos pelos participantes, sem ter necessariamente, como referência programas ou conteúdos curriculares anteriormente definidos, o CAS questiona as fronteiras disciplinares e situa a demanda pelo conhecimento à frente das demandas das disciplinas ou áreas de conhecimento. Professores de diferentes formações – como Letras, Filosofia e Matemática – já passaram pelo CAS; aprenderam e contribuíram com o grupo.

Além de borrar as fronteiras entre as disciplinas, o coletivo também questiona o princípio – organizador da instituição escolar – de que “o professor ensina e o aluno aprende”. Ao possibilitar um ambiente confiável para o exercício da autonomia, o coletivo se torna um espaço de democratização do conhecimento e de circulação dos papéis de aluno e professor. Concordamos com Fernando Becker (2006, p. 123), e enxergamos isso na experiência do CAS, quando ele defende a ideia de que o ensino não deve mais ser visto como a fonte exclusiva da aprendizagem, já que os sujeitos aprendem por meio das ações que eles mesmos praticam. Da mesma maneira, a sala de aula não se configura como o único lugar de aprendizagem. Nesse sentido, um dos desafios nesse segundo ano de CAS é conseguir borrar mais as fronteiras entre a escola e a comunidade, ampliando a participação de pessoas de fora do *campus* e levando mais o coletivo para fora da escola.

Ao priorizar a constituição de um grupo, o CAS evidencia a dimensão social do processo de aprendizagem. Como afirma Pichon-Rivière, o processo grupal permite “o intercâmbio de informação, de experiências vitais, o confronto de estilos de aprendizagem. (...) Formar-se em grupo consiste em aprender a aprender, como redefinição dos modelos de aprendizagem nos quais fomos configurados como sujeitos cognoscentes, modelos passivos, receptivos, individualistas, competitivos, teóricos, autoritários” (Quiroga, 1989, p. 25). Não são em todos os momentos e espaços da escola (ou fora dela) que temos a possibilidade de constituir grupos. Trinta alunos de uma turma, que passam mais de cinco horas por dia reunidos em uma sala de aula, não necessariamente formam um grupo. Formação de grupo requer tempo e cuidado, demanda um processo de construção de vínculos entre os participantes, a criação de uma teia de identificações que se cruzam e tornam o grupo um espaço próprio, com uma identidade e um propósito construído por seus membros – e não recebido de fora.



📍 **Figura 2.** Encontro semanal do CAS. Fonte: Autoria coletiva.

Iniciamos o texto com uma pergunta e agora finalizamos com outra, sugerida por um dos estudantes participantes do coletivo: se podemos ter uma “escola com CAS” porque não podemos ter uma “escola como CAS”? ■

Referências

BECKER, F. “Concepção de conhecimento e aprendizagem”. In: SCHNAID, F.; ZARO, M. A.; TIMM, M. I. **Ensino de engenharia: do positivismo à construção das mudanças para o século XXI**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006.

BRASIL. **Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio**. Ministério da Educação: Brasília, 2006. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_03_internet.pdf. Acesso em: 03 de maio de 2017.

QUIROGA, A. P. de. “Enrique Pichon-Rivière”. In: FREIRE, P.; QUIROGA, A. P. de. et all (orgs.). **O processo educativo segundo Paulo Freire e Pichon-Rivière**. Petrópolis: Vozes, 1989.

Formação Docente: Desafios e Reflexões

Aline Silva de Bona¹

RESUMO

O trabalho é uma reflexão articulada ao relato de experiência do projeto de extensão, realizado em 2016, no IFRS – *Campus* Osório, sobre a Formação Docente através de um curso oferecido a comunidade do Litoral Norte. A prática apresenta a necessidade da formação docente sobre muitos temas diversificados que mudam com o tempo e em paralelo a falta de tempo do docente hoje, em envolver-se com os momentos de reflexão não somente em sala de aula, mas o tempo preciso de ler um texto e/ou fazer uma atividade em casa, ou seja, se faz cada vez mais necessário dar tempo ao professor refletir sobre sua prática docente.

Palavras-Chave: Tempo de reflexão. Formação. Professores.

Inicialmente o artigo apresenta um breve relato de experiência do projeto de extensão submetido ao Edital PROEX/IFRS nº 053/2015 – Fluxo Contínuo 2016 e denominado por “Formação Docente: Desafios e Reflexões²”. Tal projeto é coordenado pela autora, tendo a colaboração da Secretaria de Educação e Cultura do Município de Osório³ – RS, foi iniciado em março de 2016 até fim de novembro desse mesmo ano contabilizando 30 horas. Foram 60 inscrições para somente 25 vagas, abriu-se então 32 vagas, contudo somente 6 alunos concluíram o curso. O curso tinha uma temática para cada encontro como, exemplo, tecnologias, meios didáticos, planejamento, avaliação, socialização, entre outros, com duração de 2 horas, num total de 10 encontros sendo 3 deles a distância por e-mail e WhatsApp.

O curso surgiu da necessidade apresentada pelos professores em curso de formação docente que a autora realizou em 2015 e dos apontamentos da Secretaria de Educação e Cultura do Município de Osório. Essa necessidade foi amplamente relatada pelos professores, que pontuaram as temáticas que gostariam de estudar e também sobre a necessidade de um tempo para pensar, refletir e transformar suas práticas docentes e que este tempo é salutar com os colegas. Destaca-se que o tempo do recreio/intervalo da escola é muitas vezes o único tempo para conversar com os colegas, trocar ideias, pensar em projetos e entender este como um espaço de formação docente.

Os professores envolvidos construíram ótimos debates nos encontros presenciais e online, assim como realizaram atividades como exemplos: projeto de aprendizagem sobre o tema da água

¹ Pós-doutora em Psicologia da Aprendizagem e Desenvolvimento. Docente de Matemática no IFRS – *Campus* Osório. aline.bona@osorio.ifrs.edu.br

² Link da Divulgação do Curso no Site do IFRS – *Campus* Osório: <http://www.osorio.ifrs.edu.br/site/conteudo.php?cat=1&sub=1969>

³ Agradecimento as professoras e responsáveis pela parceria: Maria José Camargo Gomes e a Rejane Feistauer Schroeder.

interdisciplinarmente, construindo-se textos reflexivos sobre o que é ser ou fazer docente, que gerou artigo aceito na revista Thema do IFSul. O curso apresentou evasão gradual, ou seja, iniciou-se com 32 alunos, depois no segundo encontro 28 e assim sucessivamente, 24, 20, 18, 15, 13, 9, 6, 6, sendo que todos justificaram ser troca a de horário na Instituição em que trabalham o motivo pela desistência e pela falta de disponibilidade pois aumentou a carga horária de sala de aula e/ou reuniões da escola marcadas para estes encontros como conselho de classe, reuniões com os pais e outras demandas.

Fato que faz refletir sobre algumas questões: qual a importância dada pela escola quando um professor do seu quadro mostra estar matriculado em um curso de formação docente? E ainda: qual o incentivo dado a formação docente no ambiente escolar nos dias de hoje? Não cabe a este artigo responder a estas questões, porém todos os professores apontam que as possíveis respostas a estas perguntas são desanimadoras.

O objetivo do curso era proporcionar a atualização teórica e prática de temas relevantes na área da educação e assim uma formação docente coletiva. Cabe ainda apontar que os objetivos específicos dependem muito do grupo de professores e educadores, já que os projetos integradores e eventos temáticos interdisciplinares dependem das ações e saberes de cada participante.

Diante desse objetivo e de como se deu o curso apresentam-se duas reflexões:

1. a prática/experiência/vivência de sala de aula apresenta a necessidade de formação docente por muitos temas diversificados que mudam com o tempo;
2. faz-se cada vez mais necessário dar tempo ao professor para envolver-se em momentos de reflexão de sua prática docente e não somente sua presença em sala de aula.

A necessidade da formação docente é de conhecimento notório no ambiente acadêmico, de acordo com Tardif (2014) e em qualquer área do conhecimento, e é solicitada pelos professores em qualquer espaço e nível escolar, mas a questão é como fazer de forma que todos possam ser incluídos no que tange ao tempo de trabalho como docente. Isto é, o desafio dos tempos atuais é articular as duas reflexões de forma que seja possível a formação docente nos tempos complexos de hoje em dia.

No curso em questão, as professoras destacaram e agradeceram muito a possibilidade de alguns encontros serem a distância pelo fato de que estes dias destinaram a reflexão pessoal e de estudos e apontaram a importante comunicação via e-mail e whatsapp para troca de ideias entre o grupo a qualquer hora, sem interferir na rotina pessoal de cada um.

Outra questão foi a metodologia do curso por temática, pelo fato de que se faltasse em uma aula poderia ir na próxima e aproveitar ao máximo o encontro sem prejuízos, além dos encontros serem dinâmicos com atividades diversificadas e materiais teóricos na forma de artigos acadêmicos de Qualis A e B pela Capes, permitindo uma leitura mais completa, profunda, rápida e possível de ser feita em curto espaço de tempo. Os participantes apontaram que esta leitura na forma de artigos faz com que cada professor se identifique com uma temática que é mais compatível a sua área e daí busque se aprimorar cada vez mais.

As considerações das professoras foram muito importante para a construção de novos cursos e também para a autoavaliação do mesmo, pois mesmo com a alta evasão isso decorre do tempo e não da metodologia do curso. Bona (2010) aponta que a autoavaliação é um instrumento fundamental ao processo verificação da aprendizagem seja de quem ministrou o curso e também de quem participou.

Por fim, os debates dos encontros, as atividades realizadas e projetos foram gratificantes de serem construídos e realizados com os presentes a cada momento, atingindo seus objetivos além do esperado e planejado, pelo fato de ter sido publicado artigo acadêmico e ter abordado duas temáticas a mais como a autonomia de Paulo Freire e a teoria da complexidade do Edgar Morin. Pretende-se no segundo semestre de 2017 planejar e construir um curso destinado aos professores da educação infantil, demanda que vem surgindo dos mesmos através de e-mails e conversas. Já que muitos não foram contemplados nesse curso devido as poucas vagas oferecidas e foi solicitada a criação de um curso específico para educação infantil. ■

Referências

BONA, A. S. D. **Portfólio de Matemática**: um instrumento de análise do processo de aprendizagem. Dissertação (Mestrado em Ensino de Matemática) - Programa de Pós- Graduação em Ensino de Matemática. Porto Alegre: UFRGS, 2010.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 22ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MORIN, E. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

TARDIF, M. **Saberes Docentes e Formação Profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

Iniciação a Docência: um primeiro passo para o futuro Professor de Matemática

Aline Silva de Bona¹

RESUMO:

O trabalho é um relato de experiência do projeto de extensão, realizado em 2016, no IFRS – *Campus* Osório, sobre a Iniciação à Docência aos estudantes do curso de Licenciatura em Matemática. Apresenta, além de como foi desenvolvido o projeto, a necessidade da inserção dos estudantes de Licenciatura à sala de aula para sua formação plena como docente, e a importância da permanente formação docente em qualquer instituição de ensino.

Palavras-Chave: Experiência. Prática Docente. Formação.

Este artigo é um breve relato de experiência do projeto de extensão submetido ao Edital PROEX/IFRS nº 053/2015 – Fluxo Contínuo 2016 e denominado por “Compartilhando Projetos de Matemática na Escola – Iniciação à Docência”. Tal projeto é coordenado pela autora, teve a colaboração dos professores: Ricardo Ribeiro, de Matemática, e Rafaela Drey, da Letras, ambos do *Campus* Osório, e foi iniciado em junho de 2016 até outubro desse ano contabilizando 70 horas. Foram 13 bolsistas voluntários² que participaram ativamente do projeto sendo todos estudantes do curso superior - Licenciatura em Matemática, do primeiro semestre de 2016. Tais se envolveram com a proposta e engrandeceram a ação por seu empenho, iniciativa, dedicação e preocupação tanto com a profissão professor de Matemática como em envolver o maior número possível de escolas públicas com ensino fundamental – anos iniciais do Litoral Norte.

O projeto é um espaço de construção de saberes e iniciação à docência, pois os estudantes de Licenciatura em Matemática organizados em grupos por temas apontados como importantes na Educação Matemática foram construindo atividades e organizando seus planos de aulas do tipo/

¹ Pós-Doutora em Psicologia da Aprendizagem e Desenvolvimento. Docente de Matemática no IFRS – *Campus* Osório. aline.bona@osorio.ifrs.edu.br

² Bruna Oliveira da Silva <brunynha.oliveiravh17@gmail.com>, Carla Daniela Guasselli da Silva Engel <carlinhaengel@hotmail.com>, Cassiana Mallet Cerqueira Garcia <cassi_mallet@hotmail.com>, Cristiano Rosa dos Santos Junior <negaozinhobe@gmail.com>, Jéssica Lopes Monteiro <jessica.l.mont@gmail.com>, Leonardo Geziel de Matos Dada <leozinho_geziel@hotmail.com>, Mariana Nunes Barato <maribarato@hotmail.com>, Monalisa da Silva <monalisasilva021@hotmail.com>, Raira Rossner da Silva <raira.rossner@gmail.com>, Tais Regina Pires Vasconcellos <taispires_1@hotmail.com>, Tamires Bon Viera <tamiresbon@gmail.com>, Tatiele Bruschi Grassi <taty.brusch@hotmail.com>, Winicius Ayres Rossi <winiciusrossi@gmail.com>.

modalidade oficinas para no mínimo 5 escolas do Litoral Norte – Osório, Maquiné e Capão da Canoa. A dinâmica do projeto era que cada grupo deveria propor seu projeto no tipo oficina várias vezes, em diferentes escolas e anos se possível. Cabe destacar que a escolha dos estudantes bolsistas foi por demonstração de interesse, disponibilidade de tempo de 8h/semanais e vontade de participar do projeto que integra pesquisa, ensino e extensão na Escola Básica. As escolas foram selecionadas por já terem parceira com o *campus* e pela proximidade do *campus* e/ou moradia dos estudantes bolsistas, porque a ideia é o projeto virar um programa e na próxima versão ser oportunizando a mais escolas.

Os objetivos do projeto eram proporcionar aos bolsistas um iniciar à docência e, para as escolas, oficinas com projetos temáticos da Educação Matemática, por duas razões: a primeira - conteúdos ou assuntos de Matemática muito difíceis aos estudantes (o estudo de frações) ou, uma segunda razão, a de que as vezes o professor regente da turma na escola não consegue durante o ano letivo propor um estudo como educação financeira que é um tema fundamental à cidadania dos estudantes. Nesse cenário, a troca de saberes dos licenciandos, não somente com os professores das suas disciplinas do curso de licenciatura, mas, também com os professores das escolas visitadas é rica e diversificada, por inúmeros motivos, porém, destaca-se aqui o comentado pela maioria dos bolsistas (12 dos 13) na entrega dos relatórios finais: *“Como é diferente estas na sala de aula com os alunos, e depois conversar com a professora da turma, e relatar para a professora do IFRS, porque são olhares muito distintos”*.

As metodologias de trabalho foram encontros semanais para visitar as escolas, planejar e construir os projetos, aplicar nas escolas, fazer avaliação. Sendo que ocorriam feedbacks interessantes de cada grupo de bolsistas e entre os bolsistas com os demais colegas da turma e, nestes momentos tanto surgia a necessidade de mais estudos teóricos de Educação Matemática como práticas de como abordar e/ou lidar com um ou outro conteúdo, ou com um perfil de estudante ou outros por suas particularidades. As duas figuras a seguir são respectivamente: Figura 1 - bolsistas nas escolas escolhidas aplicando suas oficinas durante os meses de setembro e outubro de 2016; Figura 2 – os alunos das escolas realizando as atividades, como, nesta ordem da esquerda para direita, jogo Cara a Cara Matemática sobre os Critérios de Divisibilidade dos Números Naturais, jogo de Dominó sobre as Frações Equivalentes, e o Geoplano. Ainda, aponta-se que este projeto rendeu a publicação de um artigo na Revista Eletrônica de Matemática - REMAT do IFRS – *Campus* Caxias aprovado para a publicação de novembro de 2016³.

📌 **Figura 1.** Realização das Oficinas de três dos cinco grupos de bolsistas. **Fonte:** Autora.



8º ano - Escola Estadual General Osório, Osório

9º ano - Escola Estadual Riachuelo, Capão da Canoa

7º ano - Escola Estadual Prudente, Osório

³ <https://periodicos.ifrs.edu.br/index.php/REMAT>.



9º ano - Escola Estadual Riachuelo,
Capão da Canoa

7º ano - Escola Estadual Langendonck,
Maquiné

6º ano - Escola Estadual Iracema Vizzotto,
Capão da Canoa

📌 **Figura 2.** Aos alunos realizando as atividades das oficinas de mais três grupos de bolsistas. **Fonte:** Autora.

O relato deste projeto tem a finalidade de explicar o projeto e também compartilhar algumas das reflexões dos licenciandos de como foi participar desse projeto. Desta forma, selecionou-se algumas das respostas dos bolsistas quanto a pergunta: “O que o projeto proporcionou aprender sobre a profissão professor?”. Os bolsistas são denominados de A até K, por um fato ético a cada um.

C: “Este projeto me proporcionou o início de um conhecimento além de técnico-humano, saber enxergar as particularidades de cada um, para que possamos ensinar de uma maneira que todos consigam entender.”

B: “A participação no projeto me proporcionou uma grande aprendizagem como aluna, e uma ótima experiência como professora. Ser chamada de professora me fez sentir mais motivada, não só para seguir na vida acadêmica, como para buscar novos desafios e aprendizagens. (...) Posso considerar a minha primeira experiência como docente, como algo incrível, que com certeza, será levada durante toda a minha jornada no mundo escolar”.

A: “Acredito que o projeto contribui para o meu processo de desenvolvimento do “ser professor”, sobretudo na constituição dos meus saberes experienciais, fortalecendo minha certeza da escolha de profissão docente”.

D: “Posso dizer que o projeto, me proporcionou além de curtas mas ótimas experiências, também novas perspectivas sobre a profissão de professor e sobre o fato de ser professor, na primeira escola um pouco perdido apenas baseando-se nas teorias até então a mim apresentadas, sem nem uma noção do que encontraria fui na cara e na coragem e aos poucos lidando meio desajeitado com as situações que foram aparecendo, sempre com foco e determinação para atender todos e deixar os alunos com o número menor de dúvidas possíveis ou se possível sem nem uma dúvida. Mas, após ir em todas as escolas posso dizer que aprendi que ser professor vai além da sala de aula, além do fato de apenas saber transmitir o conhecimento, é preciso ser compreensivo, ser corajoso, determinado, é servir de exemplo, é talvez ser uma fonte de esperança para uma daquelas crianças, esperança de futuro melhor, esperança de um dia ser alguém, pois talvez em casa eles não tenham isso, ser professor é dar carinho e atenção para suprir os que falta em casa muitas vezes e junto com tudo isso e muitas outras coisas é preciso dar ao máximo para formar cidadãos de bem e que possam um dia quem sabe fazer a diferença e lembrar do professor que em algum momento de sua

formação influenciou para chegar aonde chegou. Aprendi que para ser professor não basta apenas passar pela graduação em licenciatura, mas sim renovar-se a cada dia, a cada aula, para ser professor não basta apenas ensinar a cada aula mas também estar disposto a aprender a cada aula. (...) com certeza através do projeto ficou ainda mais forte a minha vontade de dar aula e ser professor”.

F: “Este projeto foi muito importante para a compreensão do significado “Ser Docente”, foi meu primeiro contato com sala de aula, deixando de lado aptidão ou não quanto a profissão, o interessante é que pude confirmar minha opinião de que, o professor só é um bom professor se este escutar e aprender com o aluno. Esta experiência foi maravilhosa, pois, ao compartilhar nosso projeto com os alunos, percebi que eles me ensinaram muito mais do que eu ensinei a eles, tipo, conforme as atividades da oficina se desenvolviam, observei que os alunos é que conduziam conforme o entendimento deles, me ensinando que a aprendizagem é no tempo deles”.

H: “O projeto proporcionou uma grande aprendizagem na profissão docente, sendo assim mostrando as diferenças que existem de escola para escola e diferenças entre os alunos. (...) ajudou bastante a saber lidar com as diferenças dos alunos, pois tivemos duas escolas na qual haviam alunos especiais, e que precisavam de mais atenção do que os outros. Da mesma maneira, podemos observar também que por grande parte sempre há alunos desinteressados na sala de aula, mas mesmo assim devemos motivá-los a aprender de qualquer forma, sendo com diálogos e explicações. Uma aula diversificada atrai a curiosidade dos alunos e a aprendizagem se torna mais significativa. Desta forma, se vê que o papel de um professor é muito mais do que ensinar, é fazer aulas diferentes para atrair a atenção dos alunos, é saber lidar com os conflitos em sala de aula e a diferenças dos mesmos, é saber transmitir o conhecimento de maneira que atraia o maior número de alunos possíveis e que consiga realizar o papel de dever cumprido ao alcançar o objetivo de que a maior parte da turma compreenda o conteúdo abordado, sempre procurando fazer com que todos compreendam, e para isso planejar um plano de aula, para que assim conseguirmos propor todos os objetivos na qual pretendemos alcançar e seguir o que está escrito no planejamento. Além do mais, eu acho interessante ter uma relação de amizade com os alunos”.

G: “O projeto me trouxe a oportunidade de aprender que eu posso aprender juntamente dos alunos mesmo eu esteja ensinando e passando um conteúdo novo para eles, aprendendo jeitos diferentes de explicar a mesma matéria para pessoas diferentes umas das outras para que consigam entender. Aprendi que quando um aluno entende aquilo que estamos passando nos sentimos úteis e muito mais motivados. Aprendi que é preciso paciência e não desistir do que se quer no primeiro obstáculo que aparecer”.

I: “O projeto me possibilitou a oportunidade de realmente pensar na profissão docente enquanto eu a praticava. Os desafios, as oportunidades e as pequenas vitórias diárias de quem se dedica a ensinar já foram bem mais fáceis de visualizar durante esse primeiro contato com a sala de aula. Esses projetos nos fazem construir ideias novas, aplicá-las num contexto real e aprimorá-las cada vez mais, assim como a nós mesmos”.

J: “O projeto me fez abrir os olhos para um leque de coisas presentes na rotina de professor que até então eu nem imaginava ou só sabia na teoria. No plano de aula, por exemplo, escrevi que precisaria de dois encontros para passar todo conteúdo e as atividades, porém um único encontro foi mais do que suficiente. O tema escolhido (Critérios de Divisibilidade) é conteúdo de 5º ano, mas fizemos nosso projeto com turmas de 9º ano, 4º ano e 6º ano. Para minha agradável surpresa, a turma de 4º ano foi a que mais se mostrou interessada e participativa, principalmente com os jogos. Fiquei um pouco triste com o que aconteceu na turma de 9º ano, onde dos 44 alunos de duas turmas (os alunos foram indicados pela professora de Matemática deles por apresentarem dificuldades com esse conteúdo), apenas 9 compareceram, e mesmo esses, não se mostraram muito animados com o projeto. Também fiquei chocada ao perceber que alguns alunos do 9º ano tiveram mais dificuldade que alunos do 4º ano para resolver ou entender alguns exemplos e exercícios. Em nossa turma de 6º ano havia 25 alunos (nosso recorde) e dois deles discutiram durante a aula e tivemos que acalmar os ânimos dos envolvidos. Alguns se negaram a participar, tanto da resolução dos exemplos e exercícios quanto dos jogos. Na turma de 4º ano, eu já conhecia a maioria dos alunos por ser a turma da minha irmã mais nova. Foi a turma mais tranquila em relação a execução do projeto e a mais difícil na questão emocional, digamos (minha opinião). Nessa turma tem criança que perdeu o pai recentemente e apanha da mãe e do padrasto; crianças mais “rápidas” que deboçam dos colegas que demoram mais pra concluir ou entender a atividade; um aluno que os professores desconfiam que tenha dislexia, mas que os pais sequer sabem o que é dislexia, tampouco querem saber; outro com problema auditivo e na fala, tímido e de família muito humilde, mas que se esforçou grandemente para entender o conteúdo e ajudar a coleguinha... Tudo isso me fez perceber (mais ainda) o quanto eu ainda preciso evoluir, estudar, me preparar e aprimorar para realmente ser professora, mas também, que por mais difícil que o dia tenha sido, ouvir os alunos agradecerem e ver nos olhinhos deles que realmente gostaram e aprenderam, faz o dia valer a pena”

K: “O projeto me proporcionou um contato prévio sobre a profissão docente, me deu a oportunidade de primeiramente procurar atividades que pudessem despertar a vontade dos alunos em aprender algum conteúdo e tentar mostrar que aprender matemática pode ser divertido, depois veio a parte de pôr em prática tudo que já havia sido aprendido em aula o que foi a parte mais desafiadora pois pensar como professor é uma tarefa que te exige não apenas saber o conteúdo a ser passado mas sim passar esse conteúdo de forma que os objetivos da aula sejam alcançados. Ser professor te exige certas experiências que atividades como essa proporcionam. A vivência em sala de aula te proporciona a capacidade de desenvolver cada vez melhor suas atividades. O contato direto com as turmas de ensino fundamental e médio nos ensinaram muito com relação a interação que tivemos durante as aulas. Mas a principal experiência foi o fato de entrar em uma sala de aula não apenas com o olhar de aluno mas sim com um olhar de professor aluno e poder ter essa visão de forma diferente, nova e desafiadora”.

Ao ler e analisar as respostas destes bolsistas pode-se primeiramente afirmar que este tipo de projeto é muito necessário ao processo de formação destes futuros docentes, e também o quanto eles se identificaram de fato com a profissão escolhida, além de uma clara compreensão da importância de se estudar não somente a ciência da Matemática mas todas as demais ciências que fazem

parte da vida cotidiana de um professor como Educação, Psicologia e outras. Um outro ponto muito importante a ser destacado é que a experiência vivida pelos licenciandos foi importante para que percebam como as questões de relacionamento entre os estudantes e as suas vivências influenciam a sala de aula e mais o quanto o planejamento docente de cada aula faz a diferença para proporcionar segurança ao docente em formação e também aos estudantes quanto as particularidades de cada um. Todos os apontamentos feitos pelos bolsistas são expostos pela teoria de Educação Matemática, no qual cita-se alguns autores, também referendados no projeto e estudados por tais licenciandos, como: Basso (2003); D'Ambrosio (1996); Ponte, Brocardo, Oliveira (2006). Por fim, o projeto foi muito gratificante de ser construído, realizado e cumpriu seus objetivos muito além do esperado e planejado, pretende-se transformar este projeto em um Programa de Extensão para o curso de Licenciatura em Matemática no IFRS – *Campus* Osório e com mais professores envolvidos se possível. ■

Referências

BASSO, M. V. A. **Espaços de aprendizagem em rede**: novas orientações na formação de professores de matemática. Tese (doutorado). Programa de Pós-Graduação em Informática na Educação. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

D'AMBROSIO, U. **Educação Matemática**: da teoria a práxis. Coleção Perspectivas em Educação Matemática. Campinas, SP: Papyrus, 1996.

PONTE, J. P.; BROCARD, J. OLIVEIRA, H. **Investigações matemáticas na sala de aula**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

Uma atividade de extensão em educação continuada: um foco experimental no ensino de óptica no Ano Internacional da Luz

Luci Fortunata Motter Braun¹, Thomas Braun²

RESUMO

O relato descreve uma atividade de extensão³, na modalidade educação continuada, envolvendo professores de Ciências, Biologia, Química e Física da comunidade escolar do município de Osório. O tema desenvolvido foi relacionado à luz e suas tecnologias em consonância com a proposta da UNESCO de comemorar, no ano de 2015, o “Ano Internacional da Luz e das Tecnologias Baseadas em Luz”. Além da atualização no tema, o curso também capacitou os participantes no desenvolvimento de atividades experimentais e demonstrativas relacionadas ao ensino da óptica e oportunizou a troca de experiências didáticas. O interesse e a participação dos cursistas durante as oficinas foram grandes e eles relataram, ao final do curso, que se sentiram preparados e motivados para aplicar, em suas aulas, os conhecimentos teóricos e práticos adquiridos.

Palavras-Chave: Atividades demonstrativas e experimentais. Luz. Ensino de óptica. Educação continuada.

Introdução

O ano de 2015 foi proclamado pela UNESCO como o “Ano Internacional da Luz e das Tecnologias baseadas em Luz”, uma iniciativa mundial que visou “destacar a importância da luz e das tecnologias ópticas na vida dos cidadãos, assim como no futuro e no desenvolvimento das sociedades de todo o mundo” (UNESCO, 2015). Várias atividades para disseminar o tema e conscientizar sobre a

¹ Doutora em Ciências com ênfase em Física. Professora de Física no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) - Campus Osório. luci.braun@osorio.ifrs.edu.br

² Doutor em Ciências com ênfase em Física. Professor de Física do Instituto de Física da UFRGS. tbraun@if.ufrgs.br

³ A atividade de extensão teve apoio do Edital PROEX/IFRS nº 444/2014 - Fluxo Contínuo 2015.

importância da luz e suas aplicações tecnológicas foram desenvolvidas em muitos países e no Brasil, em particular, no IFRS *Campus* Osório.

A nossa contribuição para esta iniciativa da UNESCO foi oferecer o curso de extensão intitulado “Um FOCO experimental no ensino de óptica”. O público-alvo foi composto de professores de Ciências (habilitados para lecionar do 5º ao 9º ano do ensino fundamental) e professores de Biologia, Física e Química (habilitados para lecionar no ensino médio) das redes pública e privada do município de Osório.

Além da atualização em temas relacionados à luz e suas aplicações tecnológicas, o curso também priorizou a capacitação dos cursistas no desenvolvimento de atividades experimentais e demonstrativas relacionadas ao tema e oportunizou a troca de experiências didáticas entre os cursistas e entre estes e os professores ministrantes.

Metodologia

É indiscutível a importância da educação continuada no desenvolvimento e aperfeiçoamento profissional de qualquer docente. Concordamos com Cunha e Krasilchick (2000, p.2 e 5) quando, sobre a formação continuada de professores de Ciências, afirmam que “[...] cursos de formação continuada têm o papel não só de garantir a atualização dos professores, como também de suprir deficiências dos cursos de formação” e que “professores deverão atualizar-se constantemente, de modo que não só se mantenham informados sobre o progresso da Ciência e Tecnologia como também que estejam prontos para discutir o seu significado”.

Ademais, é só quando o professor exerce a prática docente que ele se depara com muitos dos problemas do processo de ensino-aprendizagem. Então, a participação em cursos de educação continuada poderia minorar os problemas, dando subsídios para o professor enfrentá-los e superá-los. Além disso, os espaços para formação continuada devem proporcionar uma oportunidade para reflexão sobre o seu papel de educador e a importância dos conteúdos que aborda para a formação cidadã dos seus educandos.

A metodologia utilizada neste curso baseou-se no pressuposto de que, num processo educativo, o contato entre o professor-tutor e cursistas e entre estes e seus alunos do ensino fundamental e médio deve ser construtivo e participativo, em que todos são considerados sujeitos da aprendizagem, parceiros na construção do conhecimento e não simples objetos de treinamento (DEMO, 1994). Nesse sentido, utilizamos a prática da reflexão em ação e sobre a ação (CANDAUI, 1996), em busca de alternativas que possibilitassem o aperfeiçoamento, a atualização do conhecimento científico e a instrumentalização dos professores cursistas, procurando contribuir para a melhoria da qualidade do ensino de Ciências, no tema relacionado à luz e suas tecnologias.

Oficinas

O curso foi presencial, consistindo de dez encontros de duas horas, com oficinas teórico-práticas, e priorizando o aspecto experimental. Os tópicos abordados foram: *Uma breve história da Luz, O que é a Luz, Por que a Luz é importante, Construção de uma câmara escura de orifício, Cor-luz e Cor-pigmento, Espalhamento da Luz na atmosfera: o azul do céu e o alaranjado do pôr do sol, Cromatografia em papel-filtro, Associação de espelhos, Construção de um caleidoscópio, Refração da Luz, Miragens, Fibras ópticas, Lente de aumento com gota d’água, Arco-íris, Laser, Luminescência, Led, Espectroscópios e a Difração da Luz, Polarização da Luz e Filmes 3D.*

Nos encontros, fez-se a revisão dos conceitos e fenômenos físicos (como reflexão, refração, difração, interferência e polarização) relacionados ao ensino da óptica, tendo a preocupação de alertar para os erros conceituais mais frequentes, as chamadas concepções alternativas (CA). As CAs são “significados contextualmente errôneos, não compartilhados pela comunidade científica” (SILVEIRA, 1992). Algumas destas concepções resultam da vivência do aluno, mas também podem ser reforçadas em sala de aula pelo professor em virtude de suas próprias deficiências conceituais ou na tentativa de fazer alguma analogia inadequada com o cotidiano. É desejado que o professor saiba identificar as CAs para desenvolver estratégias didáticas que promovam a mudança conceitual e, assim, maximizar a aprendizagem significativa dos conteúdos relacionados à óptica.



📌 **Figura 1.** Participantes trabalhando em uma das atividades experimentais do curso. **Fonte:** Autores do curso.

Ao longo dos encontros, sempre se fez a ligação entre a Física, a Química e a Biologia. Especificamente, quando se trabalhou com o fenômeno de polarização da luz, usamos como exemplo, na Biologia, o fato das abelhas localizarem sua colmeia através da polarização da luz solar e, na Química, a isomeria óptica, que é a propriedade de algumas substâncias de desviar para a esquerda ou para a direita (levógiro ou dextrógiro, respectivamente) a luz polarizada que as atravessa. Também se mostrou a aplicação da espectroscopia óptica na identificação de elementos químicos, pela composição da luz emitida por substâncias incandescentes (como chamas) e na análise da luz transmitida e absorvida, uma vez por extratos de folhas (estudo *in vitro*) e outra vez por folhas (estudo *in vivo*), permitindo reconhecer espectralmente pigmentos fotossintetizantes, como clorofila e carotenoides.

Com relação aos *lasers* e *leds*, discutimos os princípios físicos que fundamentam esses dispositivos e, muito importante, quais precauções adotar no seu manuseio.

Queremos destacar a ênfase dada, no curso, ao aspecto experimental, ao se oportunizar a elaboração de material experimental, utilizando material de baixo custo. A ideia foi capacitar os cursistas na confecção de experimentos que pudessem replicar em suas escolas.

A fim de consolidar o aprendizado no curso, na sua etapa final, cada participante elaborou um plano de aula, envolvendo um ou mais tópicos tratados no curso, e aplicou este plano em, pelo menos, uma das suas turmas na escola em que lecionava. Depois, cada cursista apresentou o seu relato desta experiência nos últimos encontros do curso.

Considerações finais

Em consonância com a proposta da UNESCO que foi comemorar o “Ano Internacional da Luz e das Tecnologias Baseadas em Luz”, o presente curso de extensão esteve focado em oferecer atividades para disseminar o tema e conscientizar sobre a importância da luz e suas aplicações tecnológicas.

Levando em conta os debates e as trocas de experiências didáticas que ocorreram nos encontros, o interesse e a participação demonstrados pelos cursistas foram grandes. O aproveitamento do curso foi alto, pois os participantes revelaram que se sentiram preparados e motivados para aplicar, em suas aulas, os conhecimentos teóricos e práticos adquiridos no curso. Os depoimentos dos oito cursistas concluintes sobre a aplicação, nas suas turmas, de algumas atividades práticas, revelou que seus alunos ficaram muito animados e interessados com essas atividades, principalmente com as demonstrações que envolviam *lasers* e a distinção entre cor-luz e cor-pigmento.

Constatamos que o curso alcançou os seus objetivos, pois proporcionou capacitação e atualização aos cursistas em temas relacionados à luz e suas aplicações tecnológicas. Durante o curso, revisaram-se os conceitos físicos relacionados à óptica, com a preocupação em alertar sobre os erros conceituais mais frequentes. Os participantes foram capacitados na montagem de experimentos e demonstrações, destacando-se a importância da luz e das tecnologias ópticas no cotidiano.

Enfim, o curso foi uma oportunidade para os participantes se atualizarem, se instrumentalizarem, se inspirarem e trocarem experiências didáticas. ■

Referências

UNESCO 2015. Disponível em: <<http://www.unesco.org/new/pt/brasil/pt/about-this-office/prizes-and-celebrations/2015-international-year-of-light/>>. Acesso em: 10 de abril de 2017.

CUNHA, A.M.O. & KRASILCHIK, M.A. **2000 A formação continuada de professores de Ciências**: percepções a partir de uma experiência. 23ª Reunião Anual da ANPEd, 2000. Disponível em: <<http://23reuniao.anped.org.br/textos/0812t.PDF>>. Acesso em: 21 de abril de 2017.

CANDAU, V.M.F. 1996. Formação continuada de professores: tendências atuais. *In*: REALI, A.M.M.R.; MIZUKAMI, M.G.N. **Formação de professores**: tendências atuais, São Carlos: EDUFScar. 182 p.

DEMO, P. 1994. **Qualidade e educação**. Campinas: Papyrus. 160 p.

SILVEIRA, F. L. 1992. **A filosofia das ciências e o ensino de ciências**. Em Aberto, Brasília, 11(55): 36-41.

Curso de extensão em Visual Merchandising

Regiane Dalarosa¹

RESUMO

Frente às constantes evoluções dos formatos comerciais, o varejo físico tem investido em alternativas para se reinventar. Nesse contexto, o visual merchandising torna-se um vetor de diferencial competitivo dentre as estratégias dos varejistas. Na perspectiva de proporcionar a capacitação de sujeitos para atuarem neste segmento em ascensão, criou-se o projeto de extensão que compreendeu a oferta de um curso de visual merchandising para a comunidade da região de Erechim. O objetivo do curso foi agregar conhecimentos acerca do processo de construção do visual de um ponto de venda. No curso, a metodologia teórico-prática resultou na construção de maquetes que reproduzissem interiores de lojas. Considerando que o *Campus* de Erechim possui cursos na área de Moda, optou-se por se fazer um recorte neste nicho de varejo. Assim, o projeto contribuiu para a formação global dos discentes da área, bem como para a capacitação da comunidade externa interessada em atuar neste segmento.

Palavras-chave: Extensão. Merchandising. Varejo. Moda.

Introdução

Diante das constantes evoluções de práticas comerciais, aliadas às mudanças de comportamento do consumidor, o varejo físico tem investido em alternativas para se reinventar. Com isso, as técnicas de visual merchandising ganham cada vez mais destaque dentre as ferramentas utilizadas nesse processo.

Nos últimos anos, o aumento das vendas on-line tem influenciado negativamente o crescimento das empresas que operam apenas no varejo físico. Isso porque o comércio eletrônico brasileiro vem se desenvolvendo de forma acelerada, ganhando participação sobre as vendas do varejo. O crescimento real do comércio eletrônico no Brasil foi de 34% em 2010, 20% em 2011, 15% em 2012, 22% em 2013 e 18% em 2014, enquanto as taxas de crescimento do varejo como um todo foram de 11% em 2010, 7% em 2011, 8% em 2012, 4% em 2013 e 2% em 2014 (SERRENTINO, 2017).

No entanto, devido a sua proximidade com o consumidor, o varejo físico tem a possibilidade de promover, através do espaço físico da loja, experiências sensoriais significativas que não seriam

¹ Especialista em Moda: Criação, Desenvolvimento e Comunicação. Docente no Curso Superior de Tecnologia em Design de Moda no IFRS - Campus Erechim. regiane.dalarosa@erechim.ifrs.edu.br

possíveis através da compra on-line. Exemplo disso são os signos arquetípicos e o próprio contato direto com os produtos que influenciam diretamente o comportamento do consumidor.

De acordo com Serrentino (2017), os consumidores não vão às lojas somente por necessidade. Os pontos de venda têm o poder de reinventar e dar valor aos produtos, gerar estímulos sensoriais, provocar emoção e promover experiências. Por isso, para que as pessoas continuem querendo comprar em lojas, elas terão que ser, cada vez mais, estimulantes e envolventes.

Desta forma, o visual merchandising pode ser compreendido como um vetor de diferencial competitivo dentre as estratégias dos varejistas.

O visual merchandising pode ser brevemente definido como qualquer técnica, ação ou material promocional usado no ponto de venda que proporcione informação e melhor visibilidade a produtos, marcas ou serviços, com o propósito de motivar e influenciar as decisões de compra dos consumidores (BLESSA, 2010).

Nesse sentido, toda a atmosfera de compra da loja, compatibilidade do ponto, conveniência do consumidor, tipo de fachada, vitrine, leiaute, iluminação, temperatura, cores, aroma e som precisam ser planejados em detalhes para que transmita ao público a informação que realmente a loja pretende passar.

Essa complexidade impõe desafios às organizações, que investem cada vez mais na construção de ambientes nos pontos de venda de forma a produzir identidade e conceito às marcas na busca por assumir uma posição de liderança no mercado onde atua.

Segundo Blessa (2010, p.154), “o merchandising bem feito numa loja traz as seguintes vantagens: aumenta a média geral de vendas e o índice de compra por impulso; desenvolve a fidelidade dos consumidores à loja; atrai novos clientes para a loja; e aumenta os lucros”. É importante ressaltar que o visual merchandising é uma ferramenta estratégica de marketing que exige planejamento e controle, pois sendo utilizada da maneira adequada faz com que a loja alcance resultados positivos.

Nesse contexto, a valorização e contratação de profissionais em visual merchandising tem se tornado cada vez mais comum no mercado de trabalho, justificando a importância do presente projeto que objetivou a capacitação de sujeitos que tenham interesse em atuar neste segmento em ascensão.

O projeto: Curso de extensão em Visual Merchandising

Na perspectiva de proporcionar a capacitação de sujeitos para atuarem neste segmento que está em constante ascensão, criou-se o projeto de extensão que compreendeu a oferta de um curso de visual merchandising para a comunidade da região de Erechim, Rio Grande do Sul.

O curso foi realizado entre os dias 23 e 27 de janeiro de 2017 e contou com a participação de 14 pessoas. Optou-se por ofertar o curso durante o período de férias letivas da instituição para facilitar a participação dos discentes do *Campus*.

O objetivo do curso foi agregar conhecimentos acerca do processo de análise, construção e manutenção do visual de um ponto de venda, tornando os participantes aptos a elaborarem e apresentarem projetos de visual merchandising.

A metodologia utilizada foi teórico-prática, com aulas expositivas nos períodos da manhã e práticas nos períodos da tarde, visando melhor associação dos conceitos trabalhados. As aulas práticas se deram por meio da construção de maquetes que representassem, detalhadamente, o interior de uma loja.

É importante ressaltar que as maquetes foram planejadas e desenvolvidas a partir de conceitos teóricos que envolveram: como trabalhar os sentidos sensoriais em um ponto de venda, identificar os diferentes tipos de consumidores, planejar diferentes leiautes de lojas, definir aromas, sons, cores e aplicar técnicas de exposição de produtos.



Figura 1. Exposição de maquetes criadas no curso. Fonte: Autora.

Ao final do curso, as maquetes foram expostas no bloco 3 do IFRS do *Campus* de Erechim, com o intuito de divulgar o projeto realizado.

Considerando que o IFRS do *Campus* de Erechim oferece cursos na área de Moda e Vestuário, optou-se por focar o curso de extensão em visual merchandising para o varejo de moda. Por isso, a maior parte da turma foi composta por discentes do Curso Superior de Tecnologia em Design de Moda, que ainda não possui em sua matriz curricular, uma disciplina dentre os componentes curriculares básicos, que contemple de forma ampla os conceitos de visual merchandising.

Assim, o projeto contribuiu para a formação global dos discentes da área de Moda, preparando-os para futuros desafios acadêmicos, bem como para atuarem neste crescente nicho de mercado de trabalho, conforme relato de uma participante:

“Com o curso de visual merchandising pude compreender todas as etapas necessárias para vender qualquer produto convencendo visualmente o consumidor. Acredito que a capacitação em visual merchandising é essencial para a formação de um Designer de Moda que pretenda atuar em todo o ciclo de produção de moda...” (discente do Curso Superior de Tecnologia em Design de Moda do *Campus* Erechim).



📍 **Figura 2.** Participantes do curso após montagem da exposição. *Fonte:* Autora.

Além disso, o projeto contribuiu para o reconhecimento da instituição pela comunidade externa, em especial, pelos profissionais e empresários do comércio regional, já que a temática vai de encontro a uma demanda da sociedade. ■

Referências

BLESSA, Regina. **Merchandising no ponto de venda**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2010.

SERRENTINO, Alberto. **O varejo físico versus o digital no Brasil**. Disponível em: <<http://onegociodo-varejo.com.br/o-varejo-fisico-versus-o-digital-no-brasil/>>. Acesso em: 27 de abril de 2017.

_____. **A loja do futuro em 10 pontos**. Disponível em: <<http://www.mundodomarketing.com.br/inteligencia/estudos/78/a-loja-do-futuro-em-10-pontos.html>>. Acesso em: 27 de abril de 2017.

Minicurso de extensão: gerenciamento de projetos em multissegmentos

Victor Meireles Alves¹, Antônio Carlos da Costa Valente²

RESUMO

Relato de desenvolvimento de minicurso de extensão voltado para área de Gerenciamento de Projetos com aplicação em multissegmentos empresariais, ministrado no IFRS-*Campus* Feliz com o objetivo de aprimorar a aprendizagem dos alunos do curso Superior de Tecnologia em Processos Gerenciais e a comunidade externa nas boas práticas de gestão mundialmente reconhecidas e consolidadas. A metodologia aplicada no curso buscou mesclar conhecimentos teóricos de Gestão de Projetos, associados a exemplos reais, e ao desenvolvimento de uma atividade prática em sala, englobando todas as áreas ligadas a projetos.

Palavras-chave: Gestão. Projetos. Empresas.

A aplicação das boas práticas do Gerenciamento de Projetos vem ganhando cada vez mais espaço dentro das empresas brasileiras, não se restringindo mais a empresas de grande e médio porte, mas também as de pequeno, que entendem a importância da aplicação de tais práticas mundialmente consolidadas, sendo referência no cenário nacional e internacional.

Pensando em benefícios, podemos identificar inúmeras vantagens na adoção dessas boas práticas de gerenciamento de projetos, principalmente no que tange a áreas como: gestão de pessoas, escopo, prazo, qualidade, comunicação, competitividade, entre outras, as quais se traduzem em retornos financeiros para o projeto final. Tais argumentos são comprovados pelo relatório Survey, 2016 do PMI (Project Management Institute), que aponta que os projetos que as adotam podem ser até 2,5 vezes mais eficientes do que aqueles que não adotam nenhuma ou poucas práticas de gestão de projetos.

Sobre esta ótica e com base nas necessidades do mercado e das empresas, as faculdades de todo o país, tanto em seus cursos de graduação como técnicos, vem buscando qualificar seus estudantes nesta importante base de conhecimento; muitos cursos de engenharia, tecnologia da informação ou administração, já contam em suas estruturas acadêmicas com a disciplina de Gerenciamento de Projetos, além de possuírem inúmeros cursos de pós-graduação voltados para esta área. Outro ponto relevante é que cada vez mais profissionais e estudantes têm buscado certificações voltadas

¹ Estudante do Curso de Tecnologia em Processos Gerenciais no IFRS - *Campus* Feliz, Engenheiro Civil, MBA em Gerenciamento de Projetos, docente na Ftec Faculdades, palestrante e sócio da Fives Gerenciamento e Assessoria. victor.aires1982@gmail.com

² Engenheiro civil, MBA em Gerenciamento de Projetos, docente na Ftec Faculdades, palestrante e sócio administrador da Fives Gerenciamento e Assessoria. antonio.valente@fives.eng.br

para área de gerenciamento, como PMP (Project Management Professional), Prince 2 (Project in Controlled Environments), CAPM (Certified Associate in Project Management), entre outras, que credenciam os profissionais como especialistas em gerenciamento de projetos, ou seja, o gerenciamento de projetos é uma tendência que veio para ficar, tornando-se gradativamente mais presente nos ambientes de trabalho.

Seguindo esta tendência mundial de aplicação da gestão de projetos em ambientes empresariais, foi proposta uma capacitação acadêmica, no IFRS-Campus Feliz, via um Minicurso de Gerenciamento de Projetos com foco para Multissetmentos. Este curso, direcionado para a comunidade externa e alunos do curso Superior de Tecnologia em Processos Gerenciais, abordou os principais conceitos de Gerenciamento de Projetos dentro de uma visão bastante simples e aplicada, de forma que os alunos pudessem entender um pouco mais sobre sua aplicação dentro de um ambiente empresarial e, com isso pudessem levar tal conhecimento, bem como a prática, para dentro das empresas, nas quais trabalham.



📌 **Figura 1.** Curso sendo ministrado. **Fonte:** Autores.

Para o curso ministrado, adotou-se como base bibliográfica a estrutura do Guia PMBOK, uma importante referência na área de gerenciamento de projetos, adotada por milhares de profissionais ao redor do mundo, a qual apresenta de forma bastante detalhada orientações baseadas em processos e áreas de conhecimento que, quando adotadas, nos permitem alcançar resultados positivos.

O curso foi realizado nos dias 19/11/2016, 26/11/2016 e 03/12/2016, sendo ministrado pelos engenheiros e professores Victor Meireles Alves e Antônio Carlos da Cosata Valente, e sua metodologia de ensino focou-se em 3 eixos:

Primeiro Eixo – Fundamentos e Construção da Maturidade: Entendimento do que é gerenciar um projeto, quais fatores são importantes serem construídos dentro das empresas, bem como promover a participação, envolvimento e comprometimento das pessoas, desde os níveis superiores até os inferiores, de forma que as boas práticas de gerenciamento possam ser aplicadas e, principalmente, para que os profissionais enxerguem a importância e benefícios da gestão de projetos.

Segundo Eixo – Conhecimento: Abordagem dos conceitos importantes para construção do planejamento. Através do guia PMBOK foi explicado a estrutura baseada nos grupos de processos, áreas de conhecimento e macroprocessos.

- **Grupos de processos:** Processos de iniciação, onde define-se o que é importante observar e registrar antes do início propriamente dito do projeto; o grupo processo de planejamento, onde a equipe estabelece quais áreas de conhecimento são importantes definir e quais os planejamentos que serão construídos; o grupo de processo de execução, onde a partir do planejamento construído a equipe gerencia e executa o projeto; o grupo de processo de monitoramento e controle, para que a equipe, além de executar, monitore e saiba o andamento a fim de que ações possam ser tomadas de forma a evitar e mitigar desvios em relação ao planejamento construído e, por fim, o grupo de processo de encerramento que preza pela formalização e aceite da entrega programadas.
- **Áreas de conhecimento:** Abordagem das 10 áreas de conhecimento do projeto, compostas pelo Escopo, Custos, Tempo, Qualidade, Recursos Humanos, Comunicações, Aquisições, Riscos e Partes Interessadas e Integração, detalhando e explicando a importância de cada uma dentro da construção do planejamento.
- **Macroprocessos:** O curso também buscou focar em alguns dos principais processos dentro dos 47 estabelecidos no Guia PMBOK, ligados às áreas de conhecimento e grupos de processos, traçando-se um paralelo entre estes e suas respectivas ferramentas com a realidade prática dos ambientes empresariais.

📍 **Figura 2.** Turma de alunos. *Fonte:* Autores.



Terceiro eixo – Aplicação: Aliada a toda esta base de conhecimento, os alunos trabalharam a aplicação em uma dinâmica prática, de forma a simular como seria construir um planejamento e conduzir um projeto alinhado com esta filosofia. Tal atividade propiciou aos alunos a oportunidade de enxergar fatores que geralmente falham no planejamento e como o mesmo poderia ser mais eficiente com a aplicação das boas práticas.

Considerações Finais

Normalmente, as disciplinas de gerenciamento de projetos são abordadas em cursos de graduação, técnicos e especializações com períodos superiores a 60 horas, logo este minicurso³, de curta duração, focou principalmente em aproximar os alunos, desta importante base de conhecimento. Como objetivo principal, o minicurso buscou, ainda, fazer com que o aluno pudesse entender como pequenas ações na condução dos seus trabalhos, podem se traduzir em melhores resultados além de trazer o conceito de melhoria contínua pessoal, ou seja, se o aluno continuar aplicando e buscando mais sobre este tema, poderá tornar sua empresa e o seu trabalho cada vez melhor, aumentando a probabilidade de sucesso em seus projetos.

Enfim, o Gerenciamento de Projetos chegou para ficar dentro das empresas e, desta forma, só cabe nos preparar e nos qualificar para mercado de trabalho competitivo e ávido por profissionais diferenciados e a Gestão de Projetos é um ótimo caminho a seguir. ■

Referências

KERZNER, H. **Gestão de Projetos – As melhores práticas**. 2ª Edição. Editora Bookman - 2006.

OFFICE OF GOVERNMENT COMMERCE. **Gerenciando Projetos de Sucesso com PRINCE2**. 1ª Edição. Editora TSO, 2011.

PROJECT MANAGEMENT INSTITUTE. **Um Guia do Conhecimento em Gerenciamento de Projetos** (Guia PMBOK®). 5ª Edição. Editora Saraiva, 2013.

PROJECT MANAGEMENT INSTITUTE. The High Cost of Low Performance: How will you improve business results?; *In: Pulse of the Profession 8th Global Project Management Survey*. Newtown Square, PA 19073-3299 USA, 2016.

³ Uma segunda edição do curso foi realizada nos dias 01/04, 13/05 e 03/06 do ano de 2017.



Departamento de Comunicação
Reitoria IFRS
Telefone: (54) 3449.3397
E-mail: comunicacao@ifrs.edu.br




**INSTITUTO
FEDERAL**
Rio Grande
do Sul

ViverIFRS

Revista da Pró-reitoria de Extensão do IFRS
Rua General Osório, 348 - Sala 601 - Centro
CEP: 95700-000 - Bento Gonçalves/RS
Telefone: (54) 3449-3315

proex@ifrs.edu.br
<https://periodicos.ifrs.edu.br/index.php/ViverIFRS>